

IMVF - Instituto Marquês de Valle Flôr
Artissal - Associação de Tecelões da Guiné-Bissau

POTENCIALIDADES E CONSTRANGIMENTOS
DO TURISMO SOCIALMENTE RESPONSÁVEL
NA REGIÃO DE BIOMBO

Projecto OntunLan N'do Botôr
Turismo Socialmente Responsável
no Sector de Quinhamel

DCI-NSA/2008/168-752

Brígida Rocha Brito

Março de 2009

Ficha Técnica

Coordenação e Autoria do Estudo

Brígida Rocha Brito

Revisão

IMVF

(Gonçalo Marques, Teresa Nogueira Pinto e Rita Caetano)

com Ana Mafalda Damião

Composição e Edição

IMVF

Concepção Gráfica

Matrioska Design, Lda

Impressão e Acabamento

Co-Financiamento

Comissão Europeia

Depósito Legal

Tiragem

Nota Prévia	7
Apresentação do Estudo	9
1. Considerações sobre o Turismo Responsável	11
2. O Estudo no quadro do Projecto OntunLan N'do Bôtor	16
3. Questões metodológicas para a Realização do Estudo	17
 I. Guiné-Bissau: um destino turístico potencial na África Ocidental	21
1. Alguns Elementos de Caracterização	23
2. O Turismo na Guiné-Bissau	29
2.1. Caracterização da Oferta Turística	32
2.2. Acessibilidades e Comunicações	36
2.3. Infraestruturas Básicas	39
2.4. Outros Serviços de Apoio ao Turismo	42
 II. Turismo na região de Biombo	47
1. Aspectos facilitadores e potencialidades	48
1.1. Elementos Étnicos e Culturais	49
1.2. A Diversidade Ambiental	52
1.3. As acessibilidades e a proximidade de Bissau	55
1.4. As ligações a outras regiões	58
2. Factores constrangedores	59
2.1. Infraestruturas de ligação, transportes e sinalética	60
2.2. Oferta de serviços complementares	62
2.3. Serviços de saúde e saneamento	64
2.4. Comunicações	66
2.5. Marketing Turístico	66
3. Identificação e caracterização do Turista Potencial de Biombo	69
 III. Propostas e Recomendações	73
1. Formas de envolvimento dos Actores Locais	73
2. Reforço das potencialidades criando oportunidades	76
2.1. Valorização étnica e cultural	77
2.2. Produção e disponibilização de materiais de enquadramento	79
2.3. Criação de estruturas de apoio	81
2.4. Identificação de Rotas, Circuitos e Actividades	82
2.5. Promoção de ligações inter-regionais	85
2.6. Acções de divulgação internacional	86
3. Implementação de acções integradas	86
3.1. Formação	87
3.2. Recolha e limpeza de lixos	89
3.3. Valorização dos Pormenores	91
 Fontes consultadas	93
 Anexos	97
A. Programa da Missão	99
B. Mapas	103
C. Guião de Entrevista	105
D. Proposta de Planeamento de Formação	107
E. Fotografias	115

NOTA PRÉVIA

Para a realização do Diagnóstico “Potencialidades e Constrangimentos do Turismo Socialmente Responsável na Região de Biombo” foi utilizada metodologia diversificada, valorizando-se os contactos directos com diferentes actores locais. O Estudo foi viabilizado graças ao apoio e à colaboração da equipa da Artissal e dos interlocutores locais identificados e contactados que, em conjunto, contribuíram directa e indirectamente para a recolha de informações, pelo que expresso o meu reconhecido agradecimento. Pela disponibilidade na colaboração e pelo contributo efectivo, gostaria de destacar:

- Os responsáveis da Artissal, nomeadamente o Presidente, Maximiano Ferreira, e a Directora Executiva, Mariana Ferreira, pela facilitação do conhecimento local e directo de toda a região de Biombo, viabilizando a realização das visitas a todos os locais solicitados com acompanhamento permanente, pela disponibilização de materiais e também por se terem revelado verdadeiros anfitriões, com excelente acolhimento, permitindo uma estadia muito confortável;
- Aos funcionários e colaboradores da Artissal, em particular ao Director das Unidades de Fabrico, José Augusto Dju, ao motorista, Apati Martins e ao cozinheiro, Fernando, que contribuíram de forma determinante para uma permanência agradável e boa prossecução das actividades previstas;
- Aos tecelões e costureiras da Artissal que, através do empenho e dedicação ao trabalho, criaram um ambiente inspirador contribuindo para o enquadramento do trabalho de sistematização dos dados recolhidos dia-a-dia;
- Ao Director-Geral do Turismo, Francisco José da Costa, pela facilitação na realização da entrevista e disponibilização de informações relevantes para a prossecução do Estudo;
- Ao Sr. Lobato, Presidente da Associação de Hotelaria, Restauração e Turismo da Guiné-Bissau (AHRGTGB) por ter, uma vez mais, acedido a colaborar na recolha e actualização de dados referentes às iniciativas turísticas e aos serviços complementares, bem como a conceder entrevista;

- Ao Director do Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP), Alfredo Simão da Silva, pela total disponibilidade na facilitação de elementos cartográficos e outros recursos indispensáveis à prossecução da análise;

- Aos Régulos da Região de Biombo e Chefes das Tabancas visitadas, pela receptividade demonstrada em colaborar informalmente na disponibilização de informações e nos registos fotográficos, nomeadamente: o Régulo de Biombo, Djolonga (João António Longa); o Régulo de Tor, N'Koia (N'Koia KÓ); o Régulo de Quinhamel e Balobero, N'Sasso (N'Sasso Ka);

- Aos membros das comunidades locais visitadas, pela hospitalidade e simpatia no acolhimento.

Agradeço ainda a atenção e disponibilidade dos Doutores Gonçalo Marques e Diogo Ferreira do Instituto Marquês de Valle Flôr, com os quais mantenho contacto permanente, pelo esclarecimento atempado de todas as dúvidas e resolução de questões operativas.

Apresentação do Estudo

“O turismo solidário
agrupa todas as formas de turismo alternativo
que colocam no centro da viagem
o homem e o encontro
e que se inscrevem numa lógica de
desenvolvimento dos territórios.
Os fundamentos deste tipo de turismo são:
o envolvimento das populações locais
nas diferentes fases do projecto turístico;
o respeito pela pessoa,
pelas culturas e pela natureza;
e uma distribuição mais justa dos recursos gerados.”

Union Nationale des Associations de Tourisme (UNAT), 2002

O Estudo “Potencialidades e Constrangimentos do Turismo Socialmente Responsável na Região de Biombo” é uma das primeiras acções¹ desenvolvidas no âmbito do Projecto OntunLan N’do Botôr, Turismo Socialmente Responsável no Sector de Quinhamel (OntunLan), tendo resultado da realização de uma missão para reconhecimento, que teve lugar em Janeiro de 2009. No decorrer da missão destinada ao levantamento, identificação e avaliação das potencialidades e dos constrangimentos do Turismo na Região de Biombo, foi utilizada metodologia diversificada, privilegiando-se técnicas de natureza qualitativa (entrevista, observação directa, registo escrito e fotográfico), complementadas com técnicas quantitativas (recolha de dados quantitativos actualizados para posterior análise e contextualização, como dados estatísticos, e elementos cartográficos).

Dado que o Projecto OntunLan visa a criação, implementação e desenvolvimento de uma iniciativa turística no Sector de Quinhamel vocacionada para segmentos alternativos, dando prioridade à valorização das comunidades locais directa e indirectamente envolvidas, a recolha de dados e as visitas realizadas tiveram como linha orientadora a dimensão da responsabilização ética dos diferentes actores envolvidos ou a envolver.

¹ Além do Diagnóstico “Potencialidades e constrangimentos do Turismo Socialmente Responsável na Região de Biombo” estão previstas outras acções, nomeadamente um Estudo de Mercado, Assistência Técnica e Capacitação, incluindo formação e definição do modelo de gestão, intercâmbio e troca de experiências (IMVF, 2008).

1. Considerações sobre o Turismo Responsável

Pelas características inerentes, o turismo é vulgarmente definido como um sector económico dinâmico, potenciador de desenvolvimento social e de valorização cultural, sendo assim, simultaneamente, considerado como uma actividade económica e um fenómeno social que envolve actores, motivações, expectativas e a prossecução de um conjunto de práticas diversificadas.

Independentemente da forma como se definem ou classificam, as actividades turísticas podem ser analisadas com base em alguns elementos, tais como (Brito, 2009: 15): ser um fenómeno humano, social e cultural; ter um carácter temporário, porque limitado no tempo; depender de motivações; traduzir-se no estabelecimento de relações entre os diferentes actores envolvidos; ser referenciado a meios ambientais (rurais, costeiros, urbanos); produzir impactos, positivos e negativos, que requerem planeamento, regulação e controlo. De uma forma geral, pode considerar-se o turismo como um sector prioritário e estratégico para a promoção de mudanças, com valorização das diferentes áreas de intervenção (económicas, socioculturais e ambientais).

Actualmente, a nível internacional, o sector do turismo apresenta uma grande diversidade de possibilidades, que se traduzem na emergência de diferentes segmentos, podendo coexistir num mesmo destino práticas tradicionais ou convencionais e as novas formas, também denominadas de alternativas². Nas primeiras, as linhas de orientação são caracteristicamente economicistas, evidenciando excessiva preocupação com a valorização do lucro e a rentabilização do investimento realizado, secundarizando as dimensões social, cultural e ambiental. As novas formas de turismo são, por definição, opostas às convencionais apresentando alternativas na concepção dos modelos estratégicos, na definição das técnicas e dos instrumentos e principalmente no enfoque dado às dimensões social, cultural e ambiental.

² O conceito de Novo Turismo foi apresentado na Conferência de Manila em 1980, com clarificação dos critérios que permitem distinguir as práticas turísticas convencionais das alternativas, passando a defender-se princípios valorativos de preservação patrimonial, seja natural, histórica, arquitectónica, cultural ou humana, associada à promoção do desenvolvimento nas diferentes dimensões consideradas, realçando a perspectiva da localidade (Brito, 2000).

Com o tempo, os segmentos alternativos emergentes adquiriram uma importância crescente por demonstrarem ser possível, no longo prazo, a complementaridade na produção de benefícios económicos e sociais associados à valorização das práticas culturais ancestrais e das características ambientais dos diferentes meios de enquadramento. Estas iniciativas são profundamente marcadas por princípios de localidade, em que as comunidades são entendidas como agentes privilegiados de mudança por serem, mais do que beneficiárias, os principais actores do processo. Cabe aos grupos comunitários, através da adopção de atitudes proactivas, envolverem-se de forma efectiva, empenhada, interessada, participada e participativa em todas as acções promovidas, desde a concepção até à execução. Neste sentido, a conceptualização das formas turísticas alternativas é enquadrada pelas abordagens diferenciadoras do desenvolvimento, sobretudo nas vertentes participativa, comunitária, local e sustentável, o que implica necessariamente uma valorização da responsabilização social.

Independentemente do segmento considerado, o turismo é um sector que resulta do estabelecimento de relações entre diferentes actores, destacando-se, por um lado, o turista, visitante ou viajante, tecnicamente qualificado de *outsider* e, por outro lado, as comunidades locais, residentes, de acolhimento, ou *insider*.

Para o turista ou *outsider*, a viagem, deslocação ou simples visita é entendida como uma possibilidade acrescida de, em momentos de férias ou lazer, ou seja num período de tempo limitado, conhecer e usufruir de todas as potencialidades que um meio diferente do da residência habitual lhe oferece, aprofundando conhecimentos e rentabilizando, a nível pessoal, as experiências vividas e consideradas únicas. A viagem é concebida como um período excepcional em que existe a expectativa de optimização de todos os momentos, em favor do enriquecimento das vivências. Assim, no contexto das formas alternativas de turismo, as actividades a desenvolver devem prever a possibilidade de conciliar o contacto com comunidades locais caracterizadas por elementos socioculturais e produtivos específicos, tais como formas particulares de organização social, práticas culturais ancestrais e rituais, produção artesanal, comemoração de datas festivas, incluindo religiosas, e momentos cerimoniais.

As comunidades locais, ou *insider*, são, de uma forma geral e abrangente, todas as pessoas, incluindo grupos, com as quais o turista contacta durante o tempo de estadia ou visita e que, por esta razão, o acolhem. Por característica, os factores motivacionais das populações locais para o turismo relacionam-se directamente com a possibilidade de criar, aumentar e diversificar oportunidades que, na maioria dos casos, são identificadas com o incremento dos rendimentos familiares. Neste sentido, é também considerada a valorização

da formação e da qualificação porque entendidas como recursos necessários para o incremento da capacidade económica e financeira das famílias e, de forma consequente, para a valorização do bem-estar. Na viagem socialmente responsável, são considerados como requisitos do viajante: a capacidade de se informar previamente sobre o destino; o interesse permanente em aprender e aprofundar o conhecimento anterior acerca das características locais no que concerne à forma de organização social, princípios valorativos e culturais dominantes, práticas, representações e símbolos, história e património construído, elementos naturais, espaços, paisagens e espécies. Por outro lado, é considerado como um critério relevante, a disponibilidade e a receptividade em interagir de forma responsável e consciente com as comunidades locais, o que implica o reconhecimento e o respeito pelas diferenças. Um turista responsável é o que adopta comportamentos criteriosos e atitudes éticas com valorização das identidades culturais locais, sem impor formas de pensar, de agir ou de se relacionar.

Os destinos turísticos que se adequam às expectativas do viajante responsável reúnem, necessariamente, um conjunto de particularidades que lhe conferem a qualificação de locais diferentes: conciliam a existência de comunidades ancestrais que estabelecem uma relação identitária com os espaços; são dotadas de elementos culturais únicos; desenvolvem práticas rituais fundamentadas em sistemas simbólicos; e reforçam diária e, muitas vezes, inconscientemente o sentimento de pertença. De uma forma geral, estes destinos são ainda marcados pelo exotismo das paisagens, que é também evidenciado através dos hábitos e das formas de vida caracteristicamente diferentes daquelas com que o viajante responsável contacta no seu dia-a-dia. Contudo, e de forma coincidente, uma grande parte dos destinos procurados pelo turista responsável destaca-se pela situação de precariedade socioeconómica em que as populações locais vivem.

O turismo responsável passou, assim, a ser entendido como um segmento que viabiliza a satisfação das expectativas dos viajantes responsáveis e das comunidades locais por ser criador de uma multiplicidade de oportunidades a médio e a longo prazo, o que significa que contém uma dimensão de sustentabilidade. Assim:

1. O viajante encontra de forma espontânea e, muitas vezes, em bruto as paisagens, as espécies de flora e de fauna, a natureza e os grandes espaços, sem que tenha existido intervenção humana no sentido da sua transformação. Durante a viagem tem a oportunidade de contactar com comunidades ancestrais que se caracterizam por elementos culturais tradicionais, desenvolvendo práticas enraizadas e reproduzidas através do costume e da tradição oral. Por fim, durante a viagem pode aprender e valorizar-se a nível pessoal, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades com as quais contacta, trocando

experiências e partilhando conhecimentos com um espírito solidário, que se traduz no envolvimento possibilitado por estadias participativas;

2. As comunidades locais encontram nas iniciativas de Turismo Responsável um leque alargado de oportunidades, no sentido da promoção das condições de vida, ou seja, maior acesso a acções de formação e qualificação, incremento da oferta de emprego, regularidade na obtenção de rendimento, diversificação das actividades económicas, com valorização das artesanais e tradicionais, acesso aos benefícios resultantes da criação de infraestruturas de ligação (estradas, pontes, embarcadouros), de comunicação (antenas de telemóvel, postos públicos de internet) e de saneamento (pontos de recolha de água, electricidade). Paralelamente, as identidades comunitárias são reforçadas pela valorização dos elementos culturais ancestrais, que se vão reavivando e perpetuando por repetição e, por fim, pelas características inerentes a estes segmentos turísticos, a solidariedade e a responsabilidade partilhada são estimuladas não apenas entre viajantes e comunidades locais mas, principalmente, no interior dos grupos comunitários e entre estes e os promotores das iniciativas.

Nos contactos e relações interpessoais estabelecidos é esperado que o princípio ético do respeito pelas diferenças esteja garantido já que, no longo prazo, estes encontros representam a possibilidade de se criarem novas oportunidades, estimulando o desenvolvimento local e a valorização da satisfação pessoal dos diferentes actores envolvidos. Da forma inversa, se a responsabilização e o respeito não estiverem assegurados, os impactos decorrentes do turismo tendem a ser negativos pelo não cumprimento das expectativas anteriormente criadas, podendo dar origem a novas situações de desestruturação social, agravamento da precariedade económica, pobreza e exclusão. Assim, torna-se necessário planear as actividades de forma a minimizar os riscos, a corrigir os efeitos indesejados e a potenciar os resultados.

Para que o Turismo Socialmente Responsável seja possível é necessário definir prioridades de forma ponderada, planeando todas as actividades a implementar. Identificar, definir e programar o desenvolvimento deste segmento pressupõe que a região seja considerada rica do ponto de vista sociocultural, ambientalmente atraente pela beleza, diversidade e estado de preservação das paisagens e pela conservação de espécies de flora e de fauna, dotada de condições de paz, estabilidade e segurança, acessível a partir do exterior e com acessibilidades internas que permitam deslocações e visitas, dispondo de meios e de condições suficientes para uma estadia durante o tempo desejado.

Na verdade, a nível internacional, apesar das iniciativas convencionais de turismo continuarem a ter procura, os segmentos alternativos têm adquirido uma importância crescente, em grande medida reforçada pela acção de um conjunto alargado de Organizações Internacionais³, com particular destaque para a Organização Mundial de Turismo.

Nos últimos anos, a consciencialização acerca dos impactos negativos do turismo caracteristicamente massificado aumentou, o que se pode justificar pelo seguinte: percepção de que existe uma real dificuldade, ou impossibilidade, em reter localmente os benefícios económicos gerados; precariedade do emprego criado, dependente das flutuações do mercado e por vezes da sazonalidade da actividade, associada a baixas remunerações e à inexistência de benefícios sociais associados; tendência para a descaracterização cultural; desvalorização do ambiente com exercício de uma pressão acrescida e continuada sobre os ecossistemas, incluindo os mais frágeis e classificados como ameaçados.

Os segmentos turísticos alternativos, que têm sido particularmente valorizados, são os denominados de socialmente responsáveis, justos, éticos, solidários e sustentáveis que, na verdade, estão conceptual, metodológica e estrategicamente relacionados. A tipologia do Turismo Socialmente Responsável é enquadrada pelos princípios valorativos da responsabilização, justiça e equidade, implicando uma dimensão de solidariedade na relação estabelecida entre o viajante, as comunidades envolvidas e mesmo entre os membros dos grupos comunitários. Neste sentido, e tendo presentes as motivações inerentes a esta prática, durante a estadia, o viajante procura contribuir participando e envolvendo-se no processo de desenvolvimento das comunidades locais, no sentido da redução da pobreza e da identificação de alternativas socioeconómicas viáveis a nível local. Durante a visita é esperado que o turista socialmente responsável e solidário colabore com os grupos directamente envolvidos na prossecução de actividades específicas ou que, em alternativa, direcione uma parte do custo da viagem para o financiamento de projectos locais de base comunitária.

³ A Organização Internacional do Turismo através da Conferência de Manila (1980), da Carta do Turismo e do Código do Turista adoptados em Sofia (1985), da Declaração de Tamanrasset (1989), das resoluções apresentadas na Conferência de Otava (1991), da Carta do Turismo Sustentável (1995), do Código Ético Mundial para o Turismo (2001), do programa *ST-EP Sustainable Tourism Eliminating Poverty* (2002), da Resolução das Nações Unidas sobre o Turista Responsável e o Viajante (2005). A *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD) através de diversas conferências internacionais; a Organização Internacional do Trabalho (OIT) com o contributo para a promoção do turismo comunitário, através da Redturs (Rede de Turismo Comunitário Latino-Americana); ou, mais recentemente, os Fóruns Internacionais de Turismo Solidário (Marselha, 2004; Chiapas, 2006; Bamako, 2008). Ainda a destacar as experiências britânicas do *Tourism Concern e Pro-Poor Tourism*; e a experiência africana *Fair Trade in Tourism South Africa* (FTTSA) aplicando os critérios do comércio justo ao turismo.

Este segmento turístico pressupõe a existência de um projecto de desenvolvimento comunitário que viabilize o enquadramento das actividades propostas, fundamentando-se em princípios equitativos e justos de interacção social com a preocupação da sustentabilidade. Também por característica pode ser definido como um micro-turismo, já que se caracteriza pela pequena dimensão estando orientado pela regra dos 3 P's (Marques, 2009: 93): “poucos visitantes”, centrando-se na valorização de grupos de pequenas dimensões (12 pessoas no máximo); “pouco tempo”, já que, em média, as estadias não ultrapassam os 10 dias; “poucos meses”, visto que, em muitas circunstâncias, o acolhimento é estrategicamente sazonal, porque entendido enquanto um complemento das actividades tradicionais regulares.

2. O Estudo no quadro do Projecto OntunLan N'do Bôtor

O Estudo “Potencialidades e Constrangimentos do Turismo Socialmente Responsável na Região de Biombo”, é um dos instrumentos metodológicos do “Projecto OntunLan N'do Bôtor - Turismo Socialmente Responsável no Sector de Quinhamel” (Projecto), promovido em parceria (PD) pelas Organizações Não Governamentais de Desenvolvimento (ONGD) Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF) e Associação dos Tecelões da Guiné-Bissau (Artissal), com financiamento da União Europeia (DCI-NSA/2008/168-752).

O objectivo geral do Projecto, definido pela parceria de desenvolvimento (PD), é contribuir para o crescimento socioeconómico, reduzindo a situação de pobreza no sector de Quinhamel (IMVF, 2008), sendo o objectivo específico o desenvolvimento de um produto turístico sustentável que permita estimular e dinamizar a economia local, valorizando os traços culturais tradicionais e as características ambientais da região. Para a prossecução dos objectivos propostos, a PD prevê a adopção de metodologias participativas, com envolvimento das comunidades locais residentes no sector de Quinhamel, tendo como preocupação principal a criação de novas oportunidades através do incentivo e do reforço de actividades económicas complementares de pequena dimensão, entre as quais o artesanato, a produção agropecuária e piscícola e o comércio local. Tendo em conta a experiência da Artissal, organização local promotora da iniciativa, o segmento turístico a privilegiar centra-se na valorização das culturas locais e na sua expressão, nomeadamente o artesanato produzido pela etnia Papel, representando um instrumento facilitador da divulgação de tradições e de práticas, incluindo rituais e cerimoniais. A possibilidade de dar a conhecer a forma como as comunidades vivem e o que produzem, os elementos simbólicos de referência, as práticas culturais, as crenças e os momentos festivos são entendidos como um instrumento reforçador das identidades comunitárias e da manutenção de uma cultura ancestral.

Estima-se que o número de beneficiários do Projecto ascenda a 35.000 pessoas, coincidindo com a população total do sector de Quinhamel (IMVF, 2008). Contudo, face à dimensão da Região de Biombo, à proximidade da Bissau e à possibilidade de se estabelecerem ligações com outras regiões, este número previsional poderá, eventualmente, ser incrementado. Entre os beneficiários directos do Projecto encontram-se os técnicos da Artissal, os grupos residentes na região a viver em situação de vulnerabilidade, entre os quais se destacam as mulheres e os jovens, os agentes privados como agências e operadores turísticos, outros promotores de hotelaria e de restauração, prestadores de serviços nas áreas dos transportes e das comunicações e as entidades oficiais, como a Direcção-Geral do Turismo. Os beneficiários indirectos são todos os residentes na região de Biombo, podendo alargar-se o âmbito regional às populações de outras regiões com as quais se venham a estabelecer ligações através de parcerias.

Em termos geográficos, o Projecto será implementado na zona oeste da Guiné-Bissau, envolvendo directamente três sectores aos quais corresponde um total de 838,8Km², ou seja o equivalente a 2,32% do território nacional, a saber: Quinhamel; Prábis; Safim. A região de Biombo faz fronteira com Bolama-Bijagós, Cacheu, Óio, e o Sector Autónomo de Bissau (SAB). Biombo é uma região dotada de diversidade paisagística que inclui áreas florestais, savana, palmar, mangal, lala e costa, bem como de riqueza sociocultural em resultado da presença de diferentes grupos étnicos, destacando-se os Papel, os Balanta, os Manjaco e os Mancanha.

Face às características ambientais e culturais, a região reúne um conjunto de elementos, que podem ser considerados como estratégicos, para a implementação e desenvolvimento de um projecto turístico, pelo que se procedeu à sua identificação e classificação de forma criteriosa.

3. Questões Metodológicas para a Realização do Estudo

Para a prossecução do Estudo foram seleccionadas técnicas de recolha e de análise de dados, tendo presentes os objectivos do Projecto, as características da região e a experiência anterior de elaboração de diagnósticos sobre as potencialidades e os constrangimentos para o desenvolvimento do turismo em contexto africano⁴ (Brito, 2007).

⁴ Cf. BRITO, Brígida (2007). Estudo das Potencialidades e dos Constrangimentos do Ecoturismo na região de Tombali. (ONG-PVD/2004/095-097), Lisboa, Instituto Marquês de Valle Flôr, Acção para o Desenvolvimento (103 pp).

O planeamento da missão⁵, destinada à recolha de dados e à observação directa de locais e comunidades, teve como ponto de partida alguns instrumentos anteriormente utilizados para identificação de factores potenciais e constrangedores, seguindo as tipologias e os indicadores propostos pela Organização Mundial do Turismo (OMT/WT0). Do ponto de vista metodológico, foram privilegiados dados que viabilizassem a caracterização do turismo no contexto da Guiné-Bissau, com base em indicadores referentes ao fluxo de viajantes estrangeiros, características da oferta de serviços turísticos directos e complementares (agências de viagens, hotelaria, restauração, serviços de apoio como saúde, transporte, lazer, artesanato e manifestações culturais, por exemplo), particularidades ambientais, elementos patrimoniais e especificidades culturais.

De acordo com o planeamento acordado com a PD, a metodologia adoptada para a realização do Estudo privilegiou três momentos principais, a saber:

1. A fase preparatória e de planeamento da missão, que implicou uma pesquisa prévia com consulta e análise de fontes primárias e secundárias, bibliográficas, documentais e cartográficas, viabilizando a recolha e selecção de dados de caracterização da Região de Biombo face ao contexto nacional da Guiné-Bissau (identificação dos principais elementos de caracterização geográfica e ambiental; indicadores sociodemográficos e económicos; referências culturais; elementos históricos de relevo do ponto de vista regional). Nesta fase preparatória foram privilegiadas consultas a sites de instituições: nacionais, como o Instituto Nacional de Estatística e Censos (INEC), e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), para recolha de estatísticas nacionais actualizadas; de organismos internacionais como o PNUD e o Banco Mundial, com a preocupação de complementar informação e projecções;

2. A segunda fase correspondeu à missão propriamente dita, com trabalho de campo na Guiné-Bissau, onde foram desenvolvidas diferentes técnicas de recolha de informação, tais como contactos informais com informantes privilegiados, entrevistas aos dinamizadores do Projecto e aos representantes institucionais (cf. Anexos), visitas e observação directa com registo. A adopção destas técnicas teve o objectivo de identificar, o mais exaustivamente possível, as potencialidades e os constrangimentos para o desenvolvimento do turismo na Região de Biombo, principalmente no que respeita ao segmento considerado;

⁵ O Planeamento da Missão foi antecipadamente apresentado aos representantes da PD e com eles discutido e acertado, nomeadamente à Dra. Mariana Ferreira da Artissal e aos Drs. Gonçalo Marques e Diogo Ferreira do IMVF.

3. A terceira fase consistiu na análise da informação recolhida nas duas fases anteriores culminando na redacção do Estudo.

Durante a missão de recolha de dados, o acompanhamento e a participação de dois técnicos da Artissal⁶ nas visitas e no estabelecimento de contactos com as comunidades locais, incluindo as autoridades tradicionais, os Régulos, foi determinante. Diariamente foi efectuado um balanço com os responsáveis da Artissal, destacando-se os pontos fortes observados e entendidos como potenciais, assim como as fragilidades identificadas, concebidas como constrangedoras para o desenvolvimento do turismo. No final da missão os elementos sistematizados foram discutidos com os responsáveis locais do Projecto e, mais tarde, apresentados aos responsáveis pela PD em Lisboa.

Seguindo a metodologia participativa e procurando envolver os actores locais, no último dia de missão foi realizada uma reunião com os responsáveis da Artissal e com o grupo de tecelões, no sentido de apresentar as linhas de orientação do Estudo.

⁶ Foi de grande relevância o acompanhamento do motorista Apati Martins, bem como o apoio e a colaboração do Director das Unidades de Fabrico, José Augusto Dju que, por pertencer à etnia Papel, foi um elemento facilitador nos contactos com as comunidades e nas visitas aos Régulos de Biombo (Djolonga), de Tor (N'Koia) e de Quinhamel (N'Sasso).

1. Guiné-Bissau: um destino turístico potencial na África Ocidental

A República da Guiné-Bissau é um país de território misto, continental e insular, de pequena dimensão⁷ (36.125Km²) e geograficamente localizado na costa ocidental do continente africano, fazendo fronteira a sul e a este com a Guiné Conacri, a norte com o Senegal, estando fortemente influenciado pelo Oceano Atlântico, a oeste, por referência ao Arquipélago dos Bijagós⁸.

O País é caracterizado por uma paisagem mista, tendencialmente plana, em que a altitude máxima não ultrapassa os 300 metros, mas rica em diversidade, existindo diferentes ecossistemas, entre os quais se destacam as florestas, as savanas arbustivas, os palmares, o mangal, a lala de água doce e salgada, a bolanha e as praias. Toda a paisagem é marcada por uma extensa rede hidrográfica que, além de conferir um traçado particular ao relevo, influencia a vida económica e produtiva das populações, com destaque para as que residem em meio rural, já que as actividades agrícolas e piscícolas continuam a ter relevância sendo as mais importantes, mobilizando um elevado número de pessoas e contribuindo para a aquisição do rendimento familiar.

Tendo por referência o contexto nacional e os elementos paisagísticos mais relevantes é habitual identificar-se quatro grandes regiões: (1) a zona costeira, caracteristicamente plana e influenciada por estuários largos e profundos, predominando os ecossistemas de mangal, floresta e pântanos; (2) as áreas de planície situadas acima do nível do mar, destacando-se a savana arbustiva ao norte e a floresta subhúmida ao sul; (3) as colinas e os planaltos a leste; (4) o arquipélago dos Bijagós, naturalmente insular, com destaque para as praias rodeadas de vegetação. Qualquer uma das grandes áreas consideradas é rica em biodiversidade de fauna e flora, situação evidenciada pelo lema adoptado pelo Ministério do Turismo em acções de divulgação “Guiné-Bissau, País de Biodiversidade”. A existência de diversidade animal e vegetal, principalmente em área protegida, representa um factor potencial para a promoção e para o desenvolvimento de iniciativas turísticas.

Além dos elementos ambientais fortemente potenciais para o turismo, os indicadores de caracterização do país evidenciam riqueza e diversidade cultural, comprovada pela existência de uma multiplicidade de grupos étnicos dotados de identidades próprias que, através da repetição de práticas e de rituais, perpetuam a tradição e a ancestralidade. Os elementos culturais e simbólicos são, em algumas regiões e para determinados grupos étnicos, reforçados pela vivência histórica, rica em acontecimentos que, na actualidade, revestem também interesse turístico por traduzirem uma identidade nacional reforçada por identidades étnicas.

⁷ O território nacional da Guiné-Bissau apresenta variações significativas nas zonas costeiras dependendo das marés.

⁸ O Arquipélago dos Bijagós é constituído por 88 ilhas e ilhéus, a maioria desabitada, constituindo áreas protegidas em Parque Natural Marinho e Reserva da Biosfera.

Os elementos de caracterização da Guiné-Bissau são considerados como favoráveis para o incremento do turismo, já que permitem a identificação de segmentos diversificados em função das regiões consideradas e também dos interesses manifestados pela procura nacional e internacional.

É consensual que o turismo é um sector dinâmico e promotor de desenvolvimento em diferentes áreas de intervenção humana, sendo gerador de benefícios económicos, directos e indirectos, mobilizador de culturas tradicionais, factor de estímulo para a sua divulgação, permitindo a associação com elementos modernos e valorizando as dinâmicas sociais. Apesar das potencialidades nacionais, facilmente identificadas e classificadas, o turismo na República da Guiné-Bissau não tem sido alvo de incrementos e de valorização no mercado internacional, sobretudo quando comparado com outros destinos. Ao contrário, tem evidenciado um desempenho marginal sem crescimento significativo do número de chegadas e do rendimento gerado, sendo de destacar que os impactos produzidos apresentam múltiplas fragilidades que requerem atenção e análise com o objectivo da sua correcção.

As avaliações que têm sido realizadas não apresentam alterações significativas na situação do turismo perspectivado com um carácter de regularidade, podendo atribuir-se esse facto a um conjunto de factores, nomeadamente:

- a relativa incerteza das opções estratégicas nacionais, que decorre de forma directa da permanente instabilidade⁹ política e governativa vivida desde os últimos anos no País e que se tem traduzido em alternância dos representantes institucionais. Este factor é profundamente condicionante da continuidade das acções e da implementação das decisões, tendo por objectivo o desenvolvimento nacional, sobretudo no que respeita à viabilização de projectos turísticos. Este é um sector que tradicionalmente se desenvolve em clima de paz social e política, o que implica a existência de condições e de garantias de segurança a vários níveis;

- a fragilidade aparente da capacidade de planeamento e de dinamização da oferta interna, decorrente do limitado e incerto investimento, tanto nacional como estrangeiro, na criação de infraestruturas e na modernização das existentes, sejam sociais, de ligação, de acolhimento ou complementares ao turismo. Este factor traduz-se na variabilidade do funcionamento das iniciativas turísticas e de prestação de serviços associados, podendo inclusivamente adquirir um carácter sazonal;

⁹ Antes e após a missão, registaram-se ocorrências de instabilidade agravada com os atentados ao Presidente da República João Bernardo (Nino) Vieira, em Novembro de 2008 e em Março de 2009 quando foi assassinado na sequência de umas horas antes o Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas, Tagmé Na Waié, ter também sido morto.

- a inexistência, até ao presente, de uma estratégia planeada e estruturada de promoção e de incremento dos diferentes segmentos turísticos, nomeadamente o de negócios, o de lazer, o de observação e o de sol e praia, mesmo considerando-se que são potenciais e emergentes, ou seja sem que estejam fortemente implementados. Este factor é evidenciado pela ausência de um Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo criteriosamente elaborado, discutido com os diferentes actores envolvidos ou interessados e implementado, apesar de já terem sido produzidos e propostos planos de acção por consultores externos, incluindo alguns com ligações à Organização Mundial do Turismo;

- a ausência de medidas integradas de promoção e de marketing turístico direccionadas para o mercado internacional, situação reforçada pelo irregular estabelecimento de parcerias que garantam a estabilidade da oferta e o equilíbrio da procura. Este factor demonstra incerteza e fragilidade, características de um destino turístico que não tem sido considerado e definido como estratégico para o desenvolvimento nacional.

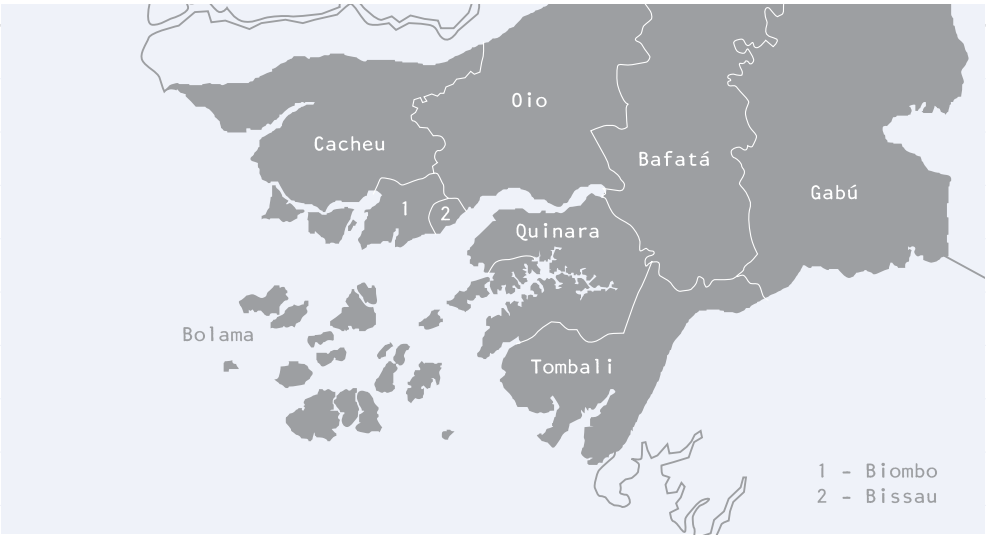
Apesar de se identificarem fragilidades estruturais, e dado que a Guiné-Bissau se enquadra numa área geográfica africana potencial, pela proximidade em relação à Europa e ao mercado turístico continental, é de considerar a possibilidade de, no curto ou médio prazo, se registarem alterações significativas nos resultados. Esta constatação resulta também da tomada de consciência de que existe uma progressiva valorização do mercado africano nos circuitos turísticos internacionais, nomeadamente enquadrada pela área regional francófona, onde têm proliferado experiências turísticas de relevo pela regularidade da procura.

1. Alguns Elementos de Caracterização

Dos 36.125 Km² que constituem o território físico da Guiné-Bissau, 34.500 Km² (95,5%) correspondem a área continental e 1.625 Km² (4,5%) a insular¹⁰. O país localiza-se a 12°20'00'' Norte e 10°59'00'' Sul de latitude e 13°90'00'' Este e 16°43'00'' Oeste de longitude (INEC, 2005: 6).

¹⁰ A área insular é constituída pelo Arquipélago dos Bijagós, Ilha de Jeta, Ilha de Pecixe, Ilha de Melo e outras pequenas ilhas, incluindo 150 mil milhas de águas territoriais, definidas pelas referências da Baía de Varela, Ilha de Unhocomo, Ilha de Orango, João Vieira e Ilha de Canhabaque.

Mapa nº 1 - Repartição administrativa da República da Guiné-Bissau



Do ponto de vista administrativo (cf. Mapa nº1), o território nacional divide-se em oito regiões principais e o Sector Autónomo de Bissau (77,5 Km² ou 0,2%), desigualmente representadas, sendo as regiões: Biombo (838,8 Km² ou 2,3%); Cacheu (5.174,9 Km² ou 14,3%); Oio (5.403,4 Km² ou 15,0%); Bafatá (5.981,1 Km² ou 16,6%); Gabu (9.150,0 Km² ou 25,3%); Quinara (3.138,4 Km² ou 8,7%); Tombali (3.736,5 Km² ou 10,3%); Bolama-Bijagós (2.624,4 Km² ou 7,3%).

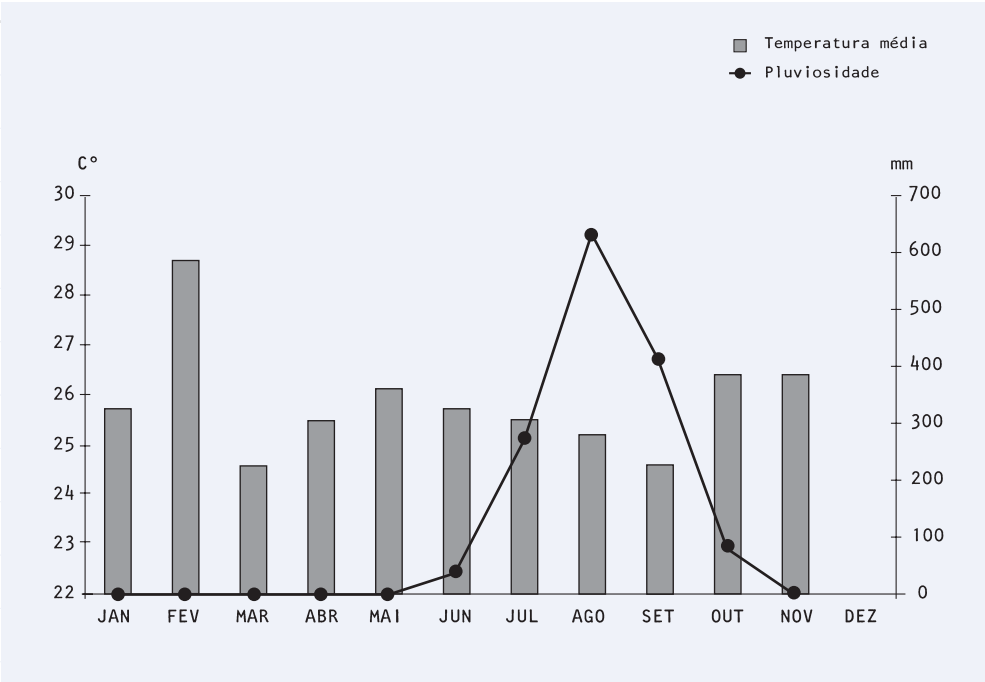
O clima é tropical, quente e húmido, com duas estações principais bem evidenciadas (cf. Gráfico nº 1): a seca, entre Novembro e Maio, caracterizada pela existência de ventos secos (harmatans), e elevadas temperaturas, podendo atingir os 40°; e a das chuvas, entre Junho e Outubro, com variáveis índices de pluviosidade, concentrando-se os níveis mais significativos em apenas cinco meses. A temperatura média anual¹¹ é de 26°C, sendo Fevereiro o mês mais quente (temperaturas médias de 28,7°C), enquanto Março e Setembro são aqueles em que se registam temperaturas mais baixas (24,6°C).

O relevo é caracteristicamente plano, não evidenciando formações geológicas ou montanhosas de destaque, sendo de referenciar que o ponto mais alto se situa na região leste e não ultrapassa os 300 metros de altitude, predominando os planaltos, as planícies, o mangal e uma extensa zona costeira com cerca de 350 km. Os principais acidentes de relevo resultam da extensa e densa rede fluvial¹² que origina a existência de alternância na paisagem que, em função das regiões, varia entre a savana arbustiva, a savana florestal, a floresta, os tarrafes ou mangais, as lalas, as bolanhas, os estuários e as praias.

¹¹ Os valores apresentados não incluem o mês de Dezembro (Fonte: Serviço de Previsão à Escala Mundial, Observatório de Bissau).

¹² Os principais rios navegáveis são Cacheu, Mansoa, Geba, Grande de Buba, Corubal, Cacine e Cumbidjan.

Gráfico nº 1 - Caracterização Climática da Guiné-Bissau



Fonte: Serviço de Previsão à Escala Mundial, Observatório de Bissau

O solo é ancestralmente utilizado de forma tradicional, pelos grupos comunitários, para satisfazer necessidades produtivas e alimentares, sendo diferentemente trabalhado pelas populações em função das características geográficas e do grupo étnico predominante, marcando a paisagem por zonas de transição que lhe conferem uma imagem de mosaico. Actualmente, as principais produções agrícolas da Guiné-Bissau são o caju e o arroz, registando-se uma tendência para a exploração sazonal do solo com culturas de substituição podendo ser, uma vez mais, variáveis em função da região e da origem étnica dos grupos comunitários predominantes.

Em meio florestal, é possível encontrar: bolanhas e lalas¹³ que dominam uma grande parte da paisagem costeira, nas proximidades de zonas de mangal, mangrove ou tarrafes; palmares constituídos por palmeiras de dimensões variáveis e cibes, associados a florestas de galeria; florestas subhúmidas, caracterizadas por vegetação densa, sendo ricas em biodiversidade, com difícil penetração para o Homem e complementadas por áreas florestais de transição; florestas secundárias e degradadas, que resultam de processos de desflorestação e queimada; e savanas.

¹³ As lalas são áreas inundadas, que se traduzem em zonas de transição entre o mar e as florestas (Campredon, sd: 18), enquanto que as bolanhas (arrozais alagados) são terras baixas de mangal ou tarrafe, que consistem em formações vegetais à beira mar ou rio (Ministério do Desenvolvimento Rural/PNUD, 1997).

A Guiné-Bissau é um país dotado de espaços naturais com importância reconhecida, tanto a nível nacional como internacional, aos quais corresponde um total de 15% do território nacional e dos quais 6 beneficiam do estatuto oficial de área protegida, sendo classificados como Parque Natural ou Reserva. As áreas protegidas, oficializadas de acordo com os critérios reconhecidos a nível internacional, são o Parque Natural de Mangrove do Rio Cacheu, o Parque Natural das Lagoas de Cufada, os Parques Nacionais de Orango e de João Vieira, a Reserva Florestal de Cantanhez e a Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas Urok. Paralelamente, o país dispõe de uma Reserva da Biosfera declarada pela UNESCO, o Arquipélago dos Bijagós. Independentemente do meio (florestal, de mangal, de savana, costeiro e marinho), todas as áreas protegidas que caracterizam o país são dotadas de biodiversidade de flora e fauna, sendo algumas das espécies endémicas e encontrando-se outras em situação de risco ou ameaçadas de desaparecimento, o que requer uma atenção particular no sentido da sua conservação¹⁴.

Além da riqueza ambiental, o país é caracterizado pela diversidade cultural decorrente da multiplicidade de grupos étnicos, evidenciando-se algumas particularidades em cada uma das comunidades, que se reflectem nas formas de vida e nas representações sociais. São exemplos, o ordenamento do território e a organização espacial, a forma de construção das habitações e os materiais utilizados, o vestuário, a simbologia e as crenças religiosas, as práticas rituais, a gastronomia, as manifestações festivas, a produção artesanal, as actividades económicas e produtivas, entre outros.

Apesar de serem referenciados a determinadas regiões, pelo predomínio, ancestralidade da presença e identidade reflectida na ocupação do espaço, actualmente e em resultado de deslocações internas, regista-se a presença de todos os grupos étnicos no território nacional. As etnias principais (Guia, 2008: 11) são os Balanta (29%), os Fula (24%), os Mandinga (14%), os Papel (12%), os Manjaco (11%) e os Mancanha (6%). Com menor peso comparativo mas, com importância regional, podem destacar-se os Bijagó, os Beafada e os Nalu. No norte, região de Cacheu, predominam os Manjaco, Mancanha e Papel; no litoral centro, em Biombo, são principalmente referenciados os Papel; no centro norte, região de Óio, a etnia mais representada é Balanta; nas regiões de Bafatá e de Gabu são predominantes os Fula; na região centro sul, em Quinara, a presença mais comum é dos Beafada;

¹⁴ São exemplos de espécies em risco: o manatin; o hipopótamo; a tartaruga marinha; o elefante africano; o búfalo; a gazela pintada; a onça ou leopardo; o leão entre outros felinos; o chimpanzé e outras espécies de símios; o crocodilo ou lagarto preto; algumas espécies de aves; o pangolim de cauda longa.

no sul, em Tombali, tradicionalmente eram identificados os Nalu, se bem que actualmente a presença de outros grupos seja de destacar entre os quais os Fula; nos Bijagós, o grupo étnico é Bijagó; e no Sector Autónomo de Bissau encontra-se uma multiplicidade de origens étnicas, em resultado das deslocações das zonas rurais para a capital.

Tradicionalmente, as comunidades locais exercem uma pressão sobre o meio com um carácter de ancestralidade, que resulta de forma natural e espontânea da relação de dependência estabelecida entre o Homem e a natureza. Os meios mais afectados são o florestal e o costeiro já que, pela biodiversidade e riqueza de elementos, são aqueles que reúnem maiores condições para garantir a subsistência familiar. É nestes contextos que as comunidades locais desenvolvem as actividades produtivas tradicionais, vocacionadas para o consumo directo e comércio, sempre que existem excedentes (agrícolas, criação de gado, caça, recollecção de lenha e de frutos e pesca).

Do ponto de vista cultural, as crenças e as práticas religiosas revestem uma grande importância para a vida comunitária, conferindo-lhes identidade. A maioria da população guineense é muçulmana, sendo de destacar que os praticantes do Islão se concentram principalmente na zona leste e interior do país, coincidindo com os grupos étnicos Fula e Mandinga. As práticas animistas recebem grande atenção por parte de alguns grupos étnicos, entre os quais se destacam os Papel, os Balanta, os Manjaco, os Nalu e os Bijagó. A religião católica é claramente minoritária, apesar de nos últimos anos terem proliferado pequenas igrejas com aprofundamento dos cultos associados. O misto religioso-cultural, que decorre do respeito pelos diferentes cultos, é evidenciado na análise dos feriados nacionais (cf. Quadro nº1).

Na Guiné-Bissau as manifestações culturais fazem parte do quotidiano das comunidades por estarem enraizadas nas práticas e sistemas simbólicos de cada grupo étnico, não sendo necessariamente a expressão de um momento excepcional. Por esta razão, são muitas vezes identificadas com cerimónias rituais que traduzem vivências pessoais e de grupo importantes, por representarem momentos marcantes de transição. Por característica, os elementos simbólicos tradicionais encerram um valor turístico intrínseco que, em muitas circunstâncias e a um nível local, é secundarizado e desvalorizado por ser um hábito comum. Face aos padrões socioculturais da população, fortemente marcada por traços étnicos e influenciada por crenças e cultos, ao longo do ano existem datas festivas comemoradas como feriado nacional, estando a maioria relacionada com acontecimentos históricos que reforçam o sentimento identitário (Brito, 2007).

Quadro nº 1 - Principais feriados e datas festivas na República da Guiné-Bissau

DATA	CELEBRAÇÃO	TIPO
Variável	Tabaski	Nacional
Variável	Carnaval	Nacional
Variável	Páscoa	Nacional
1 Janeiro	Ano Novo	Nacional
20 Janeiro	Dia dos Heróis	Nacional
23 Janeiro	Dia dos Antigos Combatentes	Nacional
30 Janeiro	Dia da Mulher Guineense	Dispensa para Mulheres
8 Março	Dia da Mulher	Nacional
1 Maio	Dia do Trabalhador	Nacional
3 Agosto	Dia Pidjiguiti ou do Mártir da Colonização	Nacional
24 Setembro	Dia da Independência Nacional	Nacional
1 Novembro	Dia dos Defuntos	Nacional
25 Dezembro	Natal	Nacional

Um outro elemento cultural de extrema importância na Guiné-Bissau, que pode ser variável em função da região, por ser uma das principais manifestações tradicionais de origem étnica, é a gastronomia. A base da alimentação guineense é o arroz, que quando confeccionado se denomina de “bianda” acompanhado de molhos, ou “mafé”, que podem incluir peixe, galinha ou carne. A maioria das receitas de culinária é rica do ponto de vista dos nutrientes, privilegiando-se a utilização de produtos locais, como o arroz, o peixe, as ostras, a galinha, o chabeu, a mancarra e o óleo de palma. Estes ingredientes são utilizados para confeccionar pratos como o Caldo de Chabeu ou de Mancarra, o Arroz Jollof ou Tchib Bien, a Galinha di Tera à Cafriela, o Futi, o Siga, a Cachupa, o Camarão à Guineense, o Cuscus Marroquino, o Badadje ou Pitch Patch de Ostras, a Sopa de Ostras, a Feijoada ou o Prato de Folha de Mandioca. As sobremesas e os doces são também preparados com produtos locais, destacando-se o Bolo de Mancarra, o Donete, a Mandioca assada ou o Doce de Caju, sendo habitual o consumo de frutas frescas ou transformadas em sumo, como o fole, o velude, a banana, a manga, o caju, a papaia, a laranja, a cabaceira, a tambarina, o mandiple e a miséria. As bebidas típicas e produzidas artesanalmente são o sumu sumu ou aguardente de vinho de caju, a cana ou aguardente de cana, o vinho de palma e de caju.

Um outro atractivo cultural para o turismo é a música ancestralmente associada a ritmos de dança. Na Guiné-Bissau existem intérpretes cujo trabalho tem contribuído para a valorização do país no exterior¹⁵, sendo os ritmos mais escutados e dançados: o décalée, de influência nigeriana; o imbalac insundor, de influência senegalesa; a batidae o gumbé, caracteristicamente tradicional.

2. O Turismo na Guiné-Bissau

Na Guiné-Bissau, o órgão que tutela o sector do turismo é a Direcção-Geral do Turismo, enquadrada pelo Ministério do Turismo e Artesanato que reporta directamente ao Primeiro-Ministro. As actividades turísticas e as iniciativas que as promovem estão reguladas por legislação específica que, na maioria, requer revisão e actualização¹⁶. Ao longo do tempo, o turismo tem adquirido uma importância crescente evidenciada pela criação de novos documentos reguladores da actividade, destacando-se os Decretos nº: 41/83, que cria o Fundo de Turismo; 33/89 de 27 de Dezembro, que aprova os regulamentos do imposto e do fundo do turismo; 62-c/92, que estabelece o Regime Jurídico da actividade turística, hoteleira e similar; 62-d/92 e que aprova o regulamento dos empreendimentos turísticos; 28/94, que aprova as bases orientadoras do plano director do turismo; 02/2007 e cria o Salão de Turismo de Bissau (STB); Decreto Nº.03 /2007, que institui o reconhecimento de Mérito Turístico. Contudo, apesar destes documentos legais de regulação terem sido criados e aprovados, a sua aplicação e cumprimento não foram generalizados.

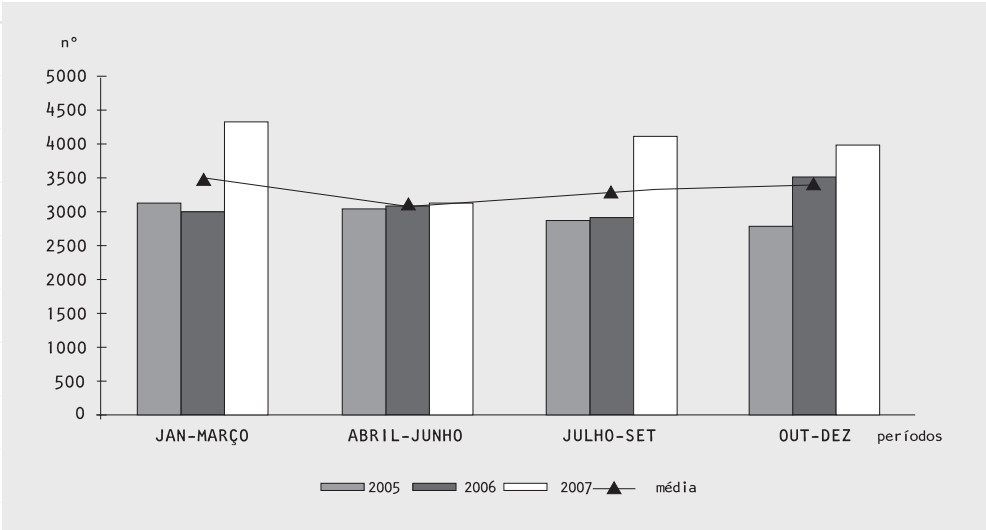
Apesar das tentativas de valorização do sector no País, incentivando tanto a criação de novos projectos como a promoção do país no exterior¹⁷, não se tem registado uma evolução positiva significativa. O número de chegadas de turistas estrangeiros revela um incremento significativo (15.593 entradas de estrangeiros em 2007), se bem que as receitas geradas sejam irregulares e incertas.

¹⁵ Américo Gomes; Baba Kanuté; Eneida Marta; Fatu Kanuté; Issabarny; Iva e Ichi; Justino Delgado; Kaba Mané; Keba Bobo Cissoko; Manecas Costa; Nené Tuti; New Conscience; Nino Galissa; Patcheco (Pacheco de Gumbé); Ramiro Naka; Roger; Samba la Kamuté; Sidónio Pai; Super Mama Djombo; Tabanka Djaz; Zé Manel; Rui Sangara; Dulce Neves.

¹⁶ Decretos-lei nº 62C/92 (Regime Jurídico da Actividade Hoteleira e Similar); nº 102D/92 (Regime Jurídico para os Empreendimentos Turísticos); nº 7A/2004 (Turismo e Desenvolvimento).

¹⁷ As acções promocionais do país no exterior incluem a participação de delegações oficiais em encontros internacionais e feiras temáticas, como é o caso da Bolsa de Turismo de Lisboa e da Feira de Madrid.

Gráfico nº 2 - Tendência das entradas de viajantes estrangeiros 2005-2007



Fonte: TAP e Ministério do Turismo e Artesanato

Habitualmente, são atribuídas diferentes causas para este quadro, nomeadamente a instabilidade política e a insegurança social, que têm adquirido uma importância crescente pelo número, frequência e gravidade das ocorrências. Actualmente, estes factores estão directamente associados à situação do tráfico de droga que, na Guiné-Bissau e em particular em algumas regiões com potencial turístico reconhecido, tem aumentado de forma exteriorizada fomentando a economia paralela nacional e alimentando as redes internacionais do crime organizado. Todos estes factores-problemas contribuem para a criação e manutenção de uma imagem negativa do país no meio internacional das viagens e do turismo, tendo impactos negativos muito significativos em particular na Europa (OMT/PNUD, 2006), sobretudo quando se equaciona o delineamento de uma estratégia de promoção e marketing turísticos. Mas, sempre que os factores referidos são associados e surgem como complemento uns dos outros, a situação é substancialmente agravada.

Apesar dos dados evidenciarem oscilações no que respeita ao número de viajantes estrangeiros, a partir de 2001, ano em que entraram 7.754 turistas¹⁸, registou-se um aumento significativo neste indicador, tendo sido Portugal (27,5%), o principal emissor, seguido do Senegal (11,4%), e de França (9,2%). A tendência evidencia um aumento do número de viajantes estrangeiros para a Guiné-Bissau sendo que, em 2006, atingiu os 12.549¹⁹, dos quais 46,2% oriundos de Portugal, 29,1% da Grã-Bretanha, 5,1% de França, e, com o mesmo valor, Itália e 2,9% de Espanha.

¹⁸ Os dados apresentados cuja fonte é o Serviço de Migrações e Fronteiras foram obtidos a partir da sistematização efectuada pela OMT/PNUD (2006), devendo ter uma leitura indicativa dado que é feita a salvaguarda do tratamento das fichas de entrada no país e do método de cálculo ser caracteristicamente manual.

¹⁹ Os dados referentes a 2005 e a 2006 foram disponibilizados pela TAP, enquanto que os de 2007 são oficiais e apresentados pelo Ministério do Turismo.

É de notar que os dados oficiais (www.minturgb-gov.com) apontam de novo para um acréscimo (15.593), em 2007, sendo africana a principal origem dos viajantes (49,4%), seguida de europeia (27,5%), asiática (16,0%), e por fim americana (7,1%). A análise, ao longo de 2007, evidencia a não existência de sazonalidade significativa, já que o período em que a procura de viagens internacionais é mais reduzida ocorreu entre Abril e Junho (20,1%) e, de forma inversa, os meses mais procurados foram entre Janeiro e Março (27,9%)²⁰.

A análise da tendência da entrada de viajantes estrangeiros na Guiné-Bissau traduz, no total, um acréscimo relevante (de 11.880 em 2005 para 15.593 em 2007), evidenciando-se uma maior valorização do país como destino no primeiro, no terceiro e no quarto trimestre (cf. Gráfico nº 2). Esta constatação é percebida pela análise dos dados de 2007 por referência a 2005.

Em 2006, dos viajantes portugueses, 87,4% eram oriundos do centro e sul, destacando-se a capital e outras áreas geográficas onde as actividades cinegéticas ou de caça são vulgarmente consideradas como práticas comuns no contexto do lazer e da ocupação de tempos livres. Com menor incidência surgem os viajantes oriundos do norte de Portugal (11,7%) e, sem expressão, das ilhas (0,9%). A análise da tendência da entrada de viajantes estrangeiros na Guiné-Bissau traduz, no total, um acréscimo relevante (de 11.880 em 2005 para 15.593 em 2007).

Em termos médios, ao longo do ano, regista-se uma evolução equilibrada da procura não sendo evidente a existência de sazonalidade. Contudo, é de destacar um ligeiro incremento nos meses festivos e de férias, evidenciando que a diminuição da procura ocorre apenas durante o terceiro trimestre. Da relação entre a procura e as condições climatéricas, constata-se que, com base na análise dos anos de 2005 e 2006²¹, entre Junho e Outubro (estação das chuvas), em média, viajaram 4.681 estrangeiros, representando 38,3% do total. Desta forma, e reforçando a informação consensual disponibilizada pelos interlocutores entrevistados, pode concluir-se que a maioria (61,7%) das viagens internacionais para a Guiné-Bissau se realiza nos meses de estação seca, ou seja entre Novembro e Maio, já que é aquela que permite uma maior mobilidade pelo território nacional.

²⁰ Ressalva-se que os dados apresentados são globais, não sendo possível distinguir a importância relativa dos viajantes em férias e lazer em relação aos expatriados e cooperantes, visto não existir um tratamento sistemático e regular das fichas de entrada entregues nos serviços alfandegários.

²¹ Em 2005, durante o período das chuvas viajaram 4.488 estrangeiros, representando 37,7%, e em 2006 viajaram 4.875, perfazendo 38,8%.

De acordo com os dados disponibilizados pelo Serviço de Migrações e Fronteiras (OMT/PNUD, 2006: 40), as principais motivações²² do viajante estrangeiro consistem na possibilidade de se desenvolverem actividades diferentes das habituais, durante os períodos de lazer ou de férias (43,9%), seguindo-se os negócios e as conferências (37,2%), as visitas familiares (9%) ou outras não especificadas (9,9%).

2.1. Caracterização da Oferta Turística

A oferta guineense de serviços turísticos tem acompanhado o ritmo irregular da procura estrangeira, resultando da associação entre a falta de competitividade do país como destino no mercado internacional e a instabilidade sociopolítica interna. Assim, tem-se registado um aumento do número de novas unidades de alojamento e de restauração, principalmente concentradas em Bissau, se bem que de forma coincidente sejam encerradas outras iniciativas. Apesar do aparente dinamismo do sector, apenas nos últimos anos foram criados hotéis dotados de infraestruturas de acolhimento e com oferta de serviços equiparada aos países europeus, com preços semelhantes.

De uma forma geral, a oferta turística guineense tem sido caracterizada pela precariedade na prestação de serviços associada à insuficiente disponibilidade de infraestruturas de acolhimento, alojamento, restauração, deslocação e serviços de apoio complementares, sendo principalmente marcada pela incerteza que, pelas mais diversas razões, condiciona a continuidade e a sustentabilidade do sector.

Apesar de nos últimos anos terem aumentado, as agências de viagens e os operadores turísticos em actividade continuam a ser pouco numerosos, não evidenciando especialização por segmentos turísticos em função das potencialidades locais ou das características da procura, oferecendo todo o tipo de prestação de serviços²³. Por outro lado, estes agentes não mantêm relações regulares e formalizadas de parceria com operadores internacionais, entre os quais portugueses ou franceses²⁴, neste caso apresentando relevância pelo contexto francófono em que o país se enquadra.

²² Estes dados requerem uma leitura indicativa visto que a sistematização e análise das fichas de entrada no país é efectuada a partir de métodos de cálculo manuais, não havendo distinção das motivações e do tipo de alojamento privilegiado.

²³ As agências principais são a Oásis Tours, Guinetours, Agência Sagres, Vifer, Nasy, Surire Tours, Galina Tours, Geba Tours, Agência de Viagens Expresso, Gabu Tours, Bonjour e dedicam-se ao booking ou reservas, grounding ou acolhimento, venda de bilhetes de avião, transfer e estabelecimento de contactos com outros prestadores de serviços.

²⁴ Os principais operadores turísticos estrangeiros que mantêm algum contacto com a Guiné-Bissau, se bem que marcado pela irregularidade, funcionando como emissores de turistas, são a Soltrópico, Abreu, Star, Terres d’Aventures, Atlantic Evasion; Oritxa; De Viaje e Marsans.

Os prestadores de serviços de aluguer de automóvel²⁵ com e sem motorista, formalmente constituídos em empresas são praticamente inexistentes, sendo frequente e necessário o recurso a serviços informais prestados por particulares.

No que respeita aos serviços turísticos directos de alojamento e hotelaria, regista-se uma forte concentração das unidades no Sector Autónomo de Bissau (em 2007 existiam 130 iniciativas de alojamento em Bissau, num total de 298), com tendência para o crescimento. Estas unidades são maioritariamente classificadas como residenciais, pensões ou hotéis, se bem que não exista disponível uma tipologia classificatória oficial das iniciativas com especificação dos critérios adoptados²⁶.

Do total de unidades de alojamento existentes na capital e em funcionamento, foi possível confirmar a irregularidade e a incerteza na prestação de alguns serviços, continuando reduzida a capacidade de acolhimento²⁷, em resultado do encerramento de uma das unidades com mais tradição pela antiguidade e que dispunha de maior capacidade. Este hotel encerrou após a transferência de propriedade para remodelação, inicialmente com carácter temporário, se bem que sem data definida de reabertura, pelo que por tempo indeterminado sendo que, em 2009, o processo de reabilitação ainda prosseguia.

Quadro nº 2 - Repartição da capacidade de alojamento por região

REGIÃO	Nº ALOJAMENTOS	Nº QUARTOS	Nº CAMAS
Bissau	130	1.610	1.932
Gabú	35	298	358
Bafata	26	349	418
Cacheu	13	181	218
Biombo	1	12	24
Oio	12	149	179
Quinara	34	408	489
Tombali	13	183	220
Bolama-Bijagos	34	355	426
TOTAL	298	3.545	4.264

Fonte : Secretaria de Estado do Turismo (<http://www.stat-guinebissau.com>)

²⁵ A única referência encontrada para uma empresa de aluguer de viaturas foi a Dolfi, Lda.

²⁶ Deste facto resulta a incerteza no que respeita a fiscalização e controle dos critérios classificatórios de acordo com os padrões internacionalmente aceites.

²⁷ Neste contexto, durante o período em que a missão decorreu permanecia encerrado o Libya Hotel.

Das unidades hoteleiras em funcionamento, as que apresentam um padrão de prestação de serviços equiparado a nível internacional localizam-se em Bissau²⁸, Mansoa²⁹, Bafatá³⁰, Quinhamel³¹ e Bijagós³², sendo contudo em pequeno número e dispondo de uma capacidade de acolhimento limitada. É de destacar que, na maioria das situações, a propriedade do projecto, a exploração e a gestão são da responsabilidade da iniciativa privada estrangeira, permitindo uma canalização parcial dos benefícios para as comunidades locais. Apesar dos dados oficiais disponibilizados pela Direcção-Geral do Turismo apresentarem diversidade na oferta de alojamentos em todas as regiões do país (cf. Quadro nº 2), a observação directa não permitiu o estabelecimento de correspondência entre os dados quantitativos e a totalidade das iniciativas.

Quanto aos serviços de restauração, tal como sucede com os alojamentos, não existe uma listagem oficial com classificações por características para disponibilização ou consulta. Foi possível obter uma listagem das unidades prestadoras de serviços turísticos directos, preparada e disponibilizada pela Associação de Hotelaria, Restauração e Turismo da Guiné-Bissau. A análise da listagem e a observação directa permitiram constatar uma proliferação nas unidades em exercício com um carácter oficial e formal, mas também numa grande parte dos casos, marcada pela informalidade, sob a forma de restaurante, bar, café e similares. De uma forma geral, as unidades hoteleiras prestam serviços de restauração como forma de complementar a actividade formal, podendo estar restringidas a horários pré-determinados como o pequeno-almoço e uma outra refeição principal. Em Bissau, este tipo de oferta é alargado e abrangente, se bem que os preços apresentem grandes variações em função do tipo e das características da unidade prestadora³³.

²⁸ Em Bissau considera-se de 5 estrelas o Bissau Palace Hotel e o Hotel Malaika, de 4 estrelas a Residencial Coimbra e de 3 estrelas o Lobato Aparthotel, sendo as restantes iniciativas equivalentes a pensões.

²⁹ Em Mansoa, região de Óio, existe o Hotel Rural Uaque, vocacionado para o turismo cinegético, possibilitando o contacto com comunidades locais, por estar enquadrado pela tabanca de Uaque, associando a observação em paisagem preservada.

³⁰ Em Bafatá encontra-se o Clube de Cape e a Pousada do Saltinho, qualquer uma vocacionada para a prática cinegética, associando a possibilidade de estabelecer contactos culturais com as comunidades locais e o desenvolvimento de actividades de observação, estando enquadradas por tabancas e por ambientes naturais preservados.

³¹ Em Quinhamel, na região de Biombo e apenas a 30 Km da capital, existe o Hotel Mar Azul, vocacionado para a observação, passeios de barco e pesca, podendo efectuar-se ligações para os Bijagós.

³² No arquipélago dos Bijagós existe uma grande diversidade de iniciativas, repartindo-se por diferentes ilhas, como Bubaque, Rubane, Maio e Orango, estando particularmente vocacionadas para a contemplação e descanso, observação de espécies e prática balnear.

³³ Nas unidades contactadas em 2009, o preço de uma refeição principal pode variar entre os 4.500 e os 12.500 CFA.

Apesar de serem considerados como uma área fundamental no que respeita ao incremento do turismo, a oferta de serviços de animação, recreação e lazer é particularmente limitada em todo o território da Guiné-Bissau, estando maioritariamente associada às características das unidades hoteleiras ou dependente dos agentes de viagens locais. São exemplos as actividades náuticas, as caminhadas ou *trekking* e a observação de espécies³⁴, os passeios em rio e em mar, as visitas a ilhas e a áreas protegidas a pesca e a caça. Nas principais cidades existe alguma oferta de lazer nocturno, de bares e discotecas, se bem que pouco diversificada. No caso de Bissau, a oferta concentra-se em três unidades³⁵ principais com funcionamento regular, tendo as restantes apenas actividade temporária.

A oferta cultural está também relativamente centrada em Bissau, dependendo das actividades promovidas pelos Centros Culturais estrangeiros, nomeadamente o francês e o português. Na capital existem algumas iniciativas pontuais (exposições de pintura e de artesanato), promovidas por associações locais³⁶ e ONGs como a Artissal, que complementam a actividade principal de produção com a exposição e a comercialização. Também na capital existe um importante património arquitectónico, de reconhecido valor histórico e cultural, com potencial interesse turístico, se bem que não esteja claramente identificado nem conservado do ponto de vista patrimonial, encontrando-se alguns elementos degradados e em ruínas. Apesar desta situação, o património nacional continua a ter interesse turístico.

³⁴ As actividades de observação denominam-se normalmente em língua inglesa e por referência à espécie predominante *birdwatching* para observação de aves incluindo migratórias, *whale watching* para observação de baleias em alto mar, *monkey watching* para observação de símios, *mammal watching* para observação de grandes mamíferos, *turtle watching* para observação de tartarugas marinhas em desova e eclosão de ovos.

³⁵ As discotecas em funcionamento são a Capital, a Plaque, o X-Club e o STOP, apesar de existirem outras com actividade temporária como a Discoteca do Alto de Bandim.

³⁶ Este é o caso da Casa Cultura Amigos de Bissau Velho, do Centro Artístico Juvenil, da Artissal e das noites culturais promovidas pela Ubuntu.

2.2. Acessibilidades e Comunicações

Os requisitos de entrada no País para um cidadão estrangeiro são comuns aos necessários para qualquer outra região africana. Assim, uma visita à Guiné-Bissau implica dispor de passaporte válido por um período superior a seis meses, de visto³⁷ de entrada concedido pelas Embaixadas e Serviços Consulares da República da Guiné-Bissau³⁸, acreditados no resto do Mundo, boletim de vacinação válido contra a febre-amarela, sendo ainda preenchida à entrada uma ficha a entregar nos serviços alfandegários do aeroporto.

Enquanto país caracterizado por território misto, continental e insular, associando costa atlântica e fronteiras territoriais com dois países africanos francófonos, o Senegal e a Guiné Conacri, e sendo dotado de rios navegáveis, com acesso do e para o exterior, aparentemente a Guiné-Bissau beneficia de uma grande diversidade de alternativas de acesso. Contudo, a maioria das infraestruturas, que viabilizam os acessos, encontra-se degradada ou desactivada, pelo que não operacional, o que pode ser considerado como um factor fortemente condicionante e constrangedor para a implementação do turismo.

A partir da Europa, a forma mais comum e fácil de chegar à Guiné é através do meio aéreo, já que o país dispõe de um aeroporto internacional, Osvaldo Vieira, dotado de uma pista asfaltada com 3.400 metros (OMT/PNUD, 2006), e de serviços de apoio que permitem a aterragem e a descolagem de aviões de grande porte. Apesar de nos últimos anos ter beneficiado de melhorias significativas nas infraestruturas de recepção dos viajantes, principalmente no que se refere ao edifício principal, o aeroporto internacional continua a carecer de modernização e de manutenção das instalações³⁹. Também no que respeita ao acolhimento, é notória uma progressiva melhoria na organização da recepção dos passageiros que, apesar dos esforços, revela ainda precariedade principalmente na área destinada à recolha de bagagens, em resultado do processo permanecer moroso e confuso.

³⁷ Para a obtenção de visto de entrada com estadia até 30 dias é necessário o preenchimento de um impresso, a entrega de duas fotografias actualizadas a cores, e proceder ao pagamento de 60 euros (valor de referência de 2009).

³⁸ As representações diplomáticas e consulares da República da Guiné-Bissau são múltiplas. As principais embaixadas são em Bruxelas, Lisboa, Paris e Nova Iorque; as representações consulares são no Brasil (S. Paulo e Rio de Janeiro), Espanha (Barcelona e Las Palmas), Holanda (Barenrecht), Inglaterra (Londres), Luxemburgo que representa também Alemanha, Áustria e Suíça, a Noruega (Oslo), que representa também a Suécia.

³⁹ O sistema de controlo de passageiros é ainda precário e manual, não existindo um critério sistemático na detecção de metais, materiais cortantes e perigosos; as casas de banho na sala de embarque não estão dotadas de água corrente nem de electricidade, o que limita fortemente a sua utilização; os tectos falsos das salas e áreas comuns estão degradados, partidos e inclusivamente retirados.

À chegada, esta situação pode transmitir em alguns passageiros menos aventureiros, e principalmente se for a primeira incursão em África, uma sensação de insegurança e de incerteza, já que nem sempre é fácil identificar os funcionários e distingui-los da restante população por não estarem devidamente fardados e acompanhados de placas de identificação.

Apesar de existir uma grande diversidade de ligações aéreas para Bissau via Dacar, os voos directos e regulares a partir da Europa são operados pela TAP, que estabelece a ligação entre Lisboa e Bissau em menos de 4 horas, três vezes por semana. De registar que esta companhia também oferece voos entre Lisboa, Dacar, Sal e Praia, sendo a ponte Dacar-Bissau efectuada diariamente pela Air Senegal. Assim, as alternativas possíveis ao voo directo implicam pelo menos uma escala com possibilidade de se efectuarem mais paragens, dependendo da origem, recorrendo aos serviços prestados pela TACV e pela Air Senegal⁴⁰.

A cartografia nacional, que data do período colonial sob a forma de cartas militares, apresenta registo da existência de 25 pistas de aviação não pavimentadas, distribuídas pelo território nacional, do estilo de aeródromo regional. Contudo, actualmente, a maioria encontra-se interdita e desactivada porque coberta de vegetação, estando os voos inter-regionais por via aérea impossibilitados. Assim, as ligações aéreas internas estão praticamente concentradas entre Bissau e Bubaque, viabilizadas através de contratação privada de serviços efectuados em avioneta. Na eventualidade das antigas pistas virem a ser reabilitadas, tornando-se operacionais, as viagens inter-regionais serão facilitadas pela redução do tempo de deslocação, aumento de comodidade e segurança em situação de emergência.

O acesso por estrada, a partir do exterior, aproximando a Guiné-Bissau dos países vizinhos, é possível (OMT/PNUD, 2006), tendo como referência o sul do Senegal (ligação de 103 Km entre Safim e Farim, ou de 114 Km entre Mpak e Bissau), ou o norte e oeste da Guiné Conacri (ligação de 76 Km entre Mampatá e Bambadinca ou de 210 Km entre Buruntuma e Mansoa). A rede rodoviária nacional é constituída por um total de 4.400 Km, dos quais 856 Km de estrada principal asfaltada (OMT/PNUD, 2006) e os restantes 3.544 Km de estradas secundárias não pavimentadas, de terra, vulgarmente denominadas de picadas.

⁴⁰ As ligações via Dacar são efectuadas pela Ibéria e Air Europa, de e para Madrid; pela Alitalia, de e para Milão; pela Condor, de e para Frankfurt; pela SN Brussels Airlines, de e para Bruxelas; pela Air France, de e para Paris. A Air Senegal Internacional estabelece também as ligações entre estas cidades europeias e Dacar. As ligações ao norte de África são garantidas pela Air Maroc, via Casablanca.

Uma parte dos troços pavimentados encontra-se em reabilitação, sendo de destacar que os acessos para as regiões de interior, e em particular para o sul, se encontram em elevado estado de degradação, situação agravada pela circulação de veículos pesados durante a época das chuvas. Ao contrário, as ligações entre Bissau e o norte do país estão a ser alvo de beneficiação com a construção da Ponte de S. Vicente sobre o Rio Cacheu (data de conclusão prevista para Junho de 2009), que facilitará as deslocações e encurtará as distâncias. Em todo o país, existem alguns troços que requerem o apoio de pontes, pontões e jangadas por cruzarem cursos de água, ribeiros e rios intransponíveis pelo meio rodoviário.

Uma alternativa possível de acesso a partir do exterior é a realização da viagem por barco, já que o país é dotado de um porto internacional em Bissau, de infraestruturas portuárias em Bolama, Buba, Cacheu e Farim, e de uma grande variedade de embarcadouros em regiões abrangidas pela densa rede fluvial e braços de mar, na maioria possibilitando apenas a ancoragem de barcos de pequenas dimensões.

As comunicações entre a Guiné-Bissau e o resto do mundo estão hoje facilitadas, coincidindo com o sistema adoptado a nível internacional. As ligações telefónicas por rede fixa são asseguradas pela Guiné Telecom, tendo o prefixo 245 e existindo concorrência entre três redes móveis principais (Guinetel GTM, MTN, conhecida por Areeba, e Orange). O sistema de comunicações, através das redes locais de telemóveis, exige um aparelho desbloqueado e a aquisição de cartões recarregáveis⁴¹. As ligações através do sistema de “roaming” podem ser efectuadas a partir das redes de telecomunicações estrangeiras desde que, antes da viagem, se opte pelo “roaming contratual” junto dos representantes dos operadores.

Os serviços de correios para o exterior encontram-se concentrados em Bissau, havendo possibilidade de recorrer ao transporte urgente assegurado pelas empresas UPS e DHL, com representação na capital. Em Bissau, as comunicações através da Internet são possíveis, existindo postos de consulta em alguns dos principais hotéis e em locais próprios como cibercafés⁴², sendo contudo a cobertura de rede nas regiões fora da capital muito condicionada.

⁴¹ Em 2009 o preço dos cartões varia entre 2.000 e 9.000 CFA, permitindo realizar chamadas internacionais.

⁴² Os hotéis que facilitam este tipo de serviço são: Bissau Palace Hotel, Residencial Coimbra e Aparthotel Lobato. São exemplos de espaços de consulta: STA Ciber Café; Sunu Ciber Café; CCIA; Sandra Investimentos; Hosspress; Nau-Man; Lobato Ciber Café. Em todos estes estabelecimentos o cliente paga uma taxa por tempo de ocupação e consulta.

Actualmente, na Internet⁴³ a disponibilização de informação sobre o país é variável tendo sido objecto de valorização e incremento, nomeadamente no que respeita às páginas institucionais⁴⁴ (Ministério do Turismo e Artesanato, Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas (IBAP), Consulado da Guiné-Bissau em Lisboa), temáticas e produzidas por organizações da sociedade civil.

No que respeita aos meios de comunicação social, informação e divulgação, existe um canal televisivo nacional, a Radiotelevisão da Guiné-Bissau, que tem emissão limitada ao longo do dia, e diversidade de emissão de canais estrangeiros, tais como a RTPÁfrica, a emissão por satélite da americana CNN, a francesa TV5 Monde Afrique e a brasileira Rede Record. A emissão radiofónica é assegurada pela Rádio Nacional, Rádio Pidjiguiti, Rádio Bombolom, Rádio na Placa, Rádio Jovem e Rádio Nossa (Evangélica), assim como por rádios comunitárias, com emissão variável ao longo do dia e naturalmente vocacionadas para audiências regionais.

A comunicação escrita, nos meios de comunicação social nacionais, tem uma periodicidade irregular e variável, destacando-se seis jornais⁴⁵ tendencialmente semanais, e uma revista semestral. Os jornais e revistas estrangeiros estão acessíveis para consulta nos Centros Culturais Franco Guineense e Português, e em alguns hotéis, não sendo fácil encontrá-los em postos de venda.

2.3. Infraestruturas Básicas

De uma forma geral, a disponibilidade de infraestruturas básicas na Guiné-Bissau é precária, evidenciando-se fortes desequilíbrios do ponto de vista regional, particularmente no que respeita ao acesso a água doce corrente e potável, electricidade e saneamento básico, com défices de limpeza e de higiene e consequente proliferação de doenças.

Apesar da água doce “limpa” ser definida a nível internacional como um bem vital, por ser necessário a todas as formas de vida, não está disponível de forma generalizada, equilibrada e equitativa em todo o território, havendo regiões onde o acesso é muito limitado por escassez, por insuficiência ou inexistência de meios de captação. Assim, pode estabelecer-se uma relação entre a proximidade da capital e o acesso a este recurso, apesar de, mesmo neste caso, o consumo ser extremamente condicionado.

⁴³ O domínio da Guiné-Bissau na Internet é identificado pelo código .gw .

⁴⁴ Cf. A página institucional do Ministério do Turismo e Artesanato recém-criada em <http://www.minturb-gov.com/>; a página do IBAP em <http://www.ibap-gbissau.org/>; a página do Consulado da Guiné-Bissau em Portugal em <http://www.consuladogeralguine-bissau.org/entrada.php>

⁴⁵ Os jornais são Baloba Notícias, Banobero, Diário de Bissau, Gazeta de Notícias, Kansaré, Nô Pintche. A revista semestral é a Ubuntu.

Recentemente foi disponibilizada uma marca de água mineral nacional engarrafada, Naturalis, captada a partir do furo de Bissau, e tratada localmente, sendo comercializada na maioria dos postos de venda do país, tanto em supermercados de cidade como em pequenas quitandas, concorrendo com a água importada, sobretudo de Portugal⁴⁶, por ser mais barata para o consumidor. Paralelamente, nas ruas de Bissau, as “bideiras” vendem água para consumo imediato, acondicionada em pequenos sacos de plástico, cuja maior procura se concentra na população guineense.

Apesar de se registarem melhorias, continua a não existir uma rede⁴⁷ alargada de captação de água para consumo em todo o território nacional, pelo que as organizações da sociedade civil, em parceria com entidades financiadoras como a União Europeia, têm implementado projectos e desenvolvido acções regionais promovendo a perfuração do solo e a construção de furos e de poços, facilitadores da captação de água pelas comunidades locais. Este tipo de medidas tem permitido, por um lado, facilitar o acesso evitando longas deslocações com esforço acrescido, principalmente para as mulheres, mas também reduzir os riscos inerentes ao consumo de água contaminada e imprópria, vulgarmente denominada de “suja” porque poluída, resultando numa ameaça para a saúde pública⁴⁸.

Dada a existência de duas estações climatéricas, verifica-se que uma parte do território nacional sofre de carência de água para consumo durante a maior parte do ano, ou seja no decurso da estação seca. Dado que os mananciais subterrâneos ficam substancialmente reduzidos durante este período, mesmo recorrendo a furos e a poços, o acesso das comunidades aos recursos hídricos é limitado e condicionado. Contudo, no que respeita ao consumo para fins turísticos, a maioria das unidades hoteleiras e de restauração dispõe de depósitos com reservas de água de forma a assegurar o bom funcionamento da actividade.

⁴⁶ A água portuguesa mais consumida na Guiné-Bissau é da marca Caramulo, em particular, pelos estrangeiros residentes ou visitantes, já que se trata de um produto caro, porque importado e pouco acessível ao orçamento familiar guineense.

⁴⁷ A rede de distribuição de água era constituída em 2001 por 60 Km de canalização, servindo cerca de 45.000 pessoas (Ministério do Comércio e Turismo, 2001: 11).

⁴⁸ Mesmo que aparentemente limpa, a água pode estar imprópria para consumo por estar contaminada com bactérias e parasitas, sendo um veículo de transmissão de parasitoses, doenças gastrointestinais e infecciosas letais como a cólera.

⁴⁹ Na capital, a recolha é efectuada através de contentores e da acção de varredores com recolha municipal irregular.

Tal como acontece com o acesso e a distribuição da água doce, o sector energético apresenta problemas estruturais, tanto no que respeita à produção como à distribuição e consumo. A cobertura da rede eléctrica é deficitária e o fornecimento de energia caracteristicamente irregular e regionalmente desigual, estando o maior acesso concentrado na cidade de Bissau. Nas zonas rurais ou distantes da capital, a utilização de energia eléctrica está limitada à possibilidade de usufruir de um gerador, o que também implica o consumo de gasóleo, representando, na maioria das situações, um acréscimo na despesa sem que as famílias tenham condições para o suportar individualmente. Assim, as fontes tradicionais de energia - carvão e lenha - mantêm-se, tanto para iluminação como para confecção de alimentos.

O funcionamento das unidades hoteleiras depende de geradores, neste caso próprios, que lhes conferem autonomia: na capital, dado que os cortes no abastecimento da rede pública são frequentes pondo em causa o desenvolvimento das actividades; nas zonas rurais, visto não existir fornecimento público. Contudo, uma parte das unidades hoteleiras, de menor dimensão, ou que evidenciam maiores fragilidades em termos de implementação no mercado turístico, continuam dependentes e com flutuações no consumo de energia, recorrendo aos geradores apenas em determinados períodos do dia, penalizando os turistas.

A questão do saneamento revela-se um dos principais factores constrangedores relacionados com as infraestruturas básicas. Na Guiné-Bissau, a rede de esgotos é inexistente, recorrendo-se ao sistema de fossa séptica, latrina melhorada ou latrina tradicional, sendo ainda comum para uma parte da população, particularmente em meio rural, utilizar valas a céu aberto ou meios naturais. A falta de estruturas adequadas para o saneamento é um dos principais factores promotores de um ambiente insalubre, contribuindo para a acumulação de cheiros, favorecendo de forma directa a multiplicação de mosquitos, em particular durante a época das chuvas, incluindo do *anopheles*, transmissor de paludismo, que continua a ser a principal causa oficial (92,7%) de morbilidade (INEC, 2005).

Complementarmente, o lançamento de lixos a céu aberto, no caso das cidades com acumulação na via pública, e no caso dos meios rurais poluindo áreas florestais e costeiras, é outro factor que parece caracterizar o país. Na capital, apesar de ser evidente uma preocupação com a recolha de lixos e de detritos vários⁴⁹ detecta-se ainda, e com frequência, a existência de zonas onde são criadas pequenas lixeiras, com tendência para acumulação sem que exista qualquer tipo de recolha ou de tratamento. Nas zonas rurais e em contexto de tabanca, o tratamento de lixo é efectuado em função das necessidades, traduzidas pela quantidade acumulada, dependendo de critérios subjectivos.

A conjugação entre a insalubridade, a falta de limpeza, a acumulação de lixo e a dificuldade no acesso a água corrente e potável, em meio urbano ou rural, é um canal directo para a proliferação de doenças, prejudicando em grande medida a vida comunitária e condicionando também a dinamização do turismo em contexto de lazer. Por característica, o turista responsável preocupa-se com o estado do Ambiente, tanto florestal como costeiro, rural ou urbano, assim como com o bem-estar das populações com as quais contacta.

O segmento ecológico, Ecoturismo ou Turismo de Natureza, requer a existência de espaços intactos do ponto de vista ambiental, dotados de diversidade animal e vegetal, preferencialmente endémica, favorecendo a vivência de momentos únicos e entendidos pelo turista como excepcionais. Por natureza, durante o período de férias em que a deslocação ocorre, o viajante procura destinos onde seja possível contactar e conhecer comunidades locais caracterizadas por culturas tradicionais, e usufruir de ambientes preservados onde seja privilegiada a contemplação e a observação de espécies. O ecoturista procura, essencialmente, usufruir da estadia de forma completa, valorizando a aprendizagem, o conhecimento e a interacção, contribuindo também para a preservação do espaço e a protecção de determinadas espécies.

2.4. Outros Serviços de Apoio ao Turismo

Planear o sector do turismo implica muito mais do que apenas criar infraestruturas e serviços directos de acolhimento. Antes de mais requer a dinamização de um conjunto de áreas, que naturalmente estão interligadas, tais como a saúde, o sector financeiro, o comércio e a cultura.

O sector da saúde tem uma influência directa na promoção do turismo e é um dos que, sendo prioritários no contexto do desenvolvimento, na Guiné-Bissau apresenta maiores fragilidades. Apesar de existirem centros hospitalares⁵⁰ e de saúde, referenciados em todas as regiões, estes equipamentos encontram-se degradados, não havendo sequer cobertura alargada a toda a população nos serviços prestados nas unidades. Por um lado, o país confronta-se com problemas de carência de pessoal médico e de enfermagem, qualificado por especialidades. Este problema é sentido de forma particular nas regiões interiores e que se mantêm em situação de isolamento, sendo necessário recorrer com frequência aos serviços centrais do Hospital de Bissau que, devido à pressão demográfica e à inexistência de meios, é claramente insuficiente.

⁵⁰ Existem hospitais nacionais em Bissau como o Hospital Simão Mendes, o Hospital 3 de Agosto, vocacionado para a especialidade de estomatologia, o Hospital de Santo Egídio com especialidade em infecciologia, e hospitais regionais em Bafatá, Buba, Catió e Mansoa. Há ainda o Hospital de Cumura, no sector de Prábis, região de Biombo, coordenado pela missão católica, para tratamento da lepra.

Por outro lado, a disponibilidade de meios de diagnóstico e de tratamento é limitada e, sendo uma actividade maioritariamente promovida por particulares, o acesso por parte da população tem um carácter desigual. Por fim, e em particular em meio rural, os saberes e os métodos de tratamento tradicionais continuam a ser privilegiados em detrimento da medicina formal.

Além dos recursos públicos de saúde, existem clínicas privadas, de acesso restrito e limitado, concentradas em Bissau, com destaque para as consultas médicas e meios de diagnóstico⁵¹, tais como análises clínicas e exames complementares. Mais numerosas do que os hospitais e os centros de saúde são as farmácias⁵², que em Bissau proliferaram, havendo em grande número, se bem que disponham de um stock pouco diversificado de medicamentos, vendidos em média a preços elevados.

Aparentemente, o sector financeiro da Guiné-Bissau parece estar em crescimento, apesar da relativa instabilidade cambial face ao euro e ao dólar americano. Nos últimos anos, o sector bancário foi alvo de dinamização, complementando o funcionamento dos balcões de cinco bancos⁵³ principais, com a actividade crescente das casas de câmbio⁵⁴. Paralelamente aos serviços financeiros oficiais e formalizados, destaca-se a importância da economia informal⁵⁵, manifestada também na actividade cambial, havendo neste caso possibilidade de negociação do valor do câmbio.

Em qualquer um dos estabelecimentos bancários em funcionamento em Bissau não existe possibilidade de efectuar movimentos através das caixas ATM, nomeadamente no que respeita ao levantamento de dinheiro com cartões “Visa Electron” internacionalmente reconhecidos. Da mesma forma, são particularmente limitadas as transacções com cartão de crédito Visa, Mastercard ou American Express, o que do ponto de vista do turismo representa um forte constrangimento. Assim, em situação de viagem, o turista tem de encontrar alternativa para efectuar pagamentos, sendo necessário prever uma provisão⁵⁶ de dinheiro, em euros ou dólares americanos, ou de “travel cheques”.

⁵¹ As clínicas privadas do Dr. Sali, do Dr. Fernando Ka e do Dr. Ali Hanchem são exemplo, assim como o Centro Policlínico Madre Teresa de Calcutá. No que respeita aos meios complementares, são exemplos o Centro de Diagnóstico Ecográfico e a Biomédica.

⁵² Durante a missão, e apenas em Bissau, foram registadas 37 farmácias em funcionamento.

⁵³ Banco Internacional da Guiné-Bissau (BIGB), Ecobank, Banco da União, Banco Regional de Solidariedade, Caixa de Poupança e Crédito. Além destes, existe representação do Banco da África Ocidental (BAO) e do Banco Central dos Estados da África Ocidental (BCEAO) em Bissau.

⁵⁴ São exemplos: a Casa Câmbios Nhay & Tala Kebe; Guiné Câmbios, Lda; SOFIN Western Union; Super Câmbio Madine Boé; Intercâmbios Njai Irmãos; Money Gram; Lojas de Câmbios.

⁵⁵ A actividade cambial de natureza informal decorre na rua, sendo os cambistas simultaneamente vendedores de cartões de carregamento de telemóveis.

⁵⁶ Em viagem o turista deverá prever uma provisão monetária, em cash, para perfazer o pagamento de alojamento, alimentação, deslocações e outras despesas.

Paralelamente ao sector bancário, o segurador está também em crescimento, verificando-se um aumento de agentes⁵⁷, tanto nacionais como estrangeiros, se bem que com concentração na capital.

A diversificada actividade comercial, formal e informal, tem sido dinamizadora da economia nacional e dos circuitos internos, sendo de destacar a existência de mercados locais em espaço misto, aberto e fechado, tipicamente africanos, que apresentam forte potencial turístico. Na cidade de Bissau existem mercados em todos os bairros com venda de produtos da terra, sendo de destacar o Mercado de Bandidim, pela centralidade e dimensão.

Paralelamente, e com interesse turístico particular, destacam-se os pequenos mercados de artesanato⁵⁸ sob a forma de exposições de rua, estabelecendo-se contacto directo com o vendedor, que pode não coincidir com o artesão. Um dos casos típicos na cidade de Bissau é a exposição comercial efectuada junto à Pensão Central e à Catedral, nas proximidades da loja de artesanato da Artissal, Fábrica de Tecelagem Artesanal de Quinhamel, que funciona simultaneamente como espaço de exposição de materiais e de artesanato, e de vendas, complementando a actividade de Quinhamel, onde é possível observar os tecelões a trabalhar ou comprar peças ali confeccionadas.

O comércio de outros produtos, sobretudo importados, efectua-se nas lojas, registando-se um aumento do número de supermercados⁵⁹ e pequenos centros comerciais explorados por estrangeiros, bem como de lojas especializadas⁶⁰, funcionando de acordo com o horário tradicional, ou seja entre as 8h e as 12h30, reabrindo no período das 14h30 às 18h30.

Do ponto de vista cultural e patrimonial, apesar da oferta ser rica, é notória alguma desestruturação por inexistência de sinalética indicativa, associada à precária manutenção e preservação dos espaços. Em Bissau, apesar da disponibilidade de património de reconhecido valor histórico e turístico, não existem indicações nem placas identificativas, não sendo igualmente fácil encontrar descrições sobre a história nacional ou explicações escritas para consulta. A exemplificar esta carência pode referir-se:

⁵⁷ São exemplos a Guinébis, a Ensa, a Aliança Seguradora e a NSIA.

⁵⁸ Anteriormente ao incêndio no Mercado Central, os vendedores de artesanato concentravam-se em espaço próprio, apesar de um pequeno grupo expor trabalhos junto à Pensão Central. Após o incêndio, os vendedores espalharam-se pela cidade, podendo ser encontrados nas proximidades da Catedral de Bissau.

⁵⁹ No centro de Bissau existe oferta diversificada de lojas e supermercados, como Mavegro, Bodem, Coimbra, Bonjour, Nurdin, Darling Central, Touba Ancar.

⁶⁰ É o caso da loja de vinhos Señor Pancho, a lavandaria Press Matic, a papelaria Sara, a livraria Paz e Bem, a boutique Charme, a ourivesaria Portuguesa ou a Casa da Música.

- o Museu Nacional Etnográfico, situado nas instalações do INEP, no Bairro da Ajuda, distante do centro da cidade, dispõe de guia de acompanhamento para a visita, que presta esclarecimento oral sobre a mostra de arte regional, características do artesanato balanta, bijagó, papel e manjaco, pinturas, máscaras de Carnaval, objetos em madeira, tecidos e cerâmica. Contudo, por estar deslocalizado do centro da cidade e por não existir qualquer indicação orientadora, o acesso torna-se difícil sendo apenas possível a visita quando se recolhe informação junto dos serviços de hotel;

- a Biblioteca Nacional, a funcionar nas instalações do INEP, no Bairro da Ajuda, apresenta os mesmos constrangimentos do Museu Nacional Etnográfico;

- a Fortaleza ou Forte d'Amura que, apesar de interditada a visitas ao interior por ali funcionar um destacamento militar, é um monumento nacional com interesse histórico e de valor turístico, que pode ser apreciado do exterior;

- o antigo Palácio Presidencial que se encontra desocupado, além de parcialmente destruído desde o conflito de 1998, e que dispõe de espaços ajardinados que poderiam ser aproveitados com fins turísticos, já que a zona da cidade, além de ser central, é um símbolo da história nacional, e situa-se na Praça dos Heróis Nacionais, onde também está localizada a Primatura;

- o Memorial do Pidjiguiti, Monde Timba, no porto de Bissau;

- os edifícios religiosos que são referência para os diferentes cultos, como a Mesquita Central e a Catedral de Bissau;

- toda a região de Bissau Velho, pelas características das ruas, traçado da arquitectura e proximidade do porto, revestindo elevado interesse turístico.

Nas restantes regiões, a inexistência de sinalética indicativa, incluindo a partir de Bissau, é também uma realidade. Apesar da diminuição da oferta patrimonial e cultural, evidenciam-se as fortalezas características das localidades costeiras, antigos quartéis espalhados por todo o território, igrejas e alguma arquitectura colonial de interesse histórico nas principais cidades. É ainda de registar que as acessibilidades para as diferentes regiões do país não estão indicadas, o que do ponto de vista turístico representa um constrangimento acrescido por aumentar a dificuldade de orientação, restringindo o grau de autonomia do turista.

II. Turismo na região de Biombo

A região de Biombo dista da capital cerca de 30 km em direcção a oeste, localizando-se junto ao oceano Atlântico, mais concretamente entre o Canal do Geba e o Rio Mansoa (cf. Mapa nº 2). A região é a segunda mais pequena, a seguir ao Sector Autónomo de Bissau, sendo constituída por 838,8 Km², correspondendo a 2,3% do território nacional. Esta região destaca-se por ser uma zona privilegiada pela proximidade à capital, mas também por estar na confluência com o Arquipélago dos Bijagós e com a região norte.

Mapa nº 2 - Identificação da região de Biombo



Do ponto de vista administrativo, a região subdivide-se em três sectores, a saber: Quinhamel com 451,0 Km² (53,8% da região), Prábis com 213,0 Km² (25,4%) e Safim com 174,8 Km² (20,8%). Todos os sectores são caracterizados por extensas áreas de mangal, intercaladas com bolanhas e costa com praias que, no conjunto, conferem à paisagem traços particulares e de grande potencial para a prática do turismo de observação.

Apesar da reduzida dimensão da Região de Biombo, na sequência do levantamento das características ambientais efectuado durante o período da missão, foi identificada diversidade de ecossistemas e dos meios naturais que os contextualizam, podendo referir-se como mais importantes o mangal e a lala de água doce e salgada, o palmar, a savana e a floresta, a costa e as praias de areia branca. Em cada um destes ecossistemas é possível encontrar uma grande diversidade de espécies de flora e fauna, com destaque para as aves migratórias, tornando esta região em potencial destino para a prática de actividades turísticas de observação de espécies e de contemplação de paisagens, enquadradas por meios naturais preservados.

Paralelamente, Biombo é uma região dotada de um conjunto alargado de potencialidades culturais, que são o resultado da existência de comunidades ancestrais, maioritariamente pertencentes à etnia Papel, que reproduzem práticas fundamentadas em sistemas simbólicos e em representações sociais, que lhes conferem identidade, reforçando o sentimento de pertença. As manifestações culturais em “Chão Papel” fazem parte do quotidiano das populações, por estarem fortemente enraizadas, sendo transmitidas de geração em geração através do costume e da tradição oral. Contudo, existem também práticas cerimoniais e rituais que marcam momentos de excepção na vida destas comunidades e que contribuem de forma determinante para a criação e reforço de identidades, pelo reconhecimento de elementos simbólicos próprios. Tal como sucede em todo o território nacional, a promoção do turismo na região de Biombo está dependente da identificação, do reconhecimento e da valorização dos factores potenciais, mas também da tomada de consciência de que existem alguns constrangimentos que, se não forem atempadamente identificados, controlados e minimizados, podem ser condicionantes, limitando a implementação das iniciativas projectadas. Neste caso, a maioria dos factores constrangedores identificados são comuns aos observados no resto do país, se bem que alguns possam ser corrigidos tendo por ponto de partida o nível local de intervenção. Assim, a abordagem proposta não é excessivamente ambiciosa no sentido de alargar as acções propostas para todo o território, mas antes de fixar a atenção na área geográfica do Biombo onde o Projecto OntunLanN’do Botôr intervém.

1. Aspectos facilitadores e potencialidades

Apesar da instabilidade político-governativa da Guiné-Bissau, factor que influencia de forma directa a dinamização do turismo e que se tem traduzido na irregularidade que marca o sector, a região de Biombo reúne um conjunto de elementos potenciais, tanto ambientais como culturais, que favorecem e estimulam a criação e o desenvolvimento de iniciativas, principalmente concebidas em função de determinados segmentos.

Na Guiné-Bissau, a acção das Parcerias de Desenvolvimento (PD) na dinamização de projectos de valorização regional e local, criando condições para o desenvolvimento comunitário nas suas diferentes dimensões é, cada vez mais, uma realidade. Pelas características inerentes ao sector, no que respeita ao dinamismo, inovação, aprendizagem, requalificação e integração de outros sectores, nos últimos anos, o turismo tem sido entendido como uma área de intervenção importante para a criação de mudanças a nível local.

No caso do projecto OntunLanN'do Botôr, existe um clima de entendimento entre as organizações constituintes da PD e as Instituições, nacionais e internacionais, vocacionadas para a promoção do Turismo no País, para o planeamento ambiental, gestão e preservação de áreas protegidas e conservação de espécies, abrindo a possibilidade de se estabelecerem novas parcerias no futuro. Estes são os casos, por exemplo, da Direcção-Geral de Turismo, da Associação de Hotelaria, Restauração e Turismo da Guiné-Bissau, do Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP) e da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN).

No que respeita às potencialidades regionais e locais, ou seja os factores definidos como positivos, foram identificados quatro: as especificidades culturais e étnicas; a diversidade ambiental e paisagística; a localização geográfica com proximidade a Bissau; e a possibilidade de se estabelecerem ligações com outras regiões.

1.1. Elementos Étnicos e Culturais

A população⁶¹ total da região de Biombo, em 1991, era de 59.827 habitantes (INEP, 1997), desigualmente repartida do ponto de vista sexual, já que 52,7% eram mulheres e 47,3% homens. Da análise dos dados estatísticos disponíveis, constata-se que, no que respeita à repartição geográfica⁶², existe proporcionalidade, já que 57,4% residiam no sector de Quinhamel, 23,3% em Prábis e 19,3% em Safim. É interessante referenciar que, ao contrário do que habitualmente se verifica na Guiné-Bissau, as estatísticas indicam que, em média, os agregados familiares são constituídos apenas por 3,7 indivíduos, traduzindo um menor peso relativo da família alargada, situação que pode ser explicada, entre outros factores, pela proximidade da região em relação à capital. A população desta região é tendencialmente jovem⁶³, já que 55,7% tem idades inferiores a 20 anos, dos quais 50,3% do sexo masculino e 49,7% do sexo feminino (INEP, 1997: 66).

⁶¹ De acordo com as projecções do INEP, em 1991 a população da região de Biombo era de 59.827, estimando-se que em 2000 fosse de 62.574 e que em 2010 seja de 65.774 habitantes.

⁶² Esta situação é confirmada pela análise da repartição dos agregados familiares, sendo que 52,5% reside em Quinhamel, 24,9% em Prábis e 22,6% em Safim (INEP, 1997).

⁶³ É de destacar que a população com idade superior a 60 anos é minoritária, correspondendo a 7,8% do total.

A região de Biombo é vulgarmente denominada como “chão dos Papeis”, uma vez que o principal grupo é a etnia Papel, que representa 74,3% da população regional (INEP, 1997: 65). Contudo, confirma-se ainda a presença de outros grupos étnicos, nomeadamente e por ordem de importância: os Balanta (19,6%); os Mancanha (2,6%); e os Manjaco (1,4%) e outros como os Fula, os Mandinga, os Bijagó e os Beafada (2,1%). A constatação de que existem diferentes grupos étnicos num território de reduzidas dimensões, permite compreender a diversidade cultural que caracteriza a região, visto que cada etnia apresenta particularidades simbólicas e culturais que a identificam e lhe conferem identidade.

De todos os grupos étnicos que vivem na região de Biombo, a maioria é Papel (74,3%), grupo que tal como os Manjaco (1,4%) e os Mancanha (2,6%) é denominado de povo brame (INEP, 1997: 66), vivendo organizados em sociedades hierarquizadas no denominado Regulado, ou seja dependentes do poder tradicional do Régulo⁶⁴. Os Regulados da região de Biombo continuam a valorizar e a preservar o poder legitimado por funções gestionárias, tendo o poder político tradicional sofrido algumas alterações após a independência. Apesar do poder tradicional continuar a ser uma realidade (cf. Fotos em Anexos), oficialmente a região é dirigida por um Governador Regional, apoiado por Presidentes dos Sectores e por Comités de Tabanca. Esta duplicidade, presente nas relações de poder, formal e tradicional, e na sua regulação a nível local pode parecer, numa primeira abordagem, um pouco confusa mas, do ponto de vista turístico, reveste uma grande potencialidade por encerrar a associação entre o carácter místico e a ancestralidade.

A comunidade Papel é, por tradição, animista, o que significa que os seus membros prestam culto ao Irã⁶⁵, entidade sobrenatural não materializada, que vive na Natureza e que se manifesta na vida humana e comunitária das mais diversas formas. Os animistas criam animais com o objectivo de serem sacrificados em determinados momentos, por ocasião de cerimónias, tais como sucede com todos os ritos de passagem: circuncisão, casamento e choro. Alguns elementos da Natureza, tal como fontes, rios e árvores, com destaque para o Poilão e Baobab, estão carregados de sacralidade, pelo que são respeitados, tornando-se intocáveis e objecto de culto.

⁶⁴ Um dos elementos culturais exteriorizados e que permitem a identificação do Régulo Papel é o lenço encarnado que usa na cabeça, denominado Macau, em crioulo e Kupolene em dialecto local. Os baloberos, ou seja os conselheiros e assessores do Régulo, também usam mas de outras cores, já que para este grupo étnico a cor encarnada é simbólica e representa poder.

⁶⁵ Segundo o Presidente da Associação de Hotelaria, Restauração e Turismo, Sr. Lobato, a etnia Papel combina a religiosidade com as capacidades artísticas.

Tal como a maioria da população guineense, a comunidade Papel vive tradicionalmente de actividades do sector primário, principalmente da agricultura e da pesca artesanal, vocacionadas para a subsistência ou, sempre que existem excedentes, vendendo em mercados locais e semanais. A região de Biombo é também uma das mais ricas do país no que respeita à produção artesanal, já que uma parte da população se dedica, além das actividades produtivas tradicionais, à extracção de areia, à produção de cana ou de vinho de caju, à extracção de sal, à recolha de vinho de palma, à ferraria e à tecelagem. Esta região é também conhecida por ser o maior fornecedor de vinho de caju, o chamado “M’sumsum”, de Bissau, de Bafatá e de Gabu (Comité de Estado da Região, 1995: 74), sendo ainda exportado para o Senegal.

Uma das actividades mais características pela ancestralidade, e que nos últimos anos tem sido valorizada do ponto de vista cultural⁶⁶, é a confecção artesanal de panos⁶⁷, com recurso a teares manuais, os denominados “teares de pente”. Sendo uma actividade tradicional e ancestral, à qual se dedicam apenas os homens, continua a ser nos dias de hoje muito importante para a comunidade, que a considera sagrada. O saber-fazer é transmitido de pai para filho ou de tio para sobrinho, através do costume e da tradição oral, perpetuando os laços familiares. Nesta actividade, até aos teares de pente são reconhecidos elementos de sacralidade, sendo muitas vezes utilizados em rituais relacionados com a cura de determinadas doenças.

Os panos são actualmente identificados como produtos de artesanato nacional visto que o seu valor, beleza e qualidade são reconhecidos tanto a nível interno como internacional. A ONG Artissal⁶⁸, membro da PD e promotora local⁶⁹ do projecto OntunLan N’do Botôr, desenvolve a actividade de organização da produção e comercialização de panos e outros produtos desde 2004⁷⁰.

⁶⁶ Segundo o Director-Geral do Turismo, Francisco José da Costa, uma das potencialidades turísticas da região consiste na riqueza cultural e artesanal da etnia Papel, associada à simpatia e hospitalidade no acolhimento.

⁶⁷ Existem panos adequados para cada momento, por exemplo, o Condja é utilizado em casamentos, o Latrousse evidencia riqueza e poder e o pano Branco é próprio para a circuncisão.

⁶⁸ A Artissal é uma ONG vocacionada para a promoção do desenvolvimento local, sediada em Quinhamel, região de Biombo, formalmente constituída em 2004, procurando recolher informações junto das comunidades locais da etnia Papel para reproduzir padrões antigos, inovando e criando uma paleta de cores própria, incluindo a produção de corantes orgânicos de fios recorrendo a tintas batik e à djabarana (do género do açafraão).

⁶⁹ Desde o início da sua actividade, a Artissal optou pela produção associativa com gestão participativa, fundamentada no diálogo intercultural e nos princípios inerentes ao Comércio Justo. Actualmente dispõe de duas unidades de manufactura, uma em Quinhamel e outra em Calequisse.

⁷⁰ Informação disponibilizada em entrevista com o Presidente da Artissal, Maximiano Ferreira, em 26 de Janeiro de 2009.

Os objectivos da Artissal são salvaguardar o património cultural local, regional e nacional, estimular a promoção artística regional, sensibilizar as comunidades, formando-as, incentivar o associativismo e as actividades económicas geradoras de rendimento através da dignificação das actividades tradicionais. Na sede da ONG em Quinhamel colaboram directamente na produção doze mestres artesãos, ou tecelões, e doze aprendizes que por tradição são familiares, nomeadamente filhos ou sobrinhos. A possibilidade de observar a actividade de tecelagem e de contactar directamente com os artesãos é, para o turista, uma mais-valia já que permite tomar contacto com um ofício ancestral ao qual é também atribuído e reconhecido um atributo de sacralidade.

Ancestralmente, a tecelagem era uma actividade artesanal desenvolvida no contexto da produção familiar, em pequenas unidades, e os panos eram particularmente utilizados em cerimónias fúnebres por serem peças únicas e de grande valor. Contudo, com o tempo, o uso passou a ser alargado a outras cerimónias e práticas rituais pelo significado simbólico que contém.

Na relação entre o turista e as comunidades locais, a produção e venda de artesanato pode e deve ser entendida como um estímulo para o desenvolvimento da economia local, complementada pela valorização cultural, que reforça identidades, pela importância atribuída à autenticidade das manifestações, à ancestralidade das práticas e ao respeito pelos elementos simbólicos tradicionais. No contexto do turismo alternativo, que requer a adopção de atitudes e de comportamentos socialmente responsáveis, as artes e as técnicas culturais tradicionais são entendidas como parte integrante das formas de vida comunitárias, traduzindo costumes e práticas que só podem ser conhecidas por observação e contacto directo.

1.2. A Diversidade Ambiental

Do ponto de vista ambiental, a região de Biombo é muitas vezes considerada como “a região esquecida”, por não ter um tratamento particular, enquanto área protegida, ou um enquadramento legal específico. Nesta região, não existe nenhuma diferenciação ou classificação de área a preservar, seja com denominação de Parque Natural ou de Reserva. Contudo, dado que o ecossistema de mangal domina, pode considerar-se como área de protecção a nível nacional, já que os tarrafes, ou mangal, são protegidos por lei na Guiné-Bissau⁷¹. Em 2004 foi aprovado o “Plano Nacional sobre o Ambiente”, que inclui a gestão de áreas protegidas e a elaboração de um Programa de Gestão da biodiversidade das zonas costeiras.

⁷¹ Informação disponibilizada pelo Director do Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas (IBAP), Alfredo Simão da Silva.

Apesar de ser de pequena dimensão, a região de Biombo apresenta diversidade paisagística e riqueza ambiental, tanto de flora como de fauna. Reúne as características ambientais da maioria dos ecossistemas guineenses, já que existem significativas zonas de mangal, de lala, de floresta, apesar de transformada, de savana, de palmar, de costa e de praia.

Em resultado da localização geográfica, da proximidade em relação ao mar e da influência do Rio Mansoa, as zonas de mangal e de lala são claramente predominantes, fazendo com que se registem variações territoriais significativas em função da subida das marés. Do ponto de vista paisagístico é importante referenciar a existência de significativas plantações de caju que, por se tratar de uma planta de rápido crescimento com múltiplas potencialidades produtivas, tem tendência a ser intensificada. Contudo, a cultura do caju tem provocado uma alteração das características originárias do ecossistema, pela substituição das restantes produções agrícolas alimentares que garantem a manutenção familiar, complementada pela destruição das extensas zonas de mangal e dos diques.

De uma forma geral, pode afirmar-se que a pressão exercida sobre os diferentes ecossistemas tem promovido uma transformação progressiva de alguns elementos paisagísticos relacionados com as actividades produtivas que, apesar das diferenças, reveste interesse turístico. A população de Biombo utiliza o caju, enquanto matéria-prima de base, para importantes actividades económicas de transformação, mesmo que seguindo técnicas tradicionais. Este é o exemplo das destilarias artesanais de produção de aguardente e de vinho nas denominadas "Pontas"⁷², que actualmente se destinam a produções específicas (arroz, caju e derivados, cana e derivados e fruta).

Apesar da forte influência dos ecossistemas de mangal, por ter fronteira com o mar, a região de Biombo é dotada de costa com praias, cujas acessibilidades nem sempre estão facilitadas, exigindo o recurso a transporte combinado carro+barco. Duas das praias mais emblemáticas da região são a Praia Piquil e a Praia do Suru que, sendo desertas e potenciais para o turismo, apresentam alguns limites pela dificuldade das ligações. O acesso a Piquil por estrada está impossibilitado, devido à existência de uma faixa de mangal intransponível de carro ou por caminhada, requerendo a construção de uma estrada tipo picada ou de uma ponte, ficando limitada a chegada à disponibilização do transporte através de canoas⁷³ ou de barco a motor.

⁷² É um bom exemplo a Ponta do Rio Santo, a cerca de 5 km do centro de Quinhamel, onde existe uma destilaria de fabrico de vinho de caju.

⁷³ No decorrer da missão a equipa procurou visitar a Praia do Piquil ficando impossibilitada de ultrapassar o mangal por ausência de barco e por recusa dos pescadores da região em efectuar o transporte por insegurança do troço, em resultado das correntes marítimas na zona de transição entre o rio e o mar.

A Praia do Suru, no sector de Prábis, reúne um conjunto alargado de potencialidades turísticas, por ser deserta e associar mangal com areia branca e aves marinhas migratórias.

As actividades balneares podem ser complementadas com outras de valorização das características culturais e de promoção social.

Pela influência do Rio Mansoa, Biombo apresenta um conjunto de potencialidades para o desenvolvimento de actividades em meio fluvial, podendo destacar-se os passeios de barco para observação de espécies e contemplação de paisagens e do pôr-do-sol, ligação entre diferentes zonas, contacto com actividades produtivas tradicionais, como extracção de areia e pesca artesanal, entre outras. Neste âmbito insere-se também a ligação às ilhas para visita de um dia, por não requerer alojamento, podendo ser privilegiadas as que se encontram geograficamente mais próximas da costa, nomeadamente Maio, Formosa e Papagaio. Existe a possibilidade de alugar um barco, sendo variáveis os preços praticados em função da contratação ser feita em Bissau ou directamente em Quinhamel, se bem que seja necessário negociar com os pescadores locais que, em resultado da incerteza das marés e face à possibilidade de ocorrência de acidentes com canoas tradicionais, se sentem condicionados à viagem.

As espécies de fauna mais comuns na região são as aves, com destaque para as marinhas migratórias, tais como o pelicano e o maçarico de asa branca, mas também outras como o “catchu-martelo” ou pica-pau, o periquito, o “tchintchor” e as garças branca (“greta”) e preta, que são fortemente potenciais para a prática do turismo de observação, em particular para os interessados pelo *birdwatching*. Contudo, dada a diversidade de ecossistemas, a fauna é diversificada, podendo encontrar-se gazelas ou cabras do mato, porcos do mato, vários tipos de símios, com predomínio do macaco de mangal, hienas ou “lobos” e répteis, com destaque para as iguanas e as cobras (Bida ou Cobra Preta, Tutu, Víbora e “Irá Cego”). Em zonas fluviais destacam-se os crocodilos ou “lagartos grandes”, os manatins ou “pis bus” e os golfinhos ou “tonino”, sendo a fauna marinha variada, incluindo cetáceos, tubarões e outros peixes com potencial para observação em actividades de mergulho e de “snorkeling”.

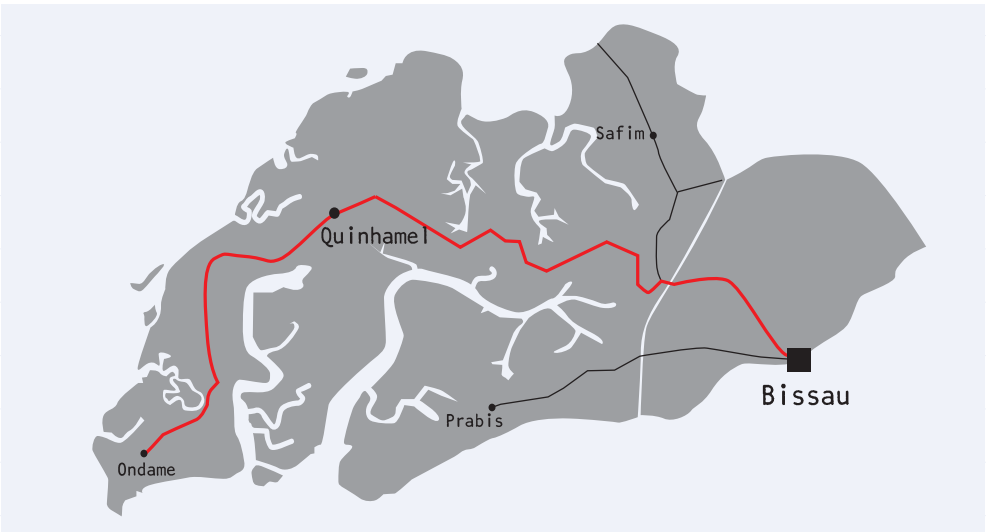
Face à proximidade em relação à capital, ao longo do tempo, tem-se verificado uma maior intensidade na caça com captura e morte de algumas espécies para consumo directo e comercialização, acção que tem contribuído de forma determinante para uma redução drástica no número de indivíduos de uma espécie. Este facto deu origem a um aumento das ameaças a determinadas espécies, que hoje são consideradas raras e de difícil contacto, o que em certa medida valoriza a região para observação em contexto de lazer e de turismo.

Tal como sucede em relação a todo o país, a natureza da região de Biombo é considerada como fortemente potencial para a promoção turística⁷⁴, particularmente se forem considerados alguns segmentos, entre os quais o ecoturismo, o turismo de observação e o turismo ambiental, o que implica considerar-se uma dimensão de responsabilização nas acções dos diferentes actores envolvidos.

1.3. As acessibilidades e a proximidade de Bissau

Dada a localização geográfica e a proximidade à capital, a região de Biombo é a que, a nível nacional, aparenta ter um acesso directo e rápido facilitando as deslocações, o que representa uma potencialidade de grande significado.

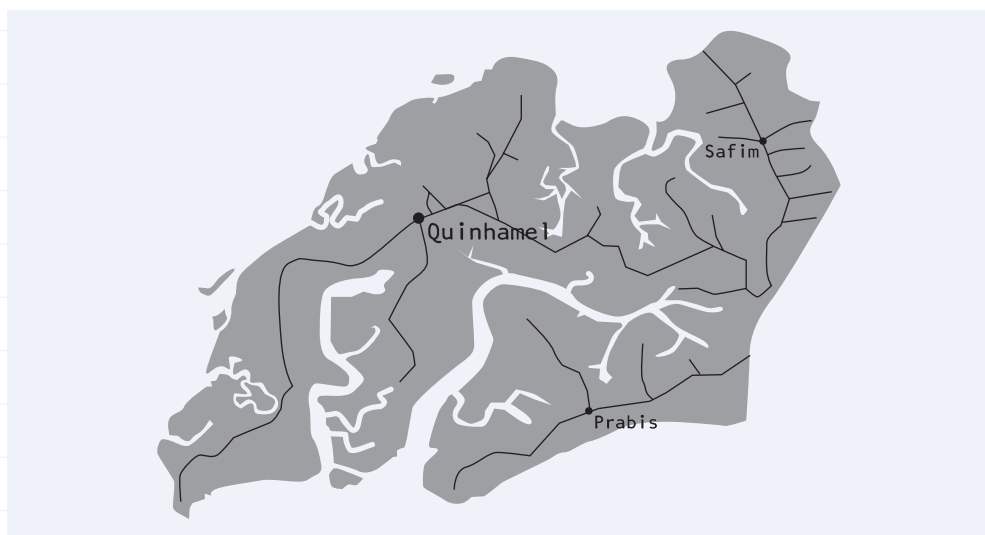
Mapa nº 3 - Estrada de ligação Bissau-Quinhamel-Ondame



⁷⁴ Todos os interlocutores contactados e entrevistados coincidiram na ideia de que o Ambiente é um dos aspectos prioritários para a promoção do turismo na Guiné-Bissau, independentemente da região considerada: Director-Geral do Turismo; Presidente da Associação de Hotelaria, Restauração e Turismo da Guiné-Bissau; Director do Instituto de Biodiversidade e Áreas Protegidas; Presidente da Artissal; e Régulos.

De Bissau a Quinhamel distam apenas cerca de 30 km em estrada asfaltada e que se encontra em boas condições, apresentando boa visibilidade por ser um troço direito, com poucas curvas, sem cruzamentos e com reduzido movimento de tráfego. À saída de Bissau, o Aeroporto e o Quartel de Artilharia são os principais pontos de referência, tendo em conta que não existe qualquer sinalética indicativa das direcções. A estrada tem início na rotunda do aeroporto Osvaldo Vieira, que de forma coincidente é o ponto central de ligação para o norte, centro e sul do País. O acesso à região de Biombo a partir de Bissau representa uma forte potencialidade, principalmente quando comparado com outras regiões da Guiné-Bissau.

Mapa nº 4 - Representação das estradas de ligação entre os sectores de Safim, Prábis e Quinhamel



A chegada a Quinhamel, a partir de Bissau, requer a passagem pelo sector de Safim, sendo que a ligação a Prábis obriga a regressar a Bissau, virando em direcção ao Bairro Novo com seguimento por outra estrada. É importante referir que a ligação entre os diferentes sectores só é possível passando por Bissau, visto não existir ligação rodoviária directa a nível regional.

De Quinhamel a Ondame, a localidade mais próxima da Praia de Piquil, no Biombo, a estrada é em picada, com excepção dos primeiros três quilómetros em que existe asfalto, passando-se por várias comunidades, maioritariamente de etnia Papel. Existem projectos de reabilitação da pista que liga Quinhamel a Ondame (cerca de 30 km), acção que se traduz numa melhoria significativa nas condições de vida das populações locais, facilitando em grande medida as deslocações em contexto de lazer e turismo.

As acessibilidades a Piquil, depois de Ponta Biombo, são extremamente dificultadas, apesar das potencialidades reconhecidas, visto existir um troço que está totalmente transformado numa faixa de mangal, que impossibilita a passagem por estar coberto de água e de raízes. Este constrangimento pode ser corrigido uma vez que, de acordo com informações recolhidas localmente, em tempos o acesso foi totalmente transitável, tendo sofrido um processo de destruição durante o conflito de 1998, sem que houvesse posteriormente acções de reabilitação. De acordo com testemunhos locais, existe um projecto de recuperação da estrada, com construção de um dique por um grupo hoteleiro espanhol que pretende implementar-se em Piquil, se bem que esta informação não tenha sido confirmada pela Direcção-Geral do Turismo.

O acesso à Praia do Suru (cf. 1.2.) resulta também num misto de estrada asfaltada e picada sendo que, neste caso, a possibilidade de realizar o percurso por meio rodoviário é total, não se verificando o constrangimento sentido em Piquil, com a alternância entre área de mangal e água.

Na região de Biombo, o estado das pistas rurais ou picadas é variável, mas a generalidade está transitável permitindo as acessibilidades por via rodoviária e, inclusivamente, a chegada a pontos distanciados e que aparentemente seriam sinónimo de impossibilidade. Da mesma forma, o recurso a bicicletas como meio de transporte e ligação entre pontos menos distanciados é uma possibilidade, porque mesmo nas pistas rurais de terra existem condições para se transitar.

Além das acessibilidades rodoviárias para o Biombo, e dadas as características geográficas existem alternativas de transporte por via marítima e fluvial. A região é dotada de extensas áreas navegáveis, tanto por mar com ligação ao arquipélago dos Bijagós, como por exemplo através dos rios⁷⁵ Mansoa, Tôr, S. Martinho e Nhacete.

Apesar de não ser uma região particularmente dotada de infraestruturas portuárias, a vida comunitária em torno das zonas navegáveis é uma realidade, destacando-se as actividades da pesca artesanal, da extracção de areia e dos pequenos mercados locais de venda de peixe e crustáceos. Este factor é importante para o desenvolvimento do turismo: por um lado, os rios são identificados como ecossistemas ricos em biodiversidade e, quando navegáveis, favorecem o desenvolvimento de actividades que transformam a estadia numa experiência única e excepcional; por outro lado, a possibilidade de contactar directamente com as comunidades locais no dia-a-dia representa uma mais-valia; por fim, a possibilidade de aceder a determinados locais por rio e por mar é uma vantagem que se traduz no aumento das oportunidades turísticas.

⁷⁵ Com excepção do Rio Mansoa, trata-se de braços de mar que penetram na área continental, por isso são de água salgada.

1.4. As ligações a outras regiões

Após a observação e o contacto directo com as realidades, propiciados no decorrer da missão, parece evidente a sugestão de ligação entre Biombo e outras regiões de reconhecido interesse turístico. Esta é uma região que se destaca por ser a mais pequena de todas e, simultaneamente, uma das mais bem servidas no que respeita à mobilidade. Apesar de que, por características, as actividades turísticas não se esgotam na totalidade numa única deslocação, a valorização do destino pode ser bem conseguida se complementada com o intercâmbio com outras regiões em que os elementos ambientais e culturais sejam diferentes.

A Guiné-Bissau é um país africano rico do ponto de vista humano, social e cultural mas também no que respeita aos ecossistemas e à biodiversidade, pelo que a complementaridade regional valoriza e favorece a prática turística, pela possibilidade de alargar o conhecimento dos viajantes sobre as realidades locais, mas também de criar novas oportunidades de desenvolvimento nas comunidades mais isoladas.

Assim, o intercâmbio regional passaria pela definição de parcerias com outros agentes de desenvolvimento local com projectos similares, entre os quais se destaca:

- a ONG Acção para o Desenvolvimento (AD). A AD encontra-se em fase de implementação e de dinamização de um projecto ecoturístico de dupla vocação conservacionista (em particular de símios e grandes mamíferos), e de revalorização histórica (no segmento do Turismo da Saudade), recorrendo ao envolvimento comunitário e à gestão participativa, o Projecto U'Anan. Esta experiência funciona no sul da Guiné-Bissau junto à fronteira com a Guiné-Conacri, em Iemberem, Tombali, onde a comunidade Nalu exerce uma grande e ancestral influência (Brito, 2007) e onde as florestas primárias de Cantanhez dominam a paisagem;
- a ONG Artissal encontra-se a promover acções de produção de panos com a comunidade Manjaco, em Calequisse, na região de Cachéu. Pelo interesse e valor patrimonial, histórico e cultural das acções, a visita a este sector do norte da Guiné-Bissau torna-se irrecusável. Por outro lado, nas proximidades de Calequisse existe uma praia de elevado potencial e muito conhecida em meio guineense, Catchalan;
- em Buba, as iniciativas locais de promoção turística com alojamento e possibilidade de realizar actividades no Rio Grande de Buba;
- no arquipélago dos Bijagós, pela diversidade de ilhas, praias e paisagens florestais, assim como pela relativa proximidade em relação a Biombo, as visitas de um dia, ao estilo de excursão para conhecimento e passeio, ou incluindo dormida são inevitáveis para o turista estrangeiro que procura otimizar o limitado tempo de viagem, realizando o máximo possível de actividades.

Dado que o projecto OntunLan N'do Botôr tem uma forte dimensão social e de responsabilização, é suposto que os intercâmbios e ligações que se venham a estabelecer, sob a forma de parcerias formais ou informais, privilegiem também estes segmentos.

2. Factores constrangedores

As potencialidades regionais, de natureza ambiental e sociocultural, são evidentes, representando factores de atracção turística para determinados segmentos considerados. Contudo, a região, tal como sucede em todo o país, confronta-se com alguns elementos constrangedores, que podem traduzir-se em limites para a implementação e desenvolvimento de uma estratégia turística respeitando o princípio da sustentabilidade.

O turismo é, cada vez mais, um sector que se fundamenta em princípios de competitividade e de concorrência. Para que um país, e mesmo uma região, seja definido como destino turístico, a criação e a manutenção de condições que favorecem a entrada de estrangeiros para estadias de duração previamente definidas e a sua manutenção com retorno, são determinantes.

Do ponto de vista turístico, a República da Guiné-Bissau tem sofrido os efeitos da inexistência de uma preocupação estratégica e coerente de criação planeada de infraestruturas, e de manutenção das existentes que, ao longo do tempo, tem resultado em degradação progressiva dos recursos e do património. Segundo o Director-Geral do Turismo, o sector foi considerado prioritário para o desenvolvimento e a Direcção-Geral de Turismo está empenhada em desenvolver esforços para que seja uma realidade. Aquando da missão, o Programa do Governo não havia ainda sido aprovado, pelo que a incerteza se mantinha no que respeita ao real investimento no sector.

Esta sensação de incerteza é reforçada pela inexistência de um documento orientador do género de um Plano Estratégico para a implementação do Turismo que, apesar de ter sido produzida e proposta uma primeira versão, preparada por consultores estrangeiros, não havia sido aprovada aquando da Missão, pelo que se aguardava a rectificação.

2.1. Infraestruturas de ligação, transportes e sinalética

Apesar da ligação a Bissau ser facilitada por uma estrada em asfalto, reabilitada e que se encontra em boas condições de manutenção, os acessos entre os três sectores da região de Biombo revelam-se morosos pela necessidade de passar pela capital. Paralelamente, uma grande parte dos troços rodoviários é efectuada em picada ou pista rural, o que implica deslocações mais demoradas e com menor grau de conforto para os viajantes.

Um dos principais factores condicionantes para a implementação do turismo no Biombo, igualmente sentido nas restantes regiões do País, consiste na insuficiente rede de transportes centrada na associação entre o “toca-toca” ou táxi na cidade de Bissau e a “candonga” nas ligações inter-regionais. Este sistema habitualmente adoptado pelos guineenses revela-se pouco adequado em contexto de turismo porque resulta num transporte pouco confortável e muito moroso. Como são meios colectivos de transporte, o número de lugares nem sempre é respeitado.

Para as viagens de turismo na Guiné-Bissau as deslocações entre regiões, bem como no interior das cidades, dependem da disponibilidade de um carro⁷⁶ que pode ser alugado com ou sem motorista. O aluguer de viaturas resulta, na maioria dos casos, numa actividade informal por contratação directa de serviços, pressupondo uma negociação de preços em função dos percursos a efectuar e dos tempos de utilização. Esta contratação de serviços pode tornar-se dificultada se o viajante não tiver diligenciado contactos prévios, ficando limitado à eventual oferta publicitada nos hotéis.

Apesar de ser notória a modernização do parque automóvel, continua a registar-se precariedade e envelhecimento de uma parte substancial das viaturas, colocando dúvidas no que respeita à segurança rodoviária: mau estado do veículo; inadequado *ratio* entre o número de lugares e o número real de passageiros transportado por percurso; tipo e peso da carga transportada.

As principais estradas de ligação, incluindo o troço Bissau-Quinhamel, atravessam áreas habitacionais e de grande movimento de população como mercados, lumus, aldeias e cidades, passando nas proximidades de tabancas, o que, de alguma forma, põe em risco a segurança dos transeuntes e dos animais com que as viaturas se cruzam.

⁷⁶ Por referência a Janeiro de 2009, o preço do litro do gasóleo era de 542 CFA e da gasolina 609 CFA, sendo o salário mínimo equivalente a 18.000 CFA.

Complementando os limites impostos pelas acessibilidades e meios de transporte rodoviários, na região de Biombo, tal como em todo o país, não existe sinalética informativa, indicativa e orientadora das direcções, das entradas e das saídas das principais localidades. No caso do viajante optar pela deslocação individual, ou seja sem acompanhamento de guia ou de motorista, a dificuldade de chegar ao destino aumenta, obrigando a uma perda de tempo que seria solucionada com a colocação estratégica de placas indicativas. Tanto em Bissau, como noutras cidades de menor dimensão mas dotadas de locais de interesse turístico, o problema da inexistência de sinalética orientadora também se coloca, já que não se encontram indicações dos principais pontos de interesse turístico, tais como património arquitectónico, cultural e toponímia de ruas.

No que respeita ao transporte fluvial, no decorrer da missão, registou-se maior irregularidade e incerteza neste meio de transporte do que no rodoviário. Em Biombo não existe um serviço formal e regular de transporte de barco, nem sequer uma identificação dos percursos mais habituais. O contacto com os donos das embarcações tem de ser efectuado no momento, revestindo um carácter pontual e de negociação directa com acerto dos preços, dos percursos e das condições do transporte, não sendo sempre possível a viagem coincidir por exemplo com cerimónias e períodos de fanado. Os barcos existentes na região são canoas artesanais, com excepção dos botes e das lanchas da propriedade do empreendimento Mar Azul em Quinhamel, o que dificulta em grande medida as incursões em áreas de junção entre o rio e o mar.

O transporte fluvial requer um conjunto de infraestruturas de apoio, nomeadamente para a chegada e a saída de passageiros que, em todos os pontos de possível embarque visitados, não existem. Assim, apesar de existirem zonas denominadas de porto, não foram encontradas estruturas do tipo de embarcadouro em madeira ou em cimento que facilitem a entrada e a saída das canoas. Apesar das frágeis condições para o transporte fluvial, na região de Biombo, este parece ser um recurso fortemente potencial dadas as características geográficas.

O transporte marítimo permite estabelecer as ligações com as ilhas, nomeadamente com o Arquipélago dos Bijagós, existindo a possibilidade de contratação de serviços através de agências de viagens em Bissau, ou recorrendo ao apoio das unidades hoteleiras. Contudo, a partir de Quinhamel ou de qualquer outro ponto da região de Biombo, o acesso aos portos locais é condicionado pela inexistência de estruturas fixas de facilitação do embarque.

2.2. Oferta de serviços complementares

Independentemente dos segmentos privilegiados, o desenvolvimento do sector do turismo requer a identificação e a estruturação planeada de um conjunto alargado de serviços, que viabilizem a realização de actividades em contexto de lazer e que ultrapassem em larga medida o alojamento. Estes serviços incluem a restauração tradicional mas também a informal, a venda de produtos locais, desde fruta a artesanato, a promoção e organização de actividades de lazer, o transporte e as visitas, as actividades lúdicas e de animação turística.

Na Guiné-Bissau, a oferta de serviços turísticos complementares é reduzida e, de uma forma geral, representa um factor limitativo para o incremento do sector mas, no caso da região de Biombo, este problema parece estar agravado. Nesta região existe apenas uma iniciativa turística, o hotel Mar Azul, localizado em Quinhamel que, além do alojamento, disponibiliza serviços de restauração, bar e piscina.

Nos três sectores da região, apesar de terem sido procurados serviços de restauração na forma de restaurantes, bares e similares, foram apenas encontrados dois - o Mar Azul e o restaurante do Sr. Inácio, conhecido como "Ostras de Quinhamel", os dois neste sector. Independentemente da localidade visitada, a inexistência de unidades de apoio ao viajante representa um forte limite visto que o turista, individualmente ou em grupo, normalmente manifesta vontade de experimentar novos sabores, sendo estes entendidos como expressão cultural de hábitos e de tradições. A restauração é uma das actividades prioritárias para o planeamento turístico, porque em contexto de viagem tem a capacidade de oferecer um tipo fundamental de serviços.

O pequeno comércio, vocacionado para o turista, é também habitualmente considerado como um nicho de mercado potencial. O viajante é, por excelência, um consumidor e durante a estadia sente necessidade de adquirir um conjunto alargado de bens que lhe dão conforto e a possibilidade de valorizar as experiências vividas e partilhadas. O tipo de produtos pode ser diversificado mas, na Guiné-Bissau, passa necessariamente pela venda de frutas locais e seus derivados, água e peças de artesanato que o turista possa adquirir para oferecer ou simplesmente como recordação de uma vivência inesquecível e que se pretende eternizar.

Na região de Biombo, o pequeno comércio de produtos locais é reduzido e fortemente limitado a pequenos comerciantes estrangeiros que, em quitandas, vendem todo o tipo de produtos sem especialização. A venda de frutas está concentrada nos mercados locais e locais, o que obriga o turista a deslocar-se para as adquirir, não encontrando postos de venda ao longo das possíveis actividades que venha a desenvolver, tais como visitas a Pontas, caminhadas para observação e incursões às praias.

A venda de artesanato está concentrada na loja da Artissal em Quinhamel, junto à fábrica, ou em Bissau no edifício da Pensão Central. Contudo, a oferta de artesanato centra-se nos panos tecidos com tear de pente pelos homens da etnia Papel, que tem hoje reconhecimento nacional e internacional pela qualidade dos materiais. Contudo, os outros grupos étnicos residentes na região e que se dedicam à produção artesanal de outros materiais (madeira, barro, cerâmica), não os vendem.

Dadas as potencialidades produtivas do ponto de vista agrícola, esta região é rica em caju e cana, que permitem a produção de vinho e aguardentes em destilarias. A visita às Pontas, onde existem destilarias de vinho de caju e de “cana” ou aguardente de cana, é fortemente potencial, se bem que no seu interior não existam lojas para venda destes produtos engarrafados e devidamente rotulados. Naturalmente que, aquando das visitas e depois das provas, os viajantes procurarão adquirir os produtos cujo modo de produção tiveram a possibilidade de presenciar. Contudo, esta aquisição é inviabilizada por não existir ainda a perspectiva do engarrafamento para venda local⁷⁷. Dados os constrangimentos actuais no transporte aéreo, o ideal seria que o engarrafamento se processasse em pequenas quantidades, ou seja em garrafas pequenas de 100 mililitros.

Também não existe a organização de actividades de lazer, incluindo ou não aventura, em terra, rio ou mar, apesar de ser determinante para a promoção turística. Na região de Biombo, os turistas que procurem conhecer a região, realizar passeios de barco, caminhadas ou observação são obrigados a contactar e contratar directamente membros das comunidades que possam efectuar o acompanhamento enquanto guias. Contudo, estas pessoas não dispõem de formação específica e adequada que, no contacto intercultural com turistas, é considerada como um requisito fundamental.

O transporte necessário para a realização de actividades de lazer está totalmente dependente das unidades de alojamento e centrado na oferta dos serviços propostos nestas iniciativas. Apesar de já existir há alguns anos uma iniciativa turística em Quinhamel, não foram identificados roteiros cuidadosamente definidos e organizados com critério para propor aos visitantes e que poderiam resultar como um instrumento de divulgação e de marketing a ser utilizado a nível local, mas também em Bissau, nas restantes regiões e inclusivamente no exterior.

⁷⁷ Estes são os casos da Destilaria do Sr. Manuel, ou o Português, em Quinhamel ou da mais rústica Ponta de Paulo Barros em Prábis.

A animação turística é, até ao momento, inexistente mas possível de ser estimulada tendo em consideração as características dos grupos étnicos principais. Como por exemplo: a teatralização de práticas culturais ancestrais; a reprodução de representações simbólicas; a música e as danças tradicionais. A animação do viajante, em determinados momentos, é importante porque estimula de forma positiva e controlada a apreensão que o viajante faz da realidade local.

2.3. Serviços de saúde e saneamento

Apesar da saúde ser um dos sectores que evidenciam maiores limitações a nível nacional, em resultado da concentração das especialidades médicas e hospitalares em Bissau, a região de Biombo é dotada de algumas infraestruturas e equipamentos regionais, beneficiando ainda da proximidade em relação à capital.

Em Quinhamel existe um Centro de Saúde com atendimento médico em serviço de urgência, bem como uma ambulância. Apesar deste equipamento de saúde dispor de médico em permanência, os domicílios estão sujeitos a pagamento, tanto para estrangeiros como para guineenses.

De acordo com o Comité do Estado (1995: 77), a taxa de cobertura sanitária é uma das mais baixas do País, não havendo hospitais, dispondo a população apenas dos serviços prestados nos Centros de Saúde, havendo um total de sete, a saber, em: Quinhamel; Ondame; Dorse; Ilondé; Bijimita; Safim; e Prábis. Paralelamente, existem três unidades de saúde básica em Ponta Cabral, Ponta Vicente e Suru. É ainda de referir a existência de infraestruturas criadas e geridas por missões católicas ou evangélicas com actividade permanente e regular (Unidade Hospitalar de Cumura, Centro Materno-Infantil de Quinhamel e Centro Materno-Infantil de Ondame).

As farmácias, tal como sucede com outras regiões da Guiné-Bissau, existem e dispõem de medicação adequada para as principais doenças que afectam a população (paludismo, diarreias, doenças respiratórias), vendendo os remédios a preços excessivos face aos orçamentos familiares da maior parte da população.

Em termos médios, a *ratio* na área da saúde é indicativa de uma cama por 400 habitantes (1/400) com dois médicos, nove enfermeiros, quatro parteiras, quatro analistas e 17 agentes de saúde de base (Comité do Estado, 1995: 77), sendo precários os meios de diagnóstico. Apesar de aparentemente a região dispor de serviços diversificados na área da saúde, o sistema revela-se precário e deficitário, levando a que uma parte da população continue a recorrer às medicinas tradicionais e a práticas alternativas, em relação à assistência médica formalizada.

Durante a viagem de turismo, a existência e a disponibilidade de equipamentos e de serviços de prestação de cuidados de saúde é entendida como uma garantia de segurança e a incerteza dessa disponibilidade, em caso de necessidade, traduz-se em dificuldades e desconforto.

Indiferentemente da região, a Guiné-Bissau é um país potencial para a manifestação de algumas doenças, sendo as principais o paludismo, os problemas gastrointestinais com desidratação, as parasitoses, sendo os casos mais extremos de cólera e de febre tifóide. Com consequências menos importantes mas, provocando sensações desagradáveis, pode suceder que o turista se confronte com o problema da matacanha. Para qualquer um destes problemas existem medidas de prevenção e de cura adequadas, sendo determinante um esclarecimento adequado das causas, das consequências, das medidas de prevenção e das condições de assistência.

Naturalmente que as doenças sexualmente transmissíveis representam um risco acrescido, num país onde o diagnóstico não é uma prática corrente e que se pretende que seja entendido como um destino turístico a privilegiar. A entrada e a saída regular de turistas é também um risco potencial para as populações locais, sobretudo face à possibilidade de aliciamento sexual da população jovem. A necessidade de dupla prevenção, do turista e das comunidades locais, é imprescindível e requer acções continuadas de sensibilização, que ainda não se verificam.

A situação da saúde pública é avaliada também em função das características do saneamento básico e dos lixos que, de uma forma geral, representam um problema acrescido. As localidades não dispõem de sistema de esgotos, recorrendo-se à fossa séptica, à latrina ou mesmo ao ambiente, o que resulta num forte constrangimento para o desenvolvimento do turismo. Por um lado, porque em algumas zonas os cheiros se tornam intensos devido às elevadas temperaturas; por outro lado, porque os detritos são focos de transmissão de doenças e de reprodução de mosquitos, tornando este problema num ciclo vicioso.

O lançamento de lixos domésticos e resíduos sólidos para o ambiente, seja urbano, rural, florestal ou costeiro, é também uma prática inadequada, sendo frequente encontrar amontoados e lixeiras de diferentes dimensões, sem que se proceda a tratamento regular. Neste caso, é evidente um problema de mentalidades que resulta da adopção e da transmissão de hábitos e de práticas ancestrais, transmitidas de geração em geração e que requer a prossecução continuada de acções de sensibilização. Mas, por outro lado, não existe um sistema regular de recolha e de tratamento de lixos, sendo uma actividade pontual pouco consistente e eficaz nos resultados. No caso das zonas rurais, o tratamento do lixo consiste na queimada ocasional dependendo das necessidades, sem que haja diferenciação e separação de materiais. A acumulação de resíduos associada às características do solo, arenosos e tendencialmente secos, confere ao ambiente um aspecto naturalmente sujo.

A conjugação dos problemas do saneamento, lixo e saúde evidenciam a emergência de fortes constrangimentos para a implementação e desenvolvimento do turismo, por criarem um ambiente insalubre, pouco acolhedor e não cuidado, sendo potenciais canais transmissores de doenças infecciosas, que em situações extremas podem levar à morte.

2.4. Comunicações

Apesar de existir uma cobertura alargada de redes móveis, as comunicações continuam a apresentar algumas fragilidades, sobretudo no que respeita ao acesso à Internet que, actualmente, é um recurso fundamental para a promoção turística e para o estabelecimento de contactos.

As comunicações são de extrema importância para qualquer projecto turístico, independentemente do segmento mais valorizado, por serem o principal meio de contacto para efectuar reservas, comunicar com fornecedores e com clientes, promover o projecto no exterior através de processos de intercâmbio. Mas também porque, durante a estadia, os visitantes utilizam frequentemente estas ferramentas comunicacionais, reduzindo os custos das comunicações tradicionais por telefone ou telemóvel.

No sector de Quinhamel, apesar das tentativas realizadas pela direcção da Artissal junto de operadores de telecomunicações, o acesso generalizado à Internet é ainda inviável, havendo a possibilidade de aquisição do sistema com cartão para comunicações móveis aos operadores nacionais. Contudo, face aos custos inerentes, este sistema revela-se excessivamente dispendioso ficando excluído para estadias de curta duração.

A inexistência de um sistema de comunicações eficaz, do ponto de vista regional e nacional, por telefone fixo, telemóvel, satélite, rádio e internet, não é determinista mas condiciona, sendo definido como factor negativo ou constrangedor.

2.5. Marketing Turístico

Para que uma região seja considerada como um destino turístico potencial, além de ser dotada de características únicas e adaptáveis às práticas promovidas, tem de criar uma imagem de marca e adoptar uma estratégia competitiva e concorrencial face a outras similares. As características positivas principais devem ser aproveitadas em favor da valorização e da divulgação do que existe de melhor, com minimização dos aspectos menos positivos.

A estratégia de marketing turístico nacional, regional e local consiste na definição de um programa concertado de venda da imagem do país ao exterior, principalmente junto de potenciais parceiros que, neste contexto, são os promotores turísticos estrangeiros. Para que a imagem seja vendida, tem primeiro de ser criada, a partir dos elementos caracterizadores e mais emblemáticos: paisagens; flora e fauna; comunidades locais simpáticas e acolhedoras envergando trajes típicos ou a desenvolver actividades tradicionais; espécies ameaçadas e que sejam apreciadas internacionalmente; património construído e arquitectónico; representação de tradições; paz e segurança, entre outros.

A imagem do país a ser vendida requer um estudo prévio, que inclua informação socio-antropológica e relacionada com as representações sociais do ambiente, ou seja, que não seja excessivamente focado nas características “comercializáveis” mas, que também evidencie preocupação com as tendências motivacionais da procura. Neste caso, há que considerar que os factores motivacionais que contribuem para a promoção de um destino turístico são variáveis, já que, por natureza, um país pode oferecer diferentes tipos de produtos turísticos.

Nos últimos anos, a Guiné-Bissau tem transmitido uma imagem pouco positiva e construtiva, uma vez que a principal informação veiculada pelos meios de comunicação social internacional é a da identificação da região de Biombo como um ponto de passagem, na rota do tráfico de droga vindo da América do Sul tendo como destino a Europa. O país, e mais recentemente a região, está associada a ocorrências de insegurança, instabilidade sociopolítica marcada por violência, pobreza urbana e rural, doenças infecciosas e também sexualmente transmissíveis. A divulgação destas imagens produz, necessariamente, um efeito contrário ao esperado por qualquer estratégia de marketing turístico: os eventuais viajantes procuram outro destino como alternativa para férias.

O marketing turístico potencia o destino a partir de uma imagem idílica de paraíso perdido, como um local ambientalmente intacto e preservado, rico em vida animal e vegetal, ou seja dotado de biodiversidade, diversificado do ponto de vista cultural e com um clima social seguro. Em período de férias, um turista procura usufruir e aprender com a viagem e valorizar as experiências e as vivências na primeira pessoa.

Por outro lado, o marketing turístico implica um planeamento claro com identificação dos principais traços a realçar, sendo fundamental que inter-namente exista uma estratégia consistente, promovendo a criação de postos de acolhimento e atendimento ao turista, prestando informações e apoiando na escolha das actividades mais adequadas. O aeroporto, por ser o local de chegada e consistindo na primeira imagem do país que o turista retém, é um dos locais habitualmente escolhidos para a criação de um posto de infor-mações turísticas, o que não invalida a necessidade de um local no centro da cidade, sob a forma de balcão, quiosque ou pequena loja que, para o turista, significa ter um ponto de referência.

Apesar da Direcção-Geral de Turismo ter preparado prospectos de divulgação, durante o período em que a missão decorreu, não foi encontrado nenhum posto de turismo oficial onde fossem disponibilizadas informações, facultados folhetos e prospectos, vendidos pequenos mapas orientadores e postais. Estes serviços não existem com excepção das recepções dos hotéis ou dos escritórios das agências de viagens, sendo particularmente dinamizados por privados.

Em Quinhamel, na sede do Projecto OntunLan N'do Botôr, bem como na loja do centro da cidade, é fundamental ter elementos disponíveis para di-vulgação, escritos e impressos sob a forma de cartaz de sensibilização e mapas. Por outro lado, é fundamental que os membros da equipa que se dedicarem ao acolhimento e atendimento dos viajantes, à chegada e sem-pre que se justifique prestar esclarecimentos tenham as informações ne-cessárias de forma a cumprir com um serviço adequado às expectativas.

A dinamização do turismo na região exige a produção e a comercialização de guias turísticos sob a forma de pequenos livros com apresentação das principais potencialidades, características geográficas e climatéricas, traços identificadores sociodemográficos e étnicos, principais actividades produtivas e práticas culturais, mas também com indicação de sugestões, conselhos práticos e utilidades para o viajante. Neste caso, e dado que não existem elementos disponíveis sistematizados e apresentados de forma apelativa, o guia requer um enfoque regional, com prioridade para as acti-vidades que podem ser desenvolvidas no decorrer da estadia. Assim, deverá ainda prever-se uma secção para a ligação com outras regiões potenciais.

A inexistência de um guia ou documento de orientação disponível para con-sulta durante a estadia, representa um forte constrangimento visto que a viagem é, à partida, marcada pelo desconhecimento e encerrando um traço de surpresa. A carência de informação, com conteúdos de interesse turístico sobre a região, associada à fraca divulgação das potencialidades ambientais e culturais representa limites por condicionar as escolhas dos prováveis viajantes. O acesso a informações específicas, fiáveis porque objectivas, não é ainda alargado nem generalizado, implicando a prossecução de pesqui-sas aprofundadas, morosas e por vezes pouco conclusivas.

3. Identificação e caracterização do Turista Potencial de Biombo

De acordo com os elementos caracterizadores da região de Biombo, que a identificam e particularizam ao nível ambiental, sociocultural e geográfico, tendo presentes os limites ou constrangimentos apresentados e também os objectivos do Projecto OntunLan N’do Botôr, os segmentos turísticos potenciais, susceptíveis de promover a região despertando interesse na procura nacional e internacional, são múltiplos.

Nesta região, é possível identificar diferentes nichos de mercado de forma a enquadrar a procura turística e a estimular a oferta de um conjunto diversificado e integrado de serviços, a saber: o turismo solidário; o turismo de observação de espécies; o ecoturismo; o turismo de aventura e o turismo científico. Qualquer um dos segmentos considerados requer a adopção de atitudes e de comportamentos social e ambientalmente adequados e regulados por princípios de responsabilização.

De acordo com a classificação habitualmente considerada (cf. Quadros nº 3 e 4), o turista tipo⁷⁸, que se enquadra no âmbito da procura potencial, é claramente alocêntrico, visto ser o que privilegia diferentes formas de viajar em momentos de lazer, adaptando-se com facilidade às condições locais oferecidas. Este viajante coincide com o conceito de turista consciente, informado e responsável, tecnicamente definido pelas Novas Formas de Turismo, ou Turismo Alternativo.

Quadro nº 3 - Identificação das características e recursos potenciais da Região de Biombo

MEIO GEOGRÁFICO	RECURSOS NATURAIS	CLIMA	ANIMAÇÃO	RECURSOS CULTURAIS	CULTURA E COSTUMES	ACESSOS
Rural Floresta Savana Costa Mar/areia Rio Lagoa	Fauna Flora Diversidade Paisagem	Diferente da origem Tropical Sol Calor Humidade Chuva Estações diferenciadas	Básica Música Danças locais	Património Museu Música Dança Artesanato Gastronomia	Autóctone Comunidades	Próximo Acessível Seguro Pavimento Picada Porto

⁷⁸ Além do turista alocêntrico, teoricamente podem equacionar-se os tipos mesocêntrico e psicocêntrico. O primeiro valoriza o meio no que respeita ao alojamento, procurando conforto e bem-estar durante a estadia, sendo motivado pelo descanso e pela segurança do destino. O turista psicocêntrico procura ambientes familiares e conhecidos, com padrões de conforto ocidentais, associando actividades balneares de sol e mar com diversão e descanso.

O turista alocêntrico valoriza destinos pouco conhecidos, onde possa ser um pesquisador no verdadeiro sentido da descoberta dos elementos menos turísticos e mais tradicionais, porque são a tradução da vida quotidiana das comunidades locais. No decorrer da viagem, não se sente condicionado pelas distâncias ou pelos limites impostos por acessibilidades difíceis, evidenciando capacidade para contornar os problemas, sendo motivado pelo prazer da descoberta de locais pouco explorados ou destinos denominados de novos a nível internacional. Procura antes de mais a diferença, viajando com espírito de aventura, estando receptivo às diferenças culturais e a estadias em que o movimento e as actividades diferentes são as características dominantes.

A estadia do turista alocêntrico é vocacionada para o contacto com a natureza e para a interacção com as populações locais, já que é privilegiada a oportunidade mista de apreciar e desfrutar de paisagens únicas e de conhecer formas de vida e culturas tradicionais marcadas pela ancestralidade. Este tipo de viajante escolhe os destinos tendo em conta as características de preservação ambiental, independentemente do ecossistema ou do tipo de meio de enquadramento, podendo optar tanto por meios florestais como costeiros, marinhos e insulares ou desérticos. Mas, do ponto de vista ambiental, a preocupação reside sempre no estado de preservação, na diversidade paisagística e na existência de espécies, já que as actividades de contemplação e de observação são muito valorizadas. É neste contexto que surgem as expressões cada vez mais utilizadas de *birdwatching*, *mammal watching* e *whale watching*, por exemplo. São práticas que têm vindo a ser promovidas como estratégicas, em regiões preservadas e abundantes em elementos de fauna e de flora, principalmente se forem endémicos.

Paralelamente, e além dos espaços naturais, este tipo de viajante, procura destinos ricos do ponto de vista sociocultural, nos quais seja possível identificar e conhecer elementos simbólicos ancestrais, caracterizados pela especificidade e reforçadores das identidades comunitárias. O contacto com diferentes padrões de cultura é muito estimulante para o viajante alocêntrico, que entende estes momentos como oportunidade de valorização pessoal com aprendizagem directa e incremento do conhecimento. A valorização cultural é de extrema importância, podendo ocorrer no decurso das visitas e dos contactos, nas expressões e nas manifestações artísticas, nos hábitos e nas práticas, nas representações simbólicas e no património arquitectónico.

Entre as diferentes dimensões motivacionais deste tipo de viajante, o alojamento é relativamente secundarizado, já que a prioridade é atribuída ao prazer da vivência e da experiência proporcionado por momentos únicos e irrepetíveis. De uma forma geral, procura alojamentos de pequena ou média dimensão, explorados e geridos localmente, que apresentem uma relação equilibrada entre o preço e a qualidade dos serviços prestados, mas sendo de nível satisfatório.

O alojamento não é avaliado pelo luxo das instalações mas, antes pelo enquadramento, limpeza e possibilidade de acesso a bens considerados essenciais.

No quadro do turista alocêntrico, perspectiva-se que os tipos mais comuns venham a ser o “experimental” e o “individual”, com possibilidade de associar o “explorador” e o “amante da natureza” (cf. Quadro nº 4), dado serem as categorias tipológicas que, por característica, apresentam maior flexibilidade no que respeita às condições exigidas. Qualquer um destes grupos tipológicos potenciais sobrevaloriza a aprendizagem pela experiência, a vivência, o carácter excepcional da viagem e a emoção implícita à ideia do retorno à tradição, à pureza e às origens, sendo-lhe reconhecido o atributo do romantismo, complementado pelo interesse ambientalista e socioantropológico.

Também, tendo em conta os objectivos do Projecto, a dimensão solidária e voluntariosa emerge de forma natural na prática turística, segmento que, apesar de inicial, apresenta um incremento nos adeptos e uma grande flexibilidade dos modelos. A forma solidária de viajar implica uma consciencialização das necessidades locais e uma grande capacidade de entrega e de partilha de tempos, de conhecimentos e de experiências.

Quadro nº 4 - Identificação e caracterização do tipo de turista potencial para a região de Biombo

TIPO DE TURISTA		MEIO GEOGRÁFICO	RECURSOS NATURAIS	CLIMA	ANIMAÇÃO	RECURSOS TURÍSTICOS	CULTURA	ACESSO
Alocêntrico	Explorador	Montanha Deserto Floresta Savana Costa Praia Rio/Cascata/Lagoa	Biodiversidade Fauna Flora Paisagem	Qualquer	Nenhuma	Qualquer Pequena Dimensão Gestão local Conforto básico	Qualquer Observação Contacto directo Interação Conhecimento Pedagogia	Remoto Distante Risco
	Anante da Natureza	Montanha Deserto Floresta Savana Costa Praia Rio/Cascata/Lagoa	Biodiversidade Fauna Flora Paisagem	Qualquer	Básica Tradicional	Qualquer Pequena Dimensão Conforto básico Gestão local	Diferente Tradição Contacto directo Conhecimento Pedagogia	Remoto Distante
	Experimental	Qualquer	Biodiversidade Fauna Flora Paisagem	Qualquer	Individual Tradicional	Qualquer Pequena Dimensão Conforto básico Gestão local	Recursos culturais Observação Interação Contacto directo Conhecimento	Qualquer Risco
Mesocêntrico	Individual	Pitoresco	Biodiversidade Fauna Flora Paisagem	Qualquer	Individual Tradicional	Qualquer Conforto Gestão local	Qualquer Observação Interação Contacto directo Conhecimento	Acessível Longínquo
Psicocêntrico	Grupo	Qualquer	Qualquer	Temperado	Organizada Alojamento	Grande dimensão Capacidade alargada Conforto	Secundário Idêntico origem	Proximidade Acessível Seguro
	Massivo	Costa Mar Areia Urbano Rural	Mar	Sol Calor Idêntico origem	Local Alojamento Organizada	Grande dimensão Capacidade alargada Conforto Padrão ocidental Serviços múltiplos	Idêntico origem	Acessível Seguro

Fonte: Adaptado de BULL, A. (1994) - La economia del sector turístico . Madrid, Alianza Editorial

III. Propostas e Recomendações

Tendo presente o diagnóstico das potencialidades e dos constrangimentos para a implementação do Turismo Socialmente Responsável na região de Biombo, apresentado, com identificação dos segmentos turísticos potenciais, é proposta a adopção de um conjunto integrado de medidas que se estruturam a partir de três eixos principais: o envolvimento dos actores locais; o reforço das potencialidades locais criando novas oportunidades; a implementação de acções integradas.

1. Formas de envolvimento dos Actores Locais

Os diferentes segmentos turísticos alternativos apresentados na primeira parte do Estudo, fundamentados em critérios de responsabilização, são entendidos como potenciais para a região de Biombo, o que pressupõe que, do ponto de vista estratégico, sejam incrementadas acções conjugadas tendentes ao envolvimento efectivo dos diferentes actores implicados, sejam nacionais ou estrangeiros. De acordo com as abordagens alternativas, é reconhecido que em qualquer actividade turística os diferentes actores interagem com motivações e expectativas próprias, que deverão ser salvaguardadas e potenciadas. A opção e implementação dos segmentos possíveis e a valorização das acções que lhe são subjacentes requerem um enquadramento específico e o reconhecimento da importância que revestem para as populações locais, mas também para a região e, de forma mais global, para o desenvolvimento do País.

Independentemente do segmento privilegiado, o enquadramento que viabiliza a prossecução das actividades pressupõe uma clara identificação das potencialidades locais, sejam ambientais ou culturais, assim como o reconhecimento das capacidades que permitem criar e recriar novas oportunidades de âmbito socioeconómico e cultural.

O documento estratégico nacional que prevê a dinamização do turismo, com identificação dos segmentos turísticos viáveis para a Guiné-Bissau, a "Estratégia e Plano de Acções para o Desenvolvimento do Turismo na Guiné-Bissau"⁷⁹ (OMT/PNUD, 2006) valoriza, de forma particular, os segmentos balnear, desportivo e as práticas relacionadas com a pesca e a caça, em detrimento das actividades ambientalmente enquadradas e geradoras de novos equilíbrios ambientais, socioculturais e económicos. Contudo, após contacto com o Director-Geral do Turismo e com o Director do IBAP, ficou claro que a aplicação deste documento não tem estado a ter continuidade visto necessitar de revisão e actualização, tendo em conta as tendências internacionais, as características locais e o entendimento das prioridades definidas a nível nacional.

⁷⁹ Apesar de ter sido preparado por técnicos da Direcção de Turismo e do PNUD, este documento não está a ser implementado, esperando-se que seja produzido um outro Estudo de viabilidade, de forma a ser discutido e aprovado.

Neste documento, elaborado por técnicos e consultores externos contratados pela Organização Mundial de Turismo e pelo PNUD pode ler-se «A Guiné-Bissau não apresenta relevo suficiente para encarar um posicionamento qualquer sobre o mercado de *trekking*. A observação animalista, quanto a ela, se reduz ao *birdwatching*» (OMT/PNUD, 2006; 59). Apesar do forte interesse que o *birdwatching* reveste, não só na região de Biombo mas também em todo o País, o entendimento expresso encerra uma dimensão redutora em relação às potencialidades ambientais no que respeita à diversidade paisagística e de ecossistemas, biodiversidade, endemismo e existência de espécies ameaçadas ou em risco, limitando o incremento das actividades turísticas e de lazer que se enquadram em meios preservados, mesmo que não oficializados em Parques Naturais e Reservas.

Para a implementação de um projecto turístico, a identificação das potencialidades ambientais deve ser entendida como estratégica e prioritária, sendo fundamental a consulta dos actores locais, apelando para o seu envolvimento efectivo em todas as fases do Projecto, já que são estas populações que melhor conhecem os recursos naturais, mesmo que não do ponto de vista técnico e científico. Por outro lado, são quem melhor pode identificar elementos naturais conotados com simbolismo e eventualmente sacralidade, respeitados e intocáveis ou, pelo contrário, utilizados em práticas rituais e cerimónias diversas. Assim, a identificação, definição e caracterização das representações sociais do Ambiente reúnem interesse de grande importância.

No que respeita às práticas culturais, a valorização das explicações fornecidas por membros das comunidades locais, sob a forma de histórias, relatos e testemunhos na primeira pessoa são de extrema importância. Por um lado, reforçam a identidade comunitária, pelo reconhecimento do valor atribuído a momentos históricos e a práticas ancestrais; por outro lado, representam uma forma de enquadrar e fomentar as capacidades e as competências atribuídas aos grupos comunitários.

Metodologicamente, a valorização e o envolvimento das comunidades locais na implementação e no desenvolvimento de um Projecto turístico implica a prossecução de um conjunto alargado de acções, que ultrapassa a concepção tradicional da formação, complementada pela criação de postos de trabalho. Estas acções são também importantes, não podendo ser minimizadas, por serem potencialmente promotoras de mudanças significativas na vida das famílias, por via da aquisição de informação e de competências, associadas ao aumento do rendimento disponível. Contudo, existem outras medidas que permitem envolver efectivamente os grupos comunitários e que, desta forma, contribuem para o reconhecimento das capacidades locais.

Algumas abordagens tendentes às metodologias integradas propõem a adopção de uma gestão comunitária, participada e participativa com atribuição de autonomia por via da responsabilização. Este tipo de metodologia parece ser adequado do ponto de vista teórico, se bem que na prática as experiências demonstrem as dificuldades de prossecução de um modelo gestor participativo de base comunitária, resultando numa simples apropriação dos recursos e das infraestruturas criadas. A ideia do envolvimento comunitário, sendo meritória, requer alguma ponderação e análise prévia das condições de aplicação, sendo possível promover um conjunto de medidas que, com um carácter progressivo, consistem em estímulos para a participação com envolvimento. Assim, são práticas habitualmente consideradas como bem sucedidas:

1. a realização de reuniões com representantes das comunidades, com um carácter intercalar e com periodicidade a definir para apresentação dos objectivos do Projecto, esclarecimento de dúvidas e pedido de sugestões;
2. a constituição de uma Comissão de Gestão Participativa, constituída pelos promotores do Projecto, Régulos e representantes de tabancas, com a preocupação de valorizar e manter activo o poder tradicional, envolvendo os seus representantes e responsabilizando-os pela tomada de decisões;
3. o envolvimento de membros das diferentes comunidades na definição de trilhos, circuitos, rotas e locais de interesse para observação, bem como na identificação de tabancas a visitar ou das zonas interditas, tendo em conta os períodos de prática de rituais sagrados;
4. o recurso à contratação de técnicos locais para as diferentes fases de desenvolvimento do Projecto, incluindo concepção, construção, implementação e comercialização;
5. a identificação, formação e contratação de membros das diferentes comunidades, para exercerem a função de guias no acompanhamento dos viajantes nas actividades promovidas.

Na região de Biombo, as experiências participativas não têm sido abundantes, pelo que a possibilidade de gestão co-participada, com estímulo para o envolvimento comunitário, representa um factor inovador importante na relação entre promotores e populações locais. Contudo, é importante recomendar que o factor da rentabilização económica e financeira da iniciativa, requerendo controlo, não sendo a única dimensão a considerar, é de grande importância tendo em conta o objectivo da sustentabilidade a médio e a longo prazo.

R1 - É RECOMENDADO QUE:

- os promotores locais optem por uma atitude proactiva junto dos Órgãos responsáveis pela tutela do sector, no sentido de obterem uma definição estratégica, clara, objectiva e principalmente comprometida, no que respeita à promoção do turismo e da região, integrando as preocupações éticas da responsabilidade social e ambiental;
- se criem condições locais e regionais para o envolvimento efectivo dos diferentes actores com o objectivo de enriquecer a estratégia e o plano de acções previstos, com recolha permanente de contributos que permitam repensar dia-a-dia o modelo turístico a implementar;
- se crie uma Comissão de Gestão com participação e envolvimento de representantes das comunidades, e se recorra à colaboração formal e informal das populações locais para as mais diversas actividades;
- se incentive a cooperação institucional, abrindo novas possibilidades para a complementaridade entre o conhecimento técnico-científico e a prática, factor considerado determinante para o sucesso das iniciativas;
- seja adoptado, seguido e divulgado o “Código Ético Mundial do Turismo”, promovido pela Organização Mundial de Turismo com a preocupação de integrar o Projecto nas principais redes internacionais de turismo alternativo: social; solidário, responsável; de natureza; ecoturismo.

2. Reforço das potencialidades criando oportunidades

A região de Biombo é dotada de um conjunto de factores potenciais, que pode ser equacionado como uma vantagem comparativa para a promoção do turismo socialmente responsável nas suas diferentes possibilidades, interligando as características ambientais com as culturais. Os segmentos do turismo social e solidário são naturalmente entendidos como dinamizadores de mudanças a nível local, privilegiando as comunidades de base e sobretudo as que sofrem de maiores carências socioeconómicas, apesar da riqueza cultural que as caracteriza. Desde que promovidas, as potencialidades identificadas são geralmente entendidas como novas oportunidades para as populações locais por valorizarem e reforçarem as práticas, entendidas como comuns no âmbito da vida comunitária mas que, do ponto de vista turístico, revestem interesse particular pelo carácter de excepção e de genuinidade.

2.1. Valorização étnica e cultural

Apesar das pequenas dimensões da região, Biombo é uma das mais ricas no que respeita a culturas tradicionais e a manifestações ancestrais. O carácter mítico dos ritos de passagem está profundamente enraizado na vida comunitária, em particular dos grupos animistas, como é o caso da etnia Papel. Todas as práticas culturais são carregadas de simbolismo e de significado, a maioria das vezes, incompreensível para um estrangeiro, principalmente se não tiver contactos anteriores com estas realidades. As manifestações relacionadas com a produção artística e de produtos locais, centradas na actividade da tecelagem, representam fortes potencialidades para o desenvolvimento do turismo, tanto pela antiguidade como pelo carácter sagrado que encerram, traduzindo-se em respeito e valorização da profissão artesanal por parte das populações locais. O turista revê, com facilidade, neste tipo de actividades artesanais uma nova forma de conhecimento associada à possibilidade de adquirir *in loco* peças únicas.

As actividades produtivas tradicionais revestem-se, também, de uma elevada importância para a vida das comunidades pela possibilidade de se dar continuidade a formas ancestrais de produção, reforçando a identidade local e o sentimento de pertença. Mas são também significativas porque, ao serem valorizadas no contexto do turismo, torna-se viável a sua reprodução formal e informal, dando a conhecer modos únicos de produzir e de consumir.

O significado atribuído pelo turismo aos elementos culturais genuínos possibilita a divulgação e a eternização de práticas, que anteriormente eram apenas transmitidas no seio das comunidades através do costume e da tradição oral, seguindo o critério geracional. Apesar do reconhecimento e da divulgação da produção conseguida pela etnia Papel na tecelagem de panos que, pela qualidade, tem registado uma boa inserção no exterior através da rede de Comércio Justo, verifica-se alguma perda de elementos culturais tradicionalmente característicos de outros grupos étnicos presentes na região. Este factor merece revitalização e uma actuação conjugada e integrada, por um lado, requerendo pesquisa com identificação dos elementos culturais mais significativos e, por outro lado, de estímulo à produção artesanal e transformadora de diferentes grupos étnicos para venda local. Estas acções perspectivadas de forma conjugada permitem promover e valorizar os diferentes traços culturais que caracterizam a região e que podem ser relevantes para o viajante.

As actividades que envolvem visita às tabancas revestem, também, grande potencial turístico e, apesar de deverem ser promovidas de forma ponderada, comedida e negociada localmente, representam um factor diferenciador do ponto de vista cultural. Neste contexto, os contactos pessoais e directos entre o viajante e membros da comunidade, para conversar, perguntar, ouvir histórias e relatos é de grande interesse. Da mesma forma, a tomada de consciência e a sensibilização dos viajantes é determinante, no sentido da não adopção de comportamentos intrusivos e excessivos aquando das visitas e dos contactos, nomeadamente relacionados com fotografias, entrada nas habitações, ou não respeito pelos locais de culto interditos a não praticantes.

A sensibilidade e a capacidade de interagir de forma respeitosa, tolerante, ponderada, ética e responsável são critérios de extrema relevância aquando do encontro de culturas e, para que os contactos resultem positivamente, é fundamental que o viajante se informe antes da deslocação.

R2 - É RECOMENDADO QUE:

- seja promovida uma acção de levantamento e sistematização dos principais elementos socioculturais com interesse para o turismo (artesanato, vestuário típico, gastronomia, músicas e danças, práticas religiosas, ...) para todos os grupos étnicos presentes em Bombo com especificação de cada um;
- sejam identificados interlocutores em cada comunidade potencial para ser visitada que possam, em conjunto com os guias locais, enquadrar a incursão dos viajantes, apoiá-los nos contactos, potenciar um contador de histórias, entre outras acções;
- se identifiquem com clareza os locais interditos em determinadas datas, bem como elaborar uma listagem calendarizada com especificação dos períodos mais relevantes para cada grupo étnico;
- sejam calendarizadas as datas festivas com carácter fixo, religiosas ou outras, de forma a dinamizar visitas e a promover a cultura regional;
- se preparem acções de sensibilização e de consciencialização para os diferentes actores envolvidos, nomeadamente os representantes das comunidades locais, dos funcionários e tecelões e do próprio turista;

- na organização do alojamento sejam atribuídos aos quartos nomes de sectores em vez de números ou de letras, por exemplo: quarto Biombo, para o maior; quarto Quinhamel; quarto Prábis; quarto Safim. Em alternativa sugere-se a atribuição de nomes dos grupos étnicos mais representativos, por exemplo: quarto Papel, para o maior; quarto Balanta; quarto Manjaco; quarto Mancanha, optando-se por decoração correspondente.

2.2. Produção e disponibilização de materiais de enquadramento

Tal como sucede com todo o País, a disponibilidade de informação sobre a região de Biombo é muito reduzida dificultando a tarefa prévia de informação por parte do viajante responsável. Actualmente, já se encontram na Internet algumas páginas contendo informação turística (Ministério do Turismo), ou temática (IBAP), se bem que uma parte dos dados são recentes e posteriores ao período em que a missão decorreu.

A promotora local do projecto OntunLan N'do Botôr, a ONG Artissal, está em fase de construção da página da Associação mas, devido a problemas técnicos tem permanecido inacessível. Pelas mais diversas razões, é imprescindível que este recurso fique *online* em tempo útil, já que consiste num dos principais e mais eficazes instrumentos de divulgação da actualidade.

Além da divulgação *on line*, é importante a produção de materiais diversificados que permitam enquadrar a vertente do turismo no âmbito das actividades tradicionais da Artissal, bem como promover as acções e a região no exterior.

A edição de materiais, sob a forma de folhetos, prospectos, cartazes e pequenos livros contribui de forma determinante como facilitador no estabelecimento de contactos promocionais e de divulgação. Dado que se trata de um Projecto que iniciou há pouco, é fortemente recomendável a produção de um guia sobre as potencialidades turísticas da região face ao contexto nacional, identificando possíveis ligações com outras regiões. Este documento estratégico, a editar em papel para comercialização mas também com disponibilização para consulta nas instalações do Projecto e na loja da Artissal, deverá também ser produzido em CD com o objectivo de facilitar o marketing turístico nacional e internacional.

Por um lado, o Guia consiste num recurso importante para todos os viajantes que procuram informações detalhadas e criteriosas sobre a região e o País, de forma a prepararem a viagem seguindo os desejados critérios éticos e responsáveis. Por outro lado, resulta num importante meio de divulgação e de promoção do País e, em particular, da região de Biombo, valorizando os elementos mais favoráveis e potenciais. Por fim, no longo prazo, pode ser considerado como um dos recursos complementares que permitem criar autonomia e sustentabilidade do Projecto.

De forma a valorizar a região, a promover as características ambientais e culturais, recomenda-se que o Guia tenha, pelo menos, três partes: a primeira parte, de contextualização da região e apresentação de dados generalistas; a segunda parte, com especificações sobre rotas, circuitos e actividades potenciais; a terceira parte, com apresentação sintética dos princípios subjacentes à prática do turismo socialmente responsável.

R3 - É RECOMENDADO QUE:

- sejam criados materiais de divulgação, tais como folhetos, cartazes, prospectos;
- se produza um Guia Turístico da Região de Biombo em papel, que deverá ser comercializado e cujos lucros reverterão a favor do Projecto. A estrutura do documento deverá conter pelo menos três partes: (1) contextualização da região por referência às características principais do País; (2) identificação detalhada de rotas, circuitos e actividades recomendadas, com apresentação de graus de dificuldade, tempos esperados e principais potencialidades por actividade; (3) síntese esquemática dos princípios do turismo socialmente responsável e ético;
- se prepare uma edição do Guia Turístico da Região de Biombo em CD, especificamente destinado a divulgação em acções promocionais e de marketing turístico, podendo, contudo, ser comercializado no âmbito do Projecto;
- seja concluída a construção da página da Artissal e disponibilizada on line, com indicações sobre o Projecto OntunLanN'do Botôr, tarifas e serviços incluídos ou sujeitos a contratação, formas de contacto e de reserva.

2.3. Criação de estruturas de apoio

Uma das fragilidades identificadas na região respeita à quase total inexistência de estruturas de apoio às actividades turísticas, seja em terra, em meio fluvial ou nos acessos ao meio marinho, pelo que a criação de estruturas diversificadas permite responder a uma dupla necessidade: por um lado, a facilitação e o conforto do viajante durante as visitas e actividades que desenvolve; por outro lado, a beneficiação directa das comunidades que podem usufruir de uma melhoria efectiva, por exemplo, nos acessos.

Existem três níveis de estruturas de apoio que devem apenas ser considerados a nível regional visto que, apesar de se tratar de uma necessidade nacional, a sua cobertura total é inviável no âmbito do Projecto, requerendo uma atenção institucional global. Assim, pode referir-se como prioritária a construção de:

1. Sinalética local, em forma de pequenas setas ou cartazes com indicações para orientação, referindo os principais destinos a partir de Quinhamel, bem como de locais a visitar (Pontas, destilarias, praias,...), devidamente identificada com o projecto OntunLan N'do Botôr. Este factor é importante por transmitir ao turista uma sensação de conforto e de estabilidade pelo reconhecimento dos símbolos, funcionando como um referencial. A possibilidade de orientação é fundamental num meio onde a principal forma de comunicação está centrada nos dialectos locais;

2. Passadeiras e pequenos embarcadouros locais, facilitadores da entrada e da saída dos passageiros nas canoas ou barcos, bem como a circulação em zonas de mangal cobertas de lama e areias escuras. A existência deste tipo de infraestruturas, principalmente em áreas fluviais, beneficia também, e de forma determinante, as comunidades locais que recorrem aos rios como meio de produção e de transporte. Recomenda-se a construção deste tipo de infraestruturas em Ponta Biombo, no Porto de Siga, no Porto de Baptismo de Safim, por exemplo;

3. Abrigos ou pontos de descanso cobertos que são imprescindíveis quando integrados em percursos pedestres longos e sem sombras, bem como junto aos portos de embarque e zonas balneares. Estes recursos permitem não só descansar, como principalmente associar um pequeno posto de venda de frutas locais que, sujeito a acerto prévio, permite aos grupos comunitários rentabilizarem alguns recursos e produção própria em momentos concretos. Recomenda-se a construção destas estruturas, por exemplo, na entrada da Praia do Suru, nas proximidades da Mata de Cufongo e na entrada da floresta de Ponta Cabral.

R4 - É RECOMENDADO QUE:

- seja criado um sistema de sinalética local, objectiva e com simbologia facilmente reconhecida e identificativa dos principais pontos de interesse turístico e das actividades possíveis (praias, igrejas, florestas com possibilidade de caminhadas);
- em locais estratégicos e de ligação sejam construídas passadeiras de madeira, simples e rústicas, de forma a ser assegurado o enquadramento ambiental. Estas infraestruturas deverão ser criadas em zonas onde a lama dificulta o acesso a pontos de embarque;
- na continuidade das passadeiras, sejam construídos pequenos embarcadouros locais, recorrendo a materiais disponíveis, de forma a facilitar o embarque e o desembarque das canoas e outros barcos, sendo que estes recursos beneficiam, de forma determinante, as comunidades que tradicionalmente recorrem ao rio como meio de transporte;
- sejam construídos abrigos ou pontos de descanso com um banco corrido, cobertos com uma estrutura simples, e que apoiem a realização das actividades pedestres, de ciclismo ou de observação. Paralelamente, estas estruturas beneficiarão as populações locais em ocasiões de espera de transporte em canoa;
- junto aos pontos de descanso e aos embarcadouros, exista a possibilidade de venda de frutas locais, por parte de membros da comunidade, representando um mecanismo de apoio socioeconómico indirecto decorrente do Projecto;
- para que as vendas locais sejam efectivadas, exista uma prévia negociação com as populações mais próximas, de forma a que quando existem circuitos ou actividades turísticas, a disponibilização para venda de produtos é assegurada sem falhas. Este é um mecanismo responsabilizador dos actores locais, que os beneficia favorecendo as acções promovidas no âmbito do Projecto.

2.4. Identificação de Rotas, Circuitos e Actividades

O desenvolvimento de um Projecto Turístico, em qualquer um dos segmentos alternativos, requer o planeamento cuidadoso e atempado dos serviços a oferecer e que, pelas características do viajante que procura desenvolver este tipo de práticas em momentos de lazer, ultrapassam os serviços de alojamento e restauração.

O viajante responsável assume a viagem como uma forma alternativa e informal de aprender e de se valorizar com prazer, contactando com comunidades locais, culturas ancestrais, formas de se relacionar e de interagir diferentes daquelas a que está habituado no seu país de origem e residência. Durante a estadia, o viajante tem a possibilidade de desenvolver um conjunto muito alargado de actividades pelo incentivo espontâneo à observação e contemplação ambiental mas, também ao contacto directo com formas de vida diferentes e padrões culturais com referenciais particulares.

O contacto intercultural é benéfico para todos os interlocutores, desde que as diferenças sejam valorizadas e respeitadas, sendo as visitas realizadas ao interior das comunidades um momento simbólico tanto para os visitantes como para os visitados. Trata-se de ocasiões privilegiadas de troca de experiências, de aprofundamento do conhecimento e dos contactos, de observação de práticas e de momentos festivos, mas também de possibilidade das comunidades visitadas rentabilizarem alguns dos bens produzidos artesanalmente.

Apesar de na região de Biombo não existirem áreas protegidas, formalmente classificadas em Parque Natural ou Reserva, o ambiente é rico em diversidade de ecossistemas, paisagens e espécies. A possibilidade do viajante, mesmo que não adepto do ecoturismo, contactar com espaços naturais onde a influência humana se centra na exploração directa de recursos e na produção de substituição, representa uma mais-valia. Uma vez na região tem a possibilidade de observar bandos numerosos de aves marinhas migratórias, aves coloridas, uma grande multiplicidade de outras espécies em contexto de savana, floresta, rio e mar. A ligação à Natureza fica imediatamente estabelecida, pelo que deverá ser potenciada.

São propostos vários tipos de actividades, informais ou programadas, a saber:

a) Circuito das Pontas

As Pontas são antigas unidades de exploração agrícola de grandes dimensões que, em alguns casos, continuam a funcionar e apresentam um forte potencial para visita, visto que é possível encontrar produções específicas em cada uma. Sugere-se a programação de três circuitos alternativos:

a.1) Pontas de Rio Santo (vinho de caju) + Vítor Robalo ou Boa Esperança (fruta) + Califórnia ou Nhara (arroz, vinho de palma e fruta) + Destilaria do Sr. Manuel (cana)

a.2) Pontas de Paulo Barros (cana) + Destilaria do Sr. Manuel (cana)

a.3) Pontas de Paulo Barros (cana) + Rio de Santo (vinho de caju)

b) Rotas das Actividades Tradicionais

As actividades produtivas tradicionais são uma das principais características e potencialidades da região de Biombo e independentemente do sector. Pela ancestralidade, na forma como se continua a produzir, e pela importância destas actividades na aquisição de rendimento familiar, a possibilidade dos viajantes contactarem directamente com a população em acção produtiva representa uma mais-valia, permitindo uma aprendizagem com valorização da vivência. Sugere-se a programação de duas rotas que implicam a conjugação de actividades tradicionais diversificadas:

b.1) Ponta de Rio Santo (vinho de caju) + Ponta Califórnia ou Nhara (arroz, vinho de palma, fruta) + Extracção de areia em Quinhamel (areia)

b.2) Extracção de areia em Péfini, Prábis + Porto de Baptismo de Safim (pesca artesanal) + Mercado de peixe + Salinas junto à Ponte de João Landim

c) Caminhadas e Observação

Independentemente do sector da região de Biombo, uma das principais e potenciais particularidades consiste na possibilidade de realizar caminhadas ou *trekking*, complementadas pela prossecução de observação de espécies em *habitat* natural. Dado que o País é predominantemente plano mas, dotado de diversidade paisagística, as actividades desenvolvidas em contacto directo com a natureza são de valorizar. Nas duas actividades sugeridas, a natureza é intercalada com a existência de comunidades pelo que são estimulados tanto a observação como o contacto com as populações locais:

c.1) Caminhada até à Mata de Cufongo

c.2) Caminhada até Ponta Cabral

d) Observação em rio

Os rios e os braços de mar que dominam a região reúnem diversas potencialidades, pela reconhecida riqueza dos ecossistemas, permitindo observar espécies únicas e raras, apreciar a paisagem, contemplar o pôr-do-sol, mas também ter contacto com algumas das actividades produtivas tradicionais prosseguidas em meio fluvial e marinho. Eventualmente, existe a possibilidade de se desenvolverem outras actividades de lazer, nomeadamente balneares. São propostas três actividades principais em meio fluvial:

d.1) Ligação entre Siga e Ondame

d.2) Ligação de Ponta Biombo a Piquil

d.3) Entre Porto de Baptismo de Safim e João Landim

2.5. Promoção de ligações inter-regionais

Apesar da região de Biombo ser rica em termos ambientais e culturais, recomenda-se que sejam valorizadas as ligações a outras regiões, dando prioridade a iniciativas de turismo alternativo em curso, podendo resultar numa dupla dinamização dos projectos: tanto da iniciativa de Quinhamel como das que foram anteriormente promovidas e que se encontram activas.

A possibilidade de ligação a outras regiões permite, ao viajante, um alargamento do conhecimento sobre o País e comparar as suas particularidades ambientais, a nível regional, e as especificidades culturais e étnicas. Para os dinamizadores dos diferentes Projectos, representa uma oportunidade de dinamizar as iniciativas de forma sustentável e ao longo do tempo decorrendo da divulgação possibilitada de forma conjugada. Para os viajantes é uma oportunidade acrescida de, através do acolhimento, rentabilizarem e promoverem as suas actividades. São recomendadas quatro ligações, de tempo variável, podendo decorrer em visitas de um dia ou em estadias até 4 dias:

A. Ligação a Calequisse, na região de Cacheu, onde existe uma fábrica de tecelagem da etnia Manjaco, dinamizada pela Artissal, onde é possível criar condições para que os turistas tomem contacto com outro grupo étnico. Nesta região existe uma praia, Catchalan, à qual são reconhecidos atributos de excepção para a prática balnear em zona privilegiada e deserta. Por outro lado, é uma área protegida classificada em Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu, rica em biodiversidade de espécies de fauna e de flora.

B. Ligação a Bijagós, na Reserva da Biosfera, arquipélago marcado pela biodiversidade e pela existência de espécies de fauna espontaneamente protegidas por razões culturais, tradições ancestrais, crenças e práticas rituais. Também esta região é fortemente influenciada pela cultura bijagó que apresenta traços particulares relativamente aos grupos étnicos do continente. Esta ligação permite tanto uma estadia com alojamento como uma visita de um dia.

C. Ligação a Buba com estadia em alojamento na margem do Rio Grande de Buba que, pelas particularidades ambientais reveste forte interesse turístico.

D. Ligação a Tombali, valorizando a iniciativa U'anan criada pela ONG Acção para o Desenvolvimento (AD), particularmente vocacionada para a preservação ambiental em contexto de área protegida, no caso as Florestas de Cantanhez, e a conservação de espécies de flora e de fauna, actividades complementadas pela promoção da cultura Nalu e pela valorização do turismo histórico e “de saudade”, na região definida como o berço da nacionalidade guineense.

2.6. Acções de divulgação internacional

A promoção dos projectos turísticos implica o planeamento de acções integradas de divulgação a nível internacional, o que ultrapassa a produção de materiais em papel, CD ou mesmo recorrendo à Internet. As acções de divulgação internacional requerem a adopção de três grandes conjuntos de medidas:

1) a definição de parcerias estratégicas com actores internacionais diversificados que prosseguem com actividades enquadráveis pelos segmentos turísticos tendentes à responsabilização;

2) a integração do Projecto em redes temáticas internacionais, através das quais seja possível receber informações e proceder a uma actualização permanente e, em simultâneo, promover e divulgar as actividades junto de potenciais interessados;

3) partilhar experiências em encontros internacionais, com carácter temático, onde seja possível discutir conceitos e metodologias que contribuam para repensar alguns dos procedimentos adoptados, evitando a repetição dos erros anteriormente cometidos noutros locais.

De forma a permitir um enquadramento global do Projecto e o reconhecimento internacional, é fortemente recomendado que seja enviada informação e documentação específica para a Organização Mundial do Turismo (OMT), convidando a uma visita técnica que reforce as posições assumidas na escolha dos segmentos prioritários. Esta acção pode também ser reforçada pela inclusão do Projecto em *newsletters* e outros documentos informativos, que a OMT divulga regularmente pelos associados.

3. Implementação de acções integradas

Do ponto de vista estratégico, é recomendável que a abordagem das acções a implementar seja perspectivada com um princípio de integração de diferentes tipos de medidas, tendo em conta os objectivos do Projecto.

Apesar da população da região de Biombo, e em particular de Quinhamel, ser acolhedora e aparentar receptividade e expectativas elevadas em relação à continuidade dos projectos turísticos, identificam-se múltiplas carências no que respeita à formação e capacitação das populações directamente envolvidas. Dadas as diversidades culturais em confronto, o desenvolvimento do turismo exige mais do que a simples hospitalidade que, apesar de ter extrema importância, não é suficiente em determinadas circunstâncias.

Por outro lado, a existência de amontoados de lixos, incluindo de garrafas e de latas em zonas de passagem e de descanso não é compatível com as motivações dos viajantes em momentos de férias ou de lazer, sobretudo quando se trata de responsabilidade social. A necessidade de adoptar medidas de limpeza e de controlo parece ser obrigatória, já que implica capacidade para envolver as populações locais nas acções sensibilizando-as.

Por fim, os Projectos Turísticos são tanto mais valorizados quanto maior importância for atribuída aos pormenores. Não é suficiente dispor de alojamento e de alguns serviços complementares. É necessário que o viajante dedique algum do seu tempo a apreciar e a usufruir do espaço que escolheu para se alojar durante a estadia.

3.1. Formação

Numa região como a de Biombo onde a formação profissional e funcional não têm sido nem prioridade nem realidade, a identificação de áreas de intervenção para a qualificação é incontornável. Assim, as prioridades formativas identificadas são múltiplas e diferenciadas, complementando-se no que respeita ao desempenho de funções específicas.

As recomendações na área da formação são diferenciadas, podendo identificar-se momentos prioritários durante a fase de implementação do Projecto. Assim:

a.1) Numa fase inicial sugere-se a realização de acções de formação com um carácter generalista, sendo particularmente vocacionada para todos os que tiverem contacto directo com os turistas. A este nível recomenda-se formação em língua portuguesa e uma língua estrangeira que, face ao enquadramento regional, será preferencialmente o francês, bem como técnicas de desenvolvimento e relacionamento interpessoal.

a.2) Na fase sequente, as acções formativas devem privilegiar o desempenho funcional em áreas operacionais⁸⁰ por serem as que, de forma mais directa, viabilizam o funcionamento do Projecto e a continuidade na prestação de serviços. As áreas de intervenção prioritárias são as que permitem qualificar dois grupos socioprofissionais específicos:

⁸⁰ Tal como tem sido praticado em Projectos similares, a formação nas áreas operacionais poderá ser da responsabilidade do Instituto Politécnico de Leiria.

a.2.1) Técnicas de Quartos e Áreas Comuns, já que diariamente são as responsáveis pela limpeza e arrumação de quartos e das áreas comuns, contribuindo decisivamente para o reforço da sensação de conforto que o turista encontra no alojamento;

a.2.2) Técnicas de Cozinha e de Restauração, por serem as responsáveis pela prestação local dos serviços de apoio e restauração (pequeno almoço, almoço, jantar e eventualmente preparação de refeições ligeiras para pic-nics), assim como da higiene alimentar, nutrição e gestão de aprovisionamentos. Esta área é determinante sobretudo num contexto regional precário em oferta de serviços de apoio ao turismo.

a.3) Numa terceira fase, mas que pode ter início desde já de forma a acompanhar todo o Projecto, recomenda-se a formação de técnicos de informação e animação turística⁸¹ e de ecoguias⁸². É desejável que, além dos conhecimentos sobre trilhos, orientação, fauna e flora, possam dominar: os acontecimentos históricos mais relevantes, as datas, os locais e os principais intervenientes; as características geográficas da região; as festas, as tradições, os costumes; as características do artesanato local e os pontos de venda. A disponibilidade de informações sobre diferentes temas é importante para o contacto com o turista responsável que, por característica, procura conhecer e aprender, entendendo a viagem como um momento por excelência para desenvolver a auto-aprendizagem.

a.4) Na quarta fase, a prioridade recai na gestão de projectos turísticos que, pela especificidade temática, exige a aquisição de competências que permitam coordenar as acções, planejar novos projectos e todas as actividades, organizar as reservas, as chegadas e as partidas de viajantes e ainda controlar financeiramente os resultados, sendo simultaneamente a imagem do Projecto.

As acções formativas requerem planeamento e definição das prioridades em função de um cronograma. Dado terem sido identificadas diferentes necessidades de formação e definidas prioridades diferenciadas, em função dos grupos socioprofissionais considerados, o planeamento das acções formativas implica um faseamento.

⁸¹ Pela especificidade temática e metodológica da animação turística, sugere-se que seja desenvolvida pelo Prof. Orlando Garcia da Escola Superior de Turismo do Estoril.

⁸² A formação de ecoguias poderá ser desenvolvida pelo Prof. Lelotte, tal como sucedeu no sul da Guiné-Bissau, em Tombali com o Projecto U'Anan.

O desenvolvimento das acções de formação deve ter um carácter de continuidade, concentrando-se temporalmente num período variável entre um e dois meses, dependendo do número de horas atribuído a cada unidade formativa. Independentemente das áreas de formação, todas as unidades deverão privilegiar o trabalho prático e a aquisição de experiência, estimulando a interacção entre os formandos e o formador, possibilitando a realização de exercícios e a simulação de situações concretas. A metodologia pedagógica a adoptar deverá centrar-se na capacitação para o desempenho, o que implica uma forte componente prática em substituição das metodologias tradicionais restritas à sala.

Do ponto de vista metodológico, é suposto que nos casos dos Técnicos de Quartos e Cozinha as instalações da unidade estejam concluídas de forma a permitir a simulação e a aprendizagem através da experiência. Este princípio pedagógico deve também ser assegurado no caso do Gestor, em que o espaço vocacionado para a recepção e acolhimento dos turistas da unidade deve estar concluído e devidamente equipado.

Independentemente do cronograma formativo que venha a ser definido, como forma a garantir o princípio da optimização dos tempos de formação e dos recursos materiais e humanos envolvidos, sugere-se a adopção de uma metodologia com funcionamento simultâneo, sempre que sejam contempladas temáticas comuns a diferentes formações socioprofissionais. Este é o caso por exemplo do Português ou do Relacionamento Interpessoal, que deverão ser assegurados em conjunto por grupos.

3.2. Recolha e limpeza de Lixos

A situação da acumulação de lixo em áreas residenciais, tanto urbanas como rurais, sem serem sujeitos a tratamento adequado, parece ser uma realidade de resolução complexa, quando equacionada na totalidade, tendo em conta os recursos disponíveis no âmbito do Projecto OntunLanN'do Botôr. Contudo, a nível local e regional podem ser promovidas algumas acções e implementadas medidas promotoras de melhorias a longo prazo, resultando na progressiva mudança de atitudes na relação estabelecida com o ambiente. Esta é uma temática particularmente sensível para o turismo, já que os lixo acumulados e não tratados significam o aumento dos riscos para a saúde pública com proliferação de doenças, insalubridade e degradação dos recursos ambientais.

R5 - RECOMENDA-SE QUE:

- sejam estabelecidas parcerias com o Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas para que, em conjunto, seja possível criar medidas de intervenção com as comunidades directamente envolvidas, com o objectivo de proceder à limpeza das áreas comuns e de promover a sensibilização para que, no futuro, os comportamentos sejam diferenciados;
- sejam realizadas acções temáticas alargadas de sensibilização comunitária, respeitando o princípio hierárquico de organização social de Regulado;
- sejam prosseguidas acções comunitárias de limpeza de espaços comuns, com recolha de lixo e tratamento consequente, de acordo com as práticas habituais de queimada, envolvendo os grupos etários mais jovens e mobilizando os professores;
- seja possível realizar concursos e campeonatos de limpeza, com oferta de prémios simbólicos aos participantes ou distribuição de pequenos objectos como canetas, lápis, bonés, camisolas ou outros;
- se mobilizem as escolas para a produção de cartazes pintados, alusivos às vantagens de ter um ambiente cuidado e saudável, a expor em local estrategicamente identificado;
- seja criado um sistema de tratamento de lixo resultantes do natural funcionamento do Projecto, equacionando eventualmente a possibilidade de realizar acções de formação sobre separação de resíduos sólidos e reciclagem de materiais, seguindo um conjunto de medidas no âmbito da unidade e que podem ter efeitos de difusão para as comunidades residentes no meio envolvente.

A primeira acção proposta, de fácil implementação e que permite obter resultados imediatos promovendo a criação de um ambiente mais limpo e saudável com benefício do ponto de vista produtivo, é a separação de lixo orgânicos ou domésticos associada ao desenvolvimento de processos de compostagem e produção de biofertilizantes. Estas acções requerem a adopção de procedimentos simples e práticos, não pressupondo a realização de investimentos elevados, por exemplo em tecnologias, existindo já experiências de sucesso com resultados certificados. Em paralelo, sugere-se que, por impossibilidade de um tratamento sistemático e criterioso de outros resíduos sólidos não orgânicos, como garrafas e latas, se proceda a uma regular recolha e armazenamento, de forma a ser possível o posterior tratamento em aterro.

Em função da disponibilidade de recursos e da possibilidade de recorrer a medidas alternativas, sugere-se a prossecução de acções alternativas para o tratamento de lixos, com separação e eventual reciclagem de alguns materiais para reutilização. Estas acções implicam que, através do desenvolvimento das actividades do Projecto, a atitude das comunidades em relação ao ambiente seja promotora de preservação.

No que respeita à reciclagem de materiais, sugere-se o envolvimento de grupos em idade escolar que, durante os tempos livres, possam aprender técnicas adequadas de tratamento de papel e cartão, mas também de plástico e latas. Desta forma, propõe-se a criação de oficinas ou ateliers temáticos, que podem ser promovidos por Associações Locais com experiência na área.

3.3. Valorização dos pormenores

Um ambiente acolhedor, com decoração cuidada em que os pormenores fazem a diferença, favorece no turista a sensação de conforto. Pensar, criar e introduzir pormenores não se traduz necessariamente em acréscimo de custos mas, antes, numa concepção diferenciada do projecto e que se caracteriza pelas particularidades. Assim, recomenda-se a criação de um conjunto de medidas que valorizam a iniciativa reforçando o que de melhor se oferece.

R6 - É RECOMENDADO QUE

- a) seja disponibilizado um livro de visitas que permita identificar os turistas, bem como os contactos e as mensagens que escreveu;
- b) se produzam pequenos quadros, a colocar nos diversos espaços, entre áreas comuns e quartos, contendo frases indicativas e sugestões para a adopção de comportamentos e atitudes adequados à postura responsável;
- c) na recepção, se coloquem fotografias dos visitantes mais mediáticos e emblemáticos que representam um indício de confiança e de segurança;
- d) os quartos sejam decorados com elementos típicos de cada sector, ou de cada etnia, dependendo da opção tomada;
- e) nos quartos sejam disponibilizados materiais para consulta, com a indicação de haver a possibilidade de compra se houver manifestação de vontade;

- f) sejam elaborados pequenos dossiers contendo sugestões e recomendações, com sinalética internacionalmente reconhecida e de fácil interpretação, a disponibilizar na recepção e em todos os quartos, como forma de incentivar a consulta. Esta metodologia reforça os cuidados requeridos aquando das visitas como forma de reduzir os riscos pessoais e do grupo e sensibiliza para a necessidade de um consumo racional e controlado de recursos, para a preservação ambiental e para a conservação de espécies;
- g) seja valorizada a concepção de alojamento “verde” respeitando a prática dos “3 R”, no sentido de reduzir, reciclar e reutilizar;
- h) sejam criadas fichas de sugestões e de reclamações, disponibilizadas nos quartos e na recepção, que devem ser entendidas não como uma simples crítica mas antes como uma oportunidade de se repensar procedimentos e melhorar continuamente a prestação de serviços.

Fontes Consultadas

- BADJI, Mamadu (2009) - "Os impactos do turismo na economia e redução de pobreza", Seminário de Validação de Estudos sobre o Turismo". SNV, Organização Holandesa de Desenvolvimento, Ministério do Turismo e Artesanato. Bissau, Janeiro.
- BRITO, Brígida (2002) - "O turista e o viajante: contributo para a conceptualização do turismo alternativo e responsável" in Actas do IV Congresso Português de Sociologia - Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos. Oeiras: Celta Editora (CD-ROM).
- BRITO, Brígida (2007) - "Estudo das potencialidades e dos constrangimentos do ecoturismo na região de Tombali". Lisboa, Instituto Marquês de Valle-Flôr e Acção para o Desenvolvimento.
- BRITO, Brígida et al (2009) - "Ética e responsabilização na promoção do Turismo Sustentável" in BRITO, B. (coord); ALARCAO, N. et MARQUES, J. (org) Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas. Lisboa, Gerpress.
- CABRAL, Alexandre (1999) - *"Collecte et analyse de données pour l'aménagement durable des forêts, joindre les efforts nationaux et internationaux. Rapport des données existants relatives au bois-energie dans la République de Guinée Bissau"*.
- CAIRE, Gilles (2005) - *"Tourisme solidaire, capacités et développement socialement durable"* in 5e Conférence internationale sur l'approche des Capacities, Paris.
- COMITÉ DO ESTADO DA REGIÃO (1995) - "Diagnóstico da Região de Biombo". Bissau, OPR.
- DIOMBERA, Kaousson (1999) - *"Programme d'évaluation des ressources forestières mondiales au Guinée Bissau"*. CE.
- Direcção-Geral de Turismo (2008) - "Guia 2008, Guiné-Bissau", Bissau.
- DJALÓ, Abdulah Bubacar (2002) - "Dados políticos, económicos e sociais. Projecto CSA Internacional". Secretaria de Estado do Comércio, Indústria, Turismo e Artesanato.
- DRIFT, Roy (1997) - "Subsídio de Estratégias para políticas de regionalização - Região de Biombo". Bissau, SNV, INEP.
- IBAP (2006) - "Relatório síntese do Atelier de Planificação Estratégica do Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas". Bissau, Setembro.
- ICEP (2004) - "Ficha de Mercado Guiné-Bissau". Lisboa.
- INEC (2005) - "Guiné-Bissau em números". Instituto Nacional de Estatísticas e Censos. Bissau, Nova Gráfica.
- INEC " projecção da população 1991-2025". Bissau.
- LAURENT, Alain (2003) - *"Caractériser le tourisme responsable facteur de développement durable"*. Toulouse: Ministère des Affaires étrangères.
- MARETTI, Cláudio (s.d.) - "Planificação costeira da Guiné-Bissau: princípios, procedimentos e resultados". Planeamento Costeiro, Gerenciamento Costeiro Integrado.

MARQUES, Joana et al (2009) - "Da economia solidária ao turismo solidário: para uma conceptualização e prática reflexivas" in BRITO, B. (coord); ALARCAO, N. et MARQUES, J. (org) Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas. Lisboa, Gerpress.

Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural (2004) - "*Rapport National 2004 de mise en oeuvre de la Convention des Nations Unies de Lutte contre la Desertification*".

Ministério da Economia (2004) - "Conclusões da II Conferência de Ministros de Turismo da CPLP". Gabinete do Secretário de Estado do Turismo, Lisboa, Março.

Ministério de Desenvolvimento Rural e Agricultura, Recursos Naturais e Ambiente e Programa de Nações Unidas para Desenvolvimento - "Estratégia e Plano de Acção Nacional para a Biodiversidade". Projecto GBS/97/G31/1G/9.

Ministério de Desenvolvimento Rural e Agricultura, Recursos Naturais e Ambiente; PNUD (1997) - "Estratégia e Plano de Acção Nacional para a Biodiversidade na Guiné-Bissau". Projecto GBS/97/G31/1G/9.

Ministério do Comércio e Turismo (2001) - "Plano Director de Turismo". Secretaria de Estado do Turismo e Artesanato, Bissau.

Ministério do Turismo e Artesanato (2009) - "Conclusões do Seminário de Validação de Estudos sobre o Turismo". SNV, Organização Holandesa de Desenvolvimento, Ministério do Turismo e Artesanato. Bissau, Janeiro.

Ministério do Turismo e Ordenamento do Território (s.d.) - "*Développement Touristique, Étude Générale*". República da Guiné-Bissau.

UICN, *Commission Mondiale des Aires Protégées* (CMAP).

OMT (1997) - "*Lo que todo gestor turístico debe saber. Guía práctica para el desarrollo y uso de indicadores de turismo sostenible*". *Organización Mundial del Turismo*, Madrid.

OMT/PNUD (2006) - "Estratégia e Plano de Acções para o Desenvolvimento do Turismo na Guiné-Bissau". República da Guiné-Bissau.

QUADÉ, Domingos (2007) - Anteprojecto de Lei Quadro das Áreas Protegidas, Versão Preliminar. Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas, República da Guiné-Bissau, Janeiro.

SANTOS, Moisés (2009) - "Descrição sumária das potencialidades turísticas", Seminário de Validação de Estudos sobre o Turismo". SNV, Organização Holandesa de Desenvolvimento, Ministério do Turismo e Artesanato. Bissau, Janeiro.

UNAT (2002) - "*D'autres voyages, du tourisme à l'échange*". Paris: UNAT.

WTO (2007) - "*Study on the concepts and realities of social and solidarity tourism in Africa*". Madrid: *World Tourism Organisation*.

Legislação

Decreto-lei nº 7A/2004 - Turismo e Desenvolvimento, Boletim Oficial, República da Guiné-Bissau.

Decreto-lei nº 102D/92 - Regime Jurídico para os Empreendimentos Turísticos, Boletim Oficial, República da Guiné-Bissau.

Decreto-Lei nº 3/97 - Lei Quadro das Áreas Protegidas, Boletim Oficial, República da Guiné-Bissau.

Decreto-Lei nº 62-C/92 - Regime Jurídico da Actividade Turística, Hoteleira e Similar, Boletim Oficial, República da Guiné-Bissau.

Decreto-Lei nº 62-D/92 - Regime Jurídico dos Empreendimentos Turísticos, Boletim Oficial, República da Guiné-Bissau.

Sites Consultados

Blog Afri-cana. "As Ostras no Português de Quinhamel"

<http://afri-cana.blogspot.com/2008/04/as-ostras-no-portugus-de-quinhamel.html>
(consultado em 20-01-2009)

Convenção da Biodiversidade

<http://www.biodiv.org/world/parties.asp> (consultado em 05-03-2009)

Dados da região de Biombo disponibilizados pelo PAIGC

<http://www.paigc.org> (consultado em 05-03-2009)

Dados da União Europeia

http://www.guine-bissau.net/ue/pt/gb_apresentacao.htm
(consultado em 20-01-2009)

Dados de Quinhamel e da Artissal disponibilizados pelo CIDAC

<http://www.cidac.org> (consultado em 20-01-2009)

Directory of Development Organizations

<http://www.devdir.org> (consultado em 20-01-2009)

Estratégia de Redução da Pobreza

<http://www.stat-guinebissau.com/denarp/denarp.pdf> (consultado em 20-01-2009)

Ficha da Guiné-Bissau

<http://www.indexmundi.com/pt/guine-bissau> (consultado em 18-01-2009)

Instituto Nacional de Estatística e Censos da Guiné-Bissau

<http://www.stat-guinebissau.com> (consultado em 18-01-2009)

Lonely Planet

<http://www.lonelyplanet.com/worldguide/destinations/africa/guinea-bissau>
(consultado em 18-01-2009)

Ministério do Turismo e Artesanato da República da Guiné-Bissau

<http://www.minturgb-gov.com>

(consultado em 20-03-2009)

Relatório dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio

<http://www.gw.undp.org/omdgw.pdf> (consultado em 20-01-2009)

UNEP

<http://www.unep-wcmc.org> (consultado em 20-01-2009)

World Travel Guide

http://worldtravelguide.net/country/110/contry_guide/Africa/Guine-Bissau.htm
(consultado em 20-01-2009)

ANEXOS

A. Programa de Missão

B. Mapas

C. Guião de Entrevista

D. Proposta de Planeamento de Formação

D1. Gestão de Projectos Turísticos Locais

D2. Recepção e Acolhimento

D3. Quartos e Áreas Comuns

D4. Cozinha

D5. Bar e Restaurante

D6. Informação e Animação Turística

D7. Oficina de Reciclagem

E. Fotografia

ANEXO A

Programa da Missão

Planeamento da Missão de 25 de Janeiro a 5 de Fevereiro de 2009

DATA	ACTIVIDADE
26 de Janeiro	<p>Deslocação de Bissau a Quinhamel.</p> <p>Contacto com o Projecto e Coordenadores.</p> <p>Entrevista ao Presidente da Artissal, Eng. Maximiano Ferreira.</p> <p>Consulta de documentos disponibilizados pela Directora Executiva da Artissal, Dra. Mariana Ferreira.</p>
27 de Janeiro	<p>Saída de Quinhamel em direcção à Praia Piquil com passagem pelo Reino de Tor e pela Floresta Sagrada; visita à casa do Régulo. Passagem por: Bolanha de Bissá; mercado Bolom; Missão Católica; Ondame; Blim-Blim; Porto de Sigá e Porto tradicional de Ondame; Mato de Biombo. Chegada a uma zona de mangal em Ponta Biombo cuja passagem é inacessível por estar coberta de água do Rio de Tor (braços de mar). Inexistência de estrada de ligação, ponte, passadeira ou embarcadouro. Tentativa de transbordo em canoa artesanal impossibilitada pela ausência de pescadores no local, requerendo acordo prévio.</p> <p>Regresso a Ondame em direcção a Quitáia para acesso ao Mato de Cufongo: difícil acesso, estreito para passagem de carro implicando caminhada entre as bolanhas com uma distância de cerca de 1,5km por percurso. Possibilidade de: contemplar a paisagem e as bolanhas; observar animais de pasto (manadas de vacas) e aves, tais como a garça e o tchintor. Dada a reduzida distância, durante a caminhada, é possível observar Piquil do lado direito e o Mato de Cufongo em frente e à esquerda.</p> <p>Regresso a Quinhamel a partir de Quitáia com visita ao Porto tradicional de Sigá, onde existe um projecto de pesca artesanal, sem que contudo exista embarcadouro. Passagem pelo Regulado de Biombo para visita ao Régulo Djolonga e chegada a Quinhamel com incursão ao braço de rio, onde se faz extracção de areia em canoa artesanal com remador.</p>

28 de Janeiro	<p>Visita ao Régulo de Quinhamel, N'Sasso Ka, Balobero do Régulo de Tor, com apresentação do estudo, projecto e entrevista.</p> <p>Visita à Ponta de Rio Santo, a cerca de 5 km de Quinhamel, onde se fabrica vinho de caju através de técnicas artesanais, seguindo para Bijimita de forma a ter acesso a Ponta Cabral com passagem por Bissauzinho.</p> <p>Realização de caminhada com cerca de 4 km por percurso, passando por bolanhas e floresta. Possibilidade de observar espécies de aves em <i>habitat</i> natural e de contactar com uma comunidade balanta residente em Ponta Cabral.</p> <p>Local privilegiado para contemplação da paisagem fluvial com braços do rio Mansoa onde se avistam pequenas ilhas.</p> <p>Regresso e passagem pelas propriedades agrícolas de grandes dimensões, também denominadas Pontas; Vítor Robalo ou Boa Esperança (produção de fruta); Nhara ou Califórnia (produção de arroz, vinho de palma, ostras).</p>
29 de Janeiro	<p>Saída de Quinhamel em direcção ao sector de Prábis para acesso à Praia do Suru. Ligação entre Quinhamel e Bissau, virando à direita para os Bairros Novo, Quelélé e Bor. Saída de Bissau com passagem por Cumura e Cumura de Papel (cerca de 16 km), chegando a Prábis (cerca de 12 km de estrada asfaltada). De Prábis a Suru a estrada é em picada distando cerca de 12 km.</p> <p>Chegada a Suru, zona de mangal com diversidade e abundância de aves migratórias, conchas e outros sedimentos, avistando-se ao longe a Praia Piquil. Visita à praia e observação de aves migratórias.</p> <p>Regresso com passagem pelo Mato de Péfini, nas proximidades de Cumura, onde é possível visitar e conhecer as actividades extractivas de areia na tabanca de Péfini.</p>
30 de Janeiro	<p>Entrevistas em Bissau com o Director-Geral do Turismo, Dr. Francisco José da Costa e com o Presidente da Associação de Hotelaria, Restauração e Turismo da Guiné-Bissau, Sr. Lobato.</p> <p>Recolha de dados e de documentos disponibilizados pelo Director-Geral do Turismo e pelo Presidente da Associação de Hotelaria, Restauração e Turismo da Guiné-Bissau. Consulta de documentos e sistematização de informações recolhidas.</p>

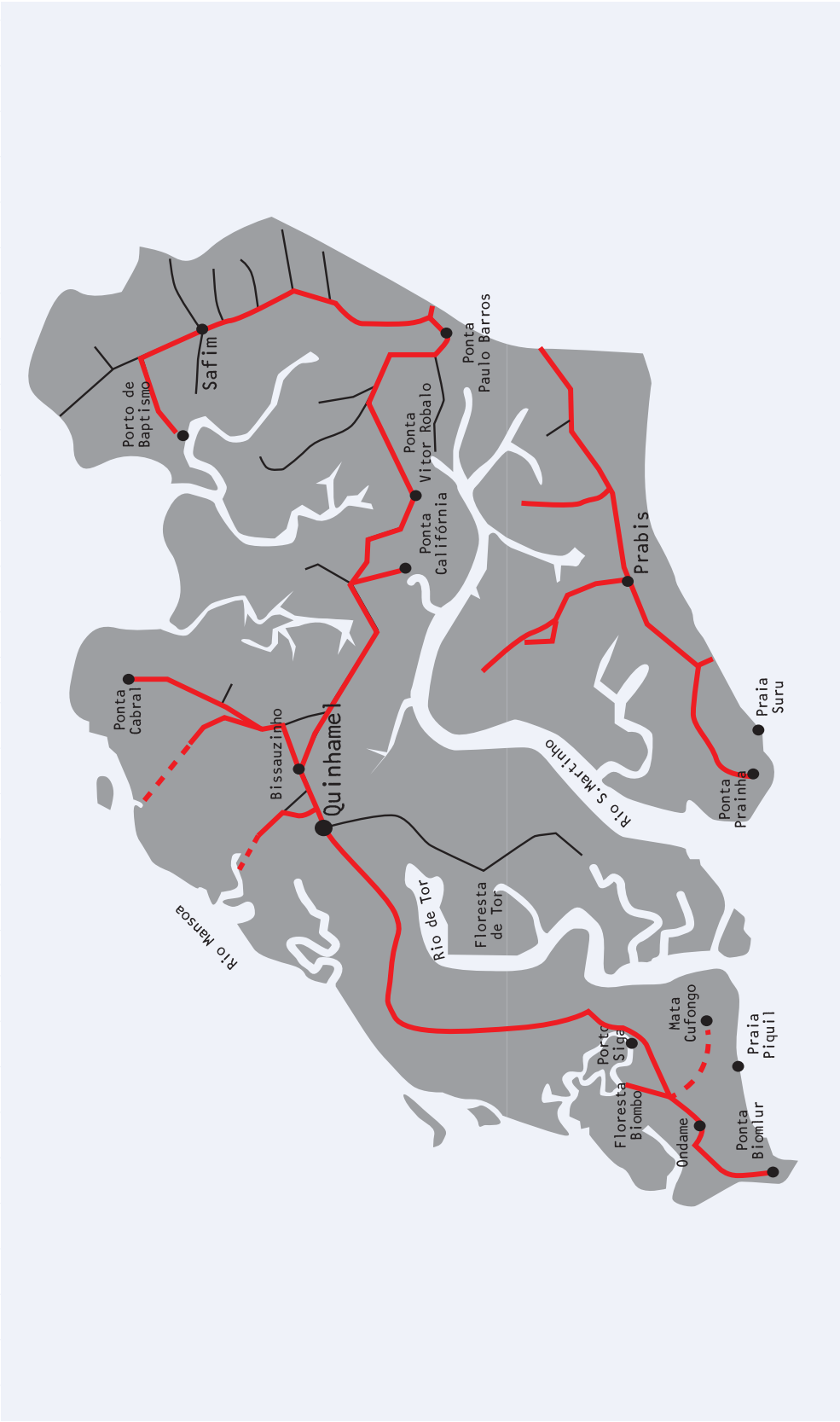
31 de Janeiro	<p>Saída de Quinhamel em direcção a Prábis, para visita à Ponta Paulo Barros onde existe uma destilaria de produção de cana. Contacto com o filho do dono do alambique, visita e observação de todo o processo de destilaria. Inexistência de loja ou de pequeno ponto de venda de aguardente devidamente engarrafada e rotulada (informação de que começam a pensar nesta necessidade).</p> <p>Regresso a Bissau para acesso ao sector de Safim, em direcção à Ponte João Landim ou Amílcar Cabral sobre o rio Mansoa. Passagem pela fábrica de colchões (Fábrica de Espuma). Possibilidade de observar as salinas de João Landim ao chegar à ponte. Observação de aves e de cetáceos (golfinho). Contacto com pescadores isolados em actividade de pesca artesanal, em canoa tradicional e com o mercado local de venda de peixe (bagre, caranguejo, ostras).</p> <p>No regresso, visita às instalações do Hotel Rural João Landim, antigo alojamento dos funcionários da construção civil a trabalhar na ponte) e conversa informal com o gestor para recolha de informações.</p> <p>Passagem pelo Porto de Baptismo em Safim, que requer passagem pelo interior de uma tabanca balanta e curta caminhada com duração de 10 minutos. Difícil acesso (alternativas?) mas local privilegiado para observação e contemplação. Possibilidade de ligação a João Landim de canoa.</p>
1 de Fevereiro	<p>Saída de Quinhamel em direcção a Tor e a Biombo para visita e entrevista com os Régulos N'Koia e Djolonga.</p> <p>Chegada a Tor, contacto com o régulo N'Koia e com os baloberos do conselho do Regulado, com seguimento para Biombo e contacto com o régulo Djolonga (João António Longa). Apresentação do projecto, estudo e entrevista.</p> <p>Regresso a Quinhamel, leitura de documentos e análise. Sistematização de dados recolhidos.</p>
2 de Fevereiro	<p>Saída para Bissau para contacto com o Director do Instituto da Biodiversidade e Áreas Protegidas (IBAP), Dr. Alfredo Simão da Silva, que disponibilizou recursos cartográficos e documentos vários para análise.</p> <p>Visita à loja da Artissal em Bissau.</p> <p>Regresso a Quinhamel e análise de documentação.</p>

- | | |
|----------------|---|
| 3 de Fevereiro | Análise de documentos e sistematização de informações; registo dos percursos em recursos cartográficos. Contacto com a Directora Executiva do Projecto, Dra. Mariana Ferreira.
Visita da técnica expatriada do Instituto Marquês de Valle Flôr a Quinhamel. |
| 4 de Fevereiro | Visita à destilaria do Sr. Manuel em Quinhamel. Contacto com os funcionários do alambique, visita e observação do processo de destilaria. Inexistência de loja ou de pequeno ponto de venda de aguardente, devidamente engarrafada e rotulada (informação de que começam a pensar nesta necessidade).
Reunião com os artesãos da Artissal, Directora Executiva e Presidente com o objectivo da apresentação provisória das principais linhas de orientação do estudo, identificando as potencialidades, os constrangimentos e as medidas a propor. |

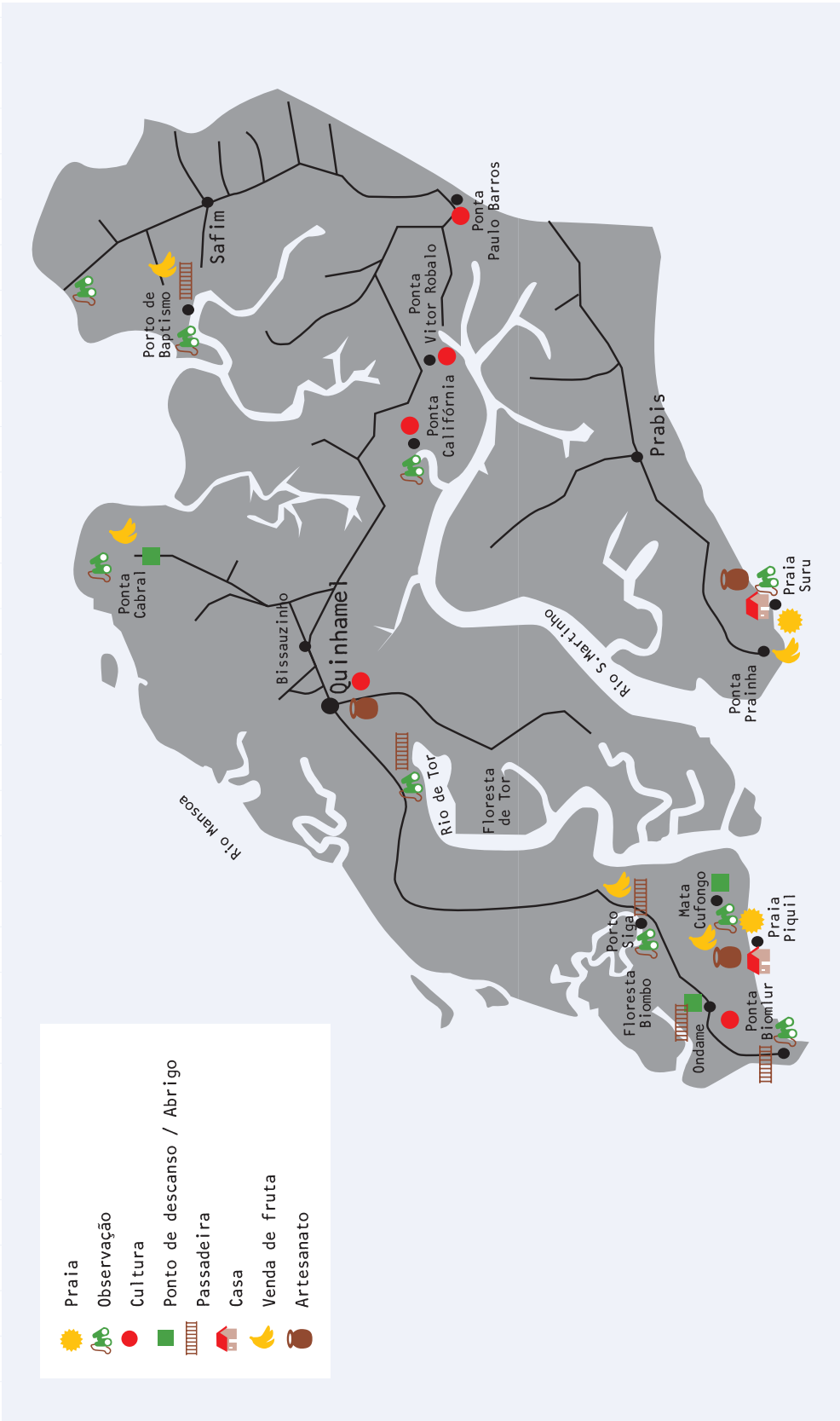
ANEXO B

Mapas

Mapa A - Percursos realizados no decorrer da missão



Mapa B - Identificação das Recomendações propostas



ANEXO C

Guião de Entrevista

P1 - De que forma o turismo é perspectivado, a nível nacional e pelos órgãos da tutela? É considerado como um sector privilegiado na promoção do desenvolvimento da Guiné-Bissau? Se sim, em que medida?

P2 - Qual a importância real do sector? As estatísticas de turismo são produzidas regularmente e actualizadas?

P3 - Como caracteriza o turista que viaja para a Guiné-Bissau (origem, características, tipo de actividades desenvolvidas)? E que tipo de actividades procura desenvolver?

P4 - O Plano Estratégico elaborado pelo PNUD em 2006/7 foi aprovado e está a ser implementado? Que outros estudos se realizaram e promovidos por que organizações?

P5 - Quais as principais características e elementos que considera potenciais para a promoção do turismo e que podem ser apelativos na atracção de novos segmentos de turistas?

P6 - Quais os principais constrangimentos que se sentem na Guiné-Bissau e que, de alguma forma, limitam ou condicionam o desenvolvimento do sector?

P7 - Quais as principais características diferenciadoras no que respeita à região de Biombo e que podem ser consideradas como potenciais para a promoção do turismo?

P8 - E quais os principais constrangimentos desta região que podem limitar ou condicionar a visita de estrangeiros a esta região?

P9 - Que acções considera ser necessário desenvolver para que a Guiné-Bissau seja um destino turístico competitivo do ponto de vista internacional?

ANEXO D

Proposta de Planeamento de Formação

D1. Gestão de Projectos Turísticos Locais

Objectivos:
Adquirir conhecimentos que viabilizem a dinamização da unidade e a gestão dos recursos financeiros, materiais e humanos.

Programa:

- 1. Organização e Serviços
- 2. Marketing e Vendas
- 3. Recepção e Reservas
- 4. Contabilidade Geral
- 5. Gestão de Aprovisionamentos
- 6. Manutenção e Equipamentos
- 7. Francês
- 8. Português
- 9. Relacionamento Interpessoal

Tema	Nº Horas
Organização e Serviços	6
Marketing e Vendas	4
Recepção e Reservas	4
Contabilidade Geral	10
Gestão de Aprovisionamentos	10
Manutenção e Equipamentos	6
Francês	20
Português	20
Relacionamento Interpessoal	8
TOTAL	60

D2. Recepção e Acolhimento

Objectivos:
Adquirir conhecimentos que garantam a gestão das reservas o controle das entradas e saídas, acolher os visitantes e prestar esclarecimentos adequados em função das necessidades, reencaminhando as solicitações para os sectores respectivos.

Programa:

- 1. Relacionamento interpessoal no acolhimento
- 2. Reservas e Planeamento
- 3. Francês
- 4. Português
- 5. Resolução de diferendos
- 6. O livro de visitas

Tema	Nº Horas
Relacionamento interpessoal no acolhimento	10
Reservas e Planeamento	4
Francês	20
Português	20
Resolução de diferendos	6
O livro de visitas	2
TOTAL	62

D3. Quartos e de Áreas Comuns

Objectivos:
Aprender técnicas de limpeza, arrumação, desinfeção e fiscalização nos quartos e áreas comuns.

- Programa:
- 1. Planeamento do trabalho e dos recursos.
 - 2. Divisão do trabalho e coordenação diária, as tarefas a realizar. Organização Pessoal.
 - 3. Técnicas de Limpeza, Arrumação e Desinfeção. Equipamentos e Produtos de Limpeza e Desinfeção.
 - 4. Limpeza de áreas Comuns
 - 5. Fiscalização
 - 6. Português
 - 7. Relacionamento Interpessoal

Tema	Nº Horas
Planeamento do trabalho e dos recursos.	2
Divisão do trabalho e coordenação diária, as tarefas a realizar. Organização Pessoal.	4
Técnicas de Limpeza, Arrumação e Desinfeção. Equipamentos e Produtos de Limpeza e Desinfeção.	6
Limpeza de áreas Comuns	2
Fiscalização	2
Português	20
Relacionamento Interpessoal	4
TOTAL	40

D4. Cozinha

Objectivos:
Desempenhar correcta e eficazmente as funções técnicas de cozinha.

Programa:

- 1. Higiene e segurança na cozinha
- 2. Preparação de refeições (pequeno-almoço, almoço, jantar, pic-nics)
- 3. Elaboração de um menu
- 4. Gestão de Aprovisionamentos
- 5. Português
- 6. Relacionamento Interpessoal

Tema	Nº Horas
Higiene e segurança na cozinha	4
Preparação de refeições (pequeno-almoço, almoço, jantar, pic-nics)	4
Elaboração de um menu	4
Gestão de Aprovisionamentos	4
Português	20
Relacionamento Interpessoal	4
TOTAL	40

D5. Bar e Restaurante

Objectivos:

Desempenhar correcta e eficazmente as funções de serviços complementares em bar e no atendimento nos momentos das refeições.

Programa:

1. Utensílios e recursos
2. A mesa
3. O serviço de restaurante
4. Bebidas e aconselhamento
5. Português
6. Francês
7. Relacionamento Interpessoal

Tema	Nº Horas
Utensílios e recursos	4
A mesa	4
O serviço de restaurante	4
Bebidas e aconselhamento	4
Português	20
Francês	20
Relacionamento Interpessoal	4
TOTAL	60

D6. Informação e Animação Turística

Objectivos:
Saber informar o Turista, conhecer os aspectos mais significativos da História e Geografia, enumerar os diferentes itinerários e locais de interesse turístico, descrever as actividades tradicionais, contar histórias e relatos.

- Programa:
- 1. Tipos de turistas, necessidades e interesses
 - 2. Noções relevantes de História e Geografia nacionais
 - 3. Conhecimentos gerais sobre flora e fauna
 - 4. Festas, Tradições, Costumes, Artesanato
 - 5. Os Itinerários
 - 6. Como gerir e animar um grupo
 - 7. Português
 - 8. Francês
 - 9. Relacionamento Interpessoal

Tema	Nº Horas
Tipos de turistas, necessidades e interesses	2
Noções relevantes de História e Geografia nacionais	4
Conhecimentos gerais sobre flora e fauna	4
Festas, Tradições, Costumes, Artesanato	2
Os Itinerários	4
Como gerir e animar um grupo	10
Português	20
Francês	20
Relacionamento Interpessoal	4
TOTAL	70

D7. Oficina de Reciclagem

Objectivos:

Capacitar grupos identificados no seio das comunidades próximas ao Projecto, nas actividades de transformação e reciclagem de recursos através da adopção de técnicas simples e artesanais.

Identificar alternativas para o tratamento de resíduos sólidos, reduzindo a pressão sobre o ambiente e valorizando a reutilização de alguns materiais.

Programa:

1. Resíduos, reciclagem e reutilização
2. Técnicas de Reciclagem de Papel
3. Construção de Brinquedos Naturais
4. Produção de Tintas
5. Sabões e Essências

ANEXO E

Fotografias

Fotografia 1 - Sede da Artissal, Quinhamel



Fotografia 2 - Equipa de artesãos e costureiras da Artissal com o Presidente e a Directora Executiva



Fotografia 3 - Placa indicativa do Projecto OntunLanN'do Botôr



Fotografia 4 - Local de construção dos alojamentos



Fotografia 5 - Momento de produção de pano de pente por artesãos da Artissal



Fotografia 6 - Fábrica de produção artesanal de panos de pente



Fotografia 7 - Loja da Artissal em Bissau



Fotografia 8 - Acesso a Piquil, Ponta Biombo



Fotografia 9 - Acesso a Piquil, Ponta Biombo



Fotografia 10 - Acesso ao Mato de Cufongo



Fotografia 11 - Entrada no Mato de Cufongo



Fotografia 12 - Observação de pássaros, Tchintor



Fotografia 13 - Porto tradicional de Sigá



Fotografia 14 - Porto de extracção de areia em QuinhameI



Fotografia 15 - Ponta Vítor Robalo, produção artesanal de vinho de caju



Fotografia 16 - Percurso para caminhada em direcção a Ponta Cabral



Fotografia 17 - Observação de aves na caminhada a Ponta Cabral



Fotografia 18 - Régulos de Biombo (Djolongá), Tor (N'Koia) e Qui-nhamel (N'Sasso)



Fotografia 19 - Processo de fermentação de Cana (aguardente de cana),
Ponta do Sr. Manuel em Quinhamel



Fotografia 20 - Diversidade paisagística da praia de Suru



Fotografia 21 - Biodiversidade de aves migratórias na praia de Suru



Fotografia 22 - Salinas



Fotografia 23 - Extracção de areia em Péfini



Fotografia 24 - Ponte João Landim, Mercado de Peixe e Golfinhos do Rio Mansoa



Fotografia 25 - Porto de Baptismo em Safim



Fotografia 26 - Demonstração da planta tintureira Djabarana e tina de coloração natural



